

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

ILUSTRAÇÕES DE JOÃO FAZENDA

BOCA DO INFERNO

UM ANO DE CRÔNICAS NA

VISÃO

ISBN 989612223-7



9 789896 122232



MONTEPIO GERAL

HA VALORES QUE DURAM SEMPRE

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

tem 31 anos e nasceu em Lisboa. Foi jornalista do *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*. É guionista desde 1998, tendo sido co-autor de textos produzidos para Herman José e Maria Rueff, entre outros. É co-autor, com Miguel Góis, Zé Diogo Quintela e Tiago Dore, do programa *Gato Fedorento*. Considerado a grande referência da nova geração de humor em Portugal, tocando públicos muito diferentes, é colaborador da *VISÃO* desde 2004, revista onde escreve uma crónica semanal, ilustrada por João Fazenda

JOÃO FAZENDA tem 27 anos e nasceu em Lisboa. É ilustrador em vários jornais e revistas nacionais, casos do *Público*, *O Independente*, *Icon* ou *Ler*, entre outros. Ilustrou livros infantis e é co-autor da banda desenhada *Loverboy*, com Marte, e da novela gráfica *Tu és a mulher da minha vida, ela a mulher dos meus sonhos*, com Pedro Brito. Prepara duas curtas-metragens de animação e estuda Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa. Ilustra a página semanal de Ricardo Araújo Pereira na revista *VISÃO*



TÍTULO: Boca do Inferno – Um ano de crónicas na VISÃO

AUTOR: Ricardo Araújo Pereira

ILUSTRAÇÃO: João Fazenda

CAPA: José Pinto Nogueira

GRAFISMO: João Carlos Mendes

PAGINAÇÃO: Nuno Silva e Paulo Reis

REVISÃO: Rui Carvalho e António Ribeiro

ASSISTENTE EDITORIAL: Sofia Vicente

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Norprint Artes Gráficas, S. A.

Zona Industrial Alto da Cruz – Fontiscos – Ap. 172

4780-583 Santo Tirso

DATA DE IMPRESSÃO: Março de 2006

DEPÓSITO LEGAL: 239356/06

ISBN: 989-612-223-7

VISÃO

Edifício S. Francisco de Sales

Rua Calvet de Magalhães, 242

2770-022 Paço de Arcos



RICARDO ARAÚJO PEREIRA

BOCA DO INFERNO

UM ANO DE CRÓNICAS NA

VISÃO



Como calculam, é para mim uma honra prefaciар este livro. O autor é uma pessoa que prezo muito e esta é, sem dúvida, uma obra maior da literatura portuguesa. Não posso deixar de dar os parabéns à VISÃO por ter tido a lucidez de contratar um cronista desta envergadura. Claro, Lobo Antunes e Mega Ferreira escrevem benzinho, e José Gil e Eduardo Lourenço produzem um ou outro raciocínio interessante. Mas qual deles alguma vez abordou temas como a problemática dos coletes de segurança, as idiossincrasias dos empregados de café, ou a carreira de José Cid? Nenhum. E chamam a si próprios cronistas...

Ao contrário, Ricardo Araújo Pereira tocou todos os pontos fulcrais da sociedade portuguesa. Ricardo Araújo Pereira sabe, em cada assunto, qual é a questão essencial. Nunca nos diz qual é, mas vê-se que sabe. Ricardo Araújo Pereira não tem papas na língua. Ricardo Araújo Pereira é, digamos, o maior – passe o eufemismo.

Durante o ano que passou, Ricardo Araújo Pereira irritou – ou, pelo menos, esforçou-se por irritar – muita gente. Convido o leitor a descobrir se é uma das pessoas que este interessantíssimo cronista tentou aborrecer (se o leitor for o Vasco Pulido Valente, digo-lhe já que sim). Confirme-o, lendo este magnífico livro de Ricardo Araújo Pereira.

Ricardo Araújo Pereira

Constituição, **alínea** **b** do artigo 39

O PAÍS ANDA DIFÍCIL de compreender. Quando pensamos que o Governo está demitido, o primeiro-ministro convoca uma conferência de imprensa para anunciar que se demite ainda mais. Os jornalistas, não percebendo nada do que se está a passar, buscam explicações junto dos constitucionalistas. Um constitucionalista é uma pessoa que recorre à Constituição (geralmente, à alínea b do artigo 39) para confirmar que, de facto, não se percebe nada do que se está a passar. Quem pode explicar tudo isto? Eu não, certamente. Mas

comida boa deve ser preferida em relação à comida má»; «Não ser atropelado por um camião de 18 rodados faz melhor à saúde do que ser atropelado por um camião de 18 rodados»). Tal era a originalidade da proposta que nenhum comentador teve a gentileza de lembrar ao professor Cavaco que, em Portugal, a expressão «políticos competentes» não passa, há um bom par de séculos, de um intrigante oxímoro. O máximo a que podemos aspirar é que os políticos incompetentes se vão afastando uns aos outros. Foi nessa altura que o Presidente da

É muito curioso que o Presidente leve cinco meses para perceber aquilo que a maior parte do País percebe em cinco minutos

(e essa é uma das lacunas da democracia) ninguém me pode impedir de tentar.

VAMOS POR PARTES. Primeiro, Cavaco Silva escreveu um artigo no *Expresso* em que defendia que os políticos competentes deviam afastar os políticos incompetentes (mais ideias para futuros artigos de Cavaco Silva: «A

República resolveu fazer o que muitos portugueses lhe pediram que fizesse em Julho (especialmente os portugueses residentes em Lisboa e na Figueira da Foz), e dissolveu a Assembleia. É muito curioso que o Presidente leve cinco meses para perceber aquilo que a maior parte do País percebe em cinco minutos. Há uma possibilidade muito forte de, lá

para Maio, Jorge Sampaio cair em si e dizer: «Espera... Tu queres ver que ainda não é este ano que o Benfica vai lá?» Mal Sampaio anunciou a realização de eleições antecipadas, o Governo demitiu-se. Ou seja, depois de o Presidente dissolver o Parlamento, Santana começou, finalmente, a tomar decisões benéficas para o País.

QUE DIABO, é vontade de contrariar. Mais: é quando já está demissionário que Santana desata a cumprir promessas.

O projecto da descentralização dos ministérios vai, enfim, ser concretizado, agora que cada ministro vai para sua casa.

E, em traços gerais, foi o que aconteceu.

Posto isto, penso que é possível agora sim concluir que, tendo em conta a alínea b do artigo 39 da Constituição, Portugal não faz sentido nenhum.

Pergunto-me se o leitor conhece a sensação de ter um romance genial escrito na cabeça e mais tarde perceber que alguém já publicou um muito parecido.

(Com todo o respeito pelo leitor, creio que não. Esta é, provavelmente, uma conversa para eu ter com o Lobo Antunes, a sós.) Antontem foi lançado o livro *Memórias de um Espermatozóide Irrequieto*, de Maria Guinot. Não li a obra, mas temo bem que Guinot tenha tido a mesma ideia que eu vinha trabalhando há anos. Era minha intenção contar a história de um espermatozóide, e também o meu tinha como traço distintivo

da personalidade a irrequietude até porque, parece-me, de livros sobre espermatozóides mortícios andamos todos fartos.

Se o bom Xavier de Maistre, pensava eu, tinha viajado à roda do seu quarto, quantas aventuras poderia um espermatozóide viver no interior dum testículo? Inúmeras, sobretudo se tivermos em conta que, em proporção, o espermatozóide está muito mais à vontade num testículo do que Xavier de Maistre no seu quarto.

A originalidade da ideia parece-me evidente: quantos romances há cujo enredo decorra essencialmente no âmbito do escroto? Tirando algumas passagens dos de Margarida Rebelo Pinto, nenhum.

Maldita seja, Maria Guinot. ■



Só vejo **sifões** à minha frente

PERCEBEMOS QUE O PAÍS está a mudar quando há um escândalo na Madeira e o seu protagonista não é Alberto João Jardim. É um facto inédito que merece ser celebrado com estardalhaço. Quando estamos convencidos de que as instituições democráticas do continente atingiram o ponto mais alto da falta de credibilidade, podemos, quase sempre, contar com o parlamento da Madeira para nos mostrar que o ponto mais alto fica ligeiramente mais acima. No entanto, não foi esse o caso na semana passada. Dois deputados à Assembleia Regio-

nete» na discussão política representa, por si só, uma lufada de ar fresco na vida parlamentar portuguesa. Depois de ter sido vaticinada a morte das ideologias, eis que surge uma questão fracturante como a dos sifões, que faz renascer a clivagem entre a direita e a esquerda. Toma lá que já almoçaste, Fukuyama.

É MEU DEVER informar os leigos em louça sanitária do seguinte: o que aqui se discute não é coisa de somenos. O sifão é, provavelmente, o acessório mais importante de todos quantos exercem funções no quarto de ba-

A introdução do tema «sifões de retrete» na discussão política representa, por si só, uma lufada de ar fresco na vida parlamentar portuguesa

nal iniciaram um debate que me parece proveitoso e sério. Jaime Ramos, do PSD, anunciou à câmara que, na sua opinião, Jacinto Serrão, do PS, era um rinoceronte; este contrapôs que o primeiro teria enriquecido a comercializar sifões de retrete. Analisemos uma coisa de cada vez, que o debate é intrincado. A introdução do tema «sifões de re-

nho e, se assim não fosse, tenho a certeza de que Jacinto Serrão não o traria à liça. A histórica portaria nº 11338 de 08-05-1946, que regula as canalizações de esgoto, legisla abundantemente sobre o sifão («Os sifões deverão ser solidamente construídos, com um acabamento interior perfeito, sem rebarbas, rugosidades ou asperezas (...)), proclama, sabiamente, o

legislador) ao mesmo tempo que ignora por completo outros acessórios como o assento da sanita, o tampo ou o próprio autoclismo.

MAIS: O FACTO DE JAIME RAMOS ter consagrado a vida apenas aos sifões, e não à comercialização de retretes em geral, pode ser uma explicação para o seu súbito enriquecimento. Pois não foi Adam Smith quem disse que a especialização do trabalho funcionava como instrumento do aumento da produtividade? Não sei. Mas conheço pessoas que já leram *A Riqueza das Nações* e garantem-me que sim. A valia da discussão sobre o rinoceronte é, para mim, mais evidente, na medida em que me parece óbvia a referência à obra de Ionesco¹. Jaime Ramos quis dizer-nos o seguinte: quando um rinoceronte aparece nas ruas de uma cidade francesa, isso chama-se teatro do

absurdo; quando é avistado no parlamento da Madeira, isso chama-se simplesmente Portugal. E tem toda a razão.

Interessante, a entrevista de Veríssimo Serrão ao *DNA* da passada sexta-feira.

O historiador não utiliza a Internet porque, segundo diz, possui um arquivo com mais de 50 mil fichas onde obtém toda a informação de que necessita.

Como é evidente, não conheço o ficheiro, mas tenho sérias dúvidas de que aquele seja, como defende Serrão, superior à world wide web. Em todo o caso, no dia em que Veríssimo Serrão fizer uma pesquisa no seu arquivo com as palavras big+juicy+boobs e a consulta devolver 478 mil resultados, ficarei convencido. ■

¹Sei que, depois de Fukuyama e Smith, Ionesco é o terceiro autor que cito na crónica de hoje. Resolvi organizar um campeonato com Eduardo Prado Coelho, para ver qual de nós cita mais nomes. Esta semana, EPC bateu-me por 159 a 3.



A cotonete de Luís Figo

Por que razão se fala tão pouco de cotonetes na comunicação social portuguesa? Ninguém sabe. Pacheco Pereira talvez saiba (uma vez que sabe um grande número de coisas) mas não diz. Pois eu recuso-me a colaborar nesta conspiração de silêncio. Começo, aliás, por dizer que uma parte importante da minha higiene auricular se faz com recurso às cotonetes. E se o assumo aqui, publicamente, é porque espero que o meu testemunho possa ajudar milhares de leitores. **A verdade é que não é fácil adquirir cotonetes.** Da última vez que me di-

A diferença era esta: a embalagem normal custa 59 cêntimos e contém 200 cotonetes.

A outra, ligeiramente diferente mas com a inscrição «Caixa Prestígio», custa um euro e 19 cêntimos, e contém apenas 160 cotonetes (iguais às outras). As contas são fáceis de fazer: o prestígio, em Portugal, custa 60 cêntimos e 40 cotonetes. Não é caro, convenhamos.

De modo que desejei a «Caixa Prestígio». Não há nada que se compare com a felicidade de, todo nu em frente ao espelho, poder extrair cerume da orelha (actividade das menos presti-

As contas são fáceis de fazer: o prestígio, em Portugal, custa 60 cêntimos e 40 cotonetes. Não é caro, convenhamos

rigi a uma superfície comercial com esse propósito, pedi indicações a um funcionário.

«Deseja a embalagem normal ou a 'Caixa Prestígio?'», disse ele. (Havia aqui uma imprecisão. De facto, eu não «desejava» cotonetes. Limitava-me a «querer» algumas. Mas deixei passar.) «Qual é a diferença?», perguntei.

giantes) com uma cotonete retirada de uma «Caixa Prestígio».

TENHO A CERTEZA de que Luís Figo usa as mesmas cotonetes que eu. O jogador lançou recentemente o livro de fotografias *Um Ano na Vida de Luís Figo* e, nos cinco parágrafos do prefácio, o Presidente Jorge Sampaio fala três vezes em prestígio. Diz ele:

«Ao longo de uma carreira excepcional, Luís Figo afirmou-se universalmente, prestigiando, de forma ímpar, o país que o viu nascer.» E mais à frente: «O seu prestígio foi e continua a ser reconhecido pelas mais prestigiadas instituições (...)» Notável, na medida em que nos permite tirar duas conclusões. Primeira: no dia em que escrevi este texto, o Presidente tinha o dicionário de sinónimos do seu processador de texto avariado; segunda: quando se tem prestígio reconhece-se melhor o prestígio dos outros facto que, inevitavelmente, nos prestigia. Que o prestígio de Figo fosse reconhecido por instituições vulgares, já não seria mau; que essas instituições sejam, também elas,

prestigiadas, é cair numa orgia de prestígio que, parece-me, pode fazer mal à saúde.

O POVO PORTUGUÊS, que se borrija (é o termo técnico usado em Ciência Política) nas eleições nacionais, acompanhou com curiosidade inédita o processo eleitoral ucraniano apenas porque um dos candidatos foi envenenado. **Penso que pode estar aqui a solução para a nossa democracia: envenenar meia dúzia de políticos.** A Comissão Nacional de Eleições que me contacte, que eu já estou a fazer uma lista de nomes. E tragam-me mais uma resma de papel, se fazem favor, porque as que eu tenho cá em casa não chegam. ■



o Oráculo de Delgado

DEVO PREVENIR os leitores para o seguinte: sempre que tiver falta de assunto (o que não é tão raro como isso) vou escrever sobre o Luís Delgado. Mesmo quando não há nada para dizer sobre o País, há sempre alguma coisa para dizer sobre Luís Delgado. É o caso, hoje.

Na semana passada, Delgado escreveu quatro crónicas exemplares (uma no *Diário Digital* e três no *Diário de Notícias*): numa, prevê como vai ser o ano de 2005 para Santana e Sócrates; noutra, prevê como vai ser o ano de 2005 para Portas, Jerónimo e Louçã; noutra, ainda, prevê como vai ser o

presente. Mas estes textos são um tratado de cartomancia e de política – actividades que têm mais em comum do que o simples facto de, muitas vezes¹, serem ambas praticadas por charlatães.

Sabe-se que Mitterrand ia à bruxa. E que Thatcher tinha o aspecto de uma.

ENFIM, SERÁ PRECISO RECORDAR Marx («é necessário suprimir a exploração do homem pelo homem, a menos que um desses homens seja Capricórnio») para perceber que política e astrologia andam de mãos dadas desde

2005 não entra se Luís Delgado não lhe der ordem para isso.

Parece que faz parte das competências do cargo de administrador da Lusomundo Media

ano de 2005 para todos nós, e, na última, dá as boas-vindas ao ano de 2005 cuja chegada aproveita, aliás, para prever.

É conhecida a obsessão de Delgado pelas previsões. Tenho, aliás, a sensação de que é por estar tão ocupado a prever o futuro que Delgado não percebe nada do que se passa no

há muito? Creio que não. E Delgado recupera essa tradição antiga. Diz ele, sobre Santana: «A acreditar nas cartas da Maya (...) vai ter um ano muito sólido e construtivo (...).» Sobre Sócrates: «A tomar em conta a Maya (...) tem uma carta bastante auspiciosa (...).» Sobre Portas: «O ano é de grande desgaste intelectual



e físico, a acreditar na Maya.» Dizem-me que o Oráculo de Bellini é particularmente eficaz na predição dos acontecimentos socioeconómicos. Mas aqui trata-se de prever o ano político, e portanto Delgado lançou mão – e bem – das cartas da Maya. A pergunta que surge no espírito de todos é: como foi possível que, até hoje, todos os outros analistas políticos tenham feito os seus comentários sem referir, uma única vez, o alinhamento dos astros? Assim, percebe-se melhor o despedimento de Marcelo Rebelo de Sousa da TVI.

NOUTRA DESTAS excelentes crónicas, exclama Delgado: «Que venha 2005! Assim como assim, e depois de tudo o que se passou em 2004, que venha o novo ano e tudo o que nele vai acontecer.» Comentários prévios: a expressão «assim como assim» é usada

em textos de análise política muito menos vezes do que merece; Delgado manda vir anos como quem pede mais cerveja nos romances de cavalaria («Que venha 2005, bom estalajadeiro! »); 2005 não entra se Luís Delgado não lhe der ordem para isso. Parece que faz parte das competências do cargo de administrador da Lusomundo Media. E Delgado completa: «Só os ingénuos é que acreditam que os anos seguintes são melhores, ou piores que os anteriores. Na verdade, são apenas imprevisíveis.

Tudo pode acontecer, de bom e mau.» Isto é muito bem observado. **Vamos supor que, lá para Abril, Santana Lopes aparece na sede do PCTP-MRPP, todo nu, e pede uma ficha de inscrição para se fazer militante.** Delgado será o único a ter previsto o acontecimento quando vaticinou que, ao contrário do que pensávamos, no futuro «tudo pode acontecer, de bom e de mau». Só que o facto de Santana Lopes aparecer na sede do PCTP-MRPP, todo nu, a pedir uma ficha de inscrição para se fazer militante não é bom nem mau. Ou melhor, pensando bem, bom não é, de certeza. E, para o funcionário do MRPP que tiver de lhe dar a ficha, é seguramente mau.

Delgado acertou outra vez. ■

¹ Incluo nesta frase a expressão «muitas vezes» para que ninguém me possa processar, como é óbvio.

É uma assembleia portuguesa, com certeza

SALVO ALGUM IMPREVISTO, a partir do dia 20 de Fevereiro, Nuno da Câmara Pereira e Matilde Sousa Franco serão deputados à Assembleia da República portuguesa. É nestas alturas que percebemos que a revisão constitucional é urgente.

O currículo político de Matilde Sousa Franco é o seu estado civil. E isso é triste, mas não é o mais triste. O mais triste é que, apesar de tudo, há candidatos a deputado com um currículo ainda menor.

Até porque, segundo me garantiram,

política. Por exemplo, foi da boca de Câmara Pereira que ouvi, pela primeira vez, a expressão «monárquico de esquerda», que é como se define. Gosto de imaginar a seguinte conversa entre o monárquico de esquerda Câmara Pereira e um putativo rei de Portugal: «Nós nascemos todos iguais em deveres e direitos, não concorda, meu amo e senhor?»

Já a simples ideia de termos no Parlamento uma viúva e um fadista é encantadora.

A simples ideia de termos no Parlamento uma viúva e um fadista é encantadora. Só fica a faltar um bêbado para a Assembleia parecer um quadro do Malhoa (embora haja quem diga que nem isso falta)

Sousa Franco falava durante o sono, e a dra. Matilde terá aprendido muito sobre política, ao longo dos anos, em algumas noites de insónia.

Nuno da Câmara Pereira é um caso diferente. É certo que não enviuvou (nem, tão-pouco, se divorciou) de uma grande figura – o que só o prejudica – mas compensa essa falta com uma enorme criatividade

SÓ FICA A FALTAR UM BÊBADO para a Assembleia parecer um quadro do Malhoa (embora haja quem diga que nem isso falta). Há, na viuvez e no fado, qualquer coisa tipicamente portuguesa, que pode muito bem ser o que fazia falta para aproximar o hemíciclo do povo. Se alguém conseguir convencer Mota Amaral a colocar um *napperon* em cada encosto de cadeira

e a substituir o busto da República por um azulejo com os dizeres «Queres fiado? Toma!», com um desenho do Zé Povinho a fazer um manguito, não mais ouviremos um único cidadão a dizer que não se sente identificado com os seus representantes.

O MINISTRO MORAIS SARMENTO foi a São Tomé e Príncipe assistir à assinatura de um protocolo de cooperação entre a RTP e a rádio e a televisão daquele país. Ao abrigo deste acordo, a televisão são-tomense recebeu cem cassetes, um leitor de vídeo e programas da RTP, SIC e TVI.

A rádio recebeu um leitor de minidisk, outro de CD, um amplificador e dois auscultadores – tudo material usado, evidentemente. Se o material fosse novo, creio que a comitiva portuguesa teria sido chefiada pelo próprio Presidente Sampaio, e composta por duas ou três centenas de empresários.

Entretanto, e só porque o ministro passou uns dias num país tropical, instalado num hotel de luxo chamado Bom-Bom, sem nenhuma tarefa oficial para desempenhar e a fazer mergulho, os maledicentes do costume vieram insinuar

que Morais Sarmiento tinha ido de férias para São Tomé. Incrível. Se há crítica a fazer a Morais Sarmiento é a seguinte: se o nosso propósito é ajudar São Tomé, por que razão lhes oferecemos programas da televisão portuguesa? É daquelas contradições que fazem pensar. ■



É um míssil! É uma ogiva nuclear! Não. É um tijolo

O **ESTADOS UNIDOS** desistiram de tentar encontrar armas de destruição maciça no Iraque. A decisão surpreende, tanto mais que, há dois anos, Colin Powell recorreu a fotografias e a escutas telefônicas para provar, sem margem para dúvidas, o seguinte: a) que no Iraque havia militares; b) que esses militares conversavam uns com os outros, às vezes até por telefone; c) que o Iraque possuía vastos descampados onde estava construído aquilo que se podia garantir, sem risco de errar, serem barra-

vencido de que o Iraque possui, além de um vasto arsenal de armas de destruição maciça, gnomos.

Creio que há gnomos escondidos tanto em Bagdade como em Tikrit. E não é o facto de os americanos nunca terem descoberto nenhum que me vai fazer mudar de ideias, como é óbvio.

UMA DAS COISAS que mais me intrigou nesta segunda guerra do Golfo foi isto: se os iraquianos tinham armas de destruição maciça, por que razão não as usaram na guerra? Chamem-

Se os iraquianos tinham armas de destruição maciça, por que razão não as usaram na guerra? Chamem-me esquisito, mas tenho para mim que a guerra é uma das melhores ocasiões para utilizar armas

cões; Que estas provas incontestáveis não tenham levado à descoberta das armas, é para mim um mistério. Alguns defensores da guerra argumentam que o facto de as armas não terem sido descobertas não significa que elas não existam. Apenas não foi possível dar com elas. Concorro. Há muito que estou con-

-me esquisito, mas tenho para mim que a guerra é uma das melhores ocasiões para utilizar armas. Gosto de pensar que, quando os americanos ocuparam a capital iraquiana, teve lugar o seguinte diálogo: Militar iraquiano: Grande líder Saddam, os infiéis ianques estão a invadir as nossas cidades, a dizimar o nosso

exército e a derrubar as estátuas de Vossa Excelência.

Além disso, não sei se já reparou mas, neste momento, Vossa Excelência está a viver numa cova do tamanho de um alguidar. Que me diz de os atacarmos com as nossas potentes armas de destruição maciça? Saddam: Tem juízo, Abdul.

Vamos esperar até que a situação seja mesmo grave.

relös. Estes bravos cientistas saberão exactamente onde ir buscá-los. Por outro lado, é estranho que Portugal esteja envolvido no tratamento dos dados recolhidos em Titã. Acho mal que estejamos a fazer planos para a lua de Saturno quando nem sequer fazemos ideia do que se há-de fazer à Casa da Música.

Primeiro come o que tens no prato, Portugal. ■

A SONDA QUE FOI a Titã enviou para o nosso planeta fotografias e sons colhidos na lua de Saturno.

Leigos como o leitor e eu podem apenas constatar que a superfície de Titã possui cerca de sete calhaus e faz um barulho parecido com três vikings a gargarejar cerveja.

Mas, para os cientistas, isto representará anos e anos de trabalho, processamento de dados e estudo, para finalmente poderem concluir, em 2015, que a superfície de Titã possui cerca de sete calhaus e faz um barulho parecido com três vikings a gargarejar cerveja. Porém, nessa altura, eles saberão dizer exactamente qual é a marca da cerveja. Mais: vamos supor que determinada empreitada esgota o *stock* de pedras do planeta Terra e necessita, para ficar completa, de mais sete calhaus ama-



Eu apareci na capa do 'Expresso' e vocês não

DESCULPEM, mas é um facto. A menos que o leitor seja Marques Mendes, José Sócrates, José Luis Zapatero ou Wolfgang Amadeus Mozart, não teve o privilégio de ver a sua fotografia na primeira página da última edição do *Expresso*. Eu, pelo contrário, tive (não sei se já tinha dito). E, embora considere que a distinção só peca por tardia, devo admitir que fiquei surpreendido (e sei que Mozart também ficou meio aparvalhado). Provavelmente, deveria ter desconfiado: sempre que alguém faz alguma

acaso que a última palavra d'*Os Lusíadas* é mesmo essa: «inveja». Também não me parece coincidência que a primeira seja «As», mas ainda não consegui encontrar uma justificação decente para isso.

Assim sendo, para desencorajar os invejosos, cumpre-me desvalorizar o meu feito extraordinário deste fim-de-semana.

No entanto, não vos vou mentir: se uma notícia vem na primeira página do *Expresso*, a sua relevância não merece suspeita nem contestação.

No Portugal de hoje, este é o sinal distintivo do pelintra: não tem fontes próximas que falem por si. É obrigado a submeter-se à humilhação de prestar declarações de viva voz

coisa em benefício da banca, mais cedo ou mais tarde acaba por aparecer na capa do *Expresso*. Porém, nesta altura, aquilo que mais temo é a inveja. Tanto o José Gil como eu já percebemos (embora eu tenha percebido primeiro) que a inveja é um traço fundamental da personalidade dos portugueses. Não é certamente por

DESTACO, NA ÚLTIMA EDIÇÃO, a breve intitulada *Invasão de lulas gigantes*, que dá conta do aparecimento de centenas de lulas – algumas com um metro de comprimento – nas praias de Orange County, Califórnia. De todos os moluscos que sofrem de gigantismo, a lula é, sem dúvida, o mais importante, e se aparece em praias às centenas, eu

– como cidadão e como apreciador de calamares – exijo de um jornal que me mantenha informado sobre o assunto.

ESTA NÃO É, CONTUDO, a única notícia da primeira página cujo protagonista tem um metro de comprimento. Sem receio de tornar a capa repetitiva, o *Expresso* faz também manchete da preparação da candidatura de Marques Mendes a presidente do PSD.

notícia à qual Santana Lopes reage através de uma «fonte próxima do seu gabinete». Mesmo ao lado, o *Expresso* noticia que Marcelo Rebelo de Sousa terá, em breve, uma coluna semanal num jornal diário, informação que é avançada por «elementos próximos do comentador».

O único palerma que se dispôs a falar pessoalmente com o *Expresso* foi este vosso amigo.

E, no Portugal de hoje, este é o sinal distintivo do pelintra: não tem fontes próximas que falem por si. É obrigado a submeter-se à humilhação de prestar declarações de viva voz.

O pelintra não tem «fonte» nem «elementos» próximos justamente porque, sendo um pelintra, ninguém se aproxima dele.

Sei, por isso, que quando falei ao *Expresso* me desprestiguei e, depois de me citar, o jornal acrescenta um implacável «explica Araújo Pereira», para me lembrar da vergonha de não possuir sequer uma única fonte próxima. Mas devo agradecer ao *Expresso* o tratamento por «Araújo Pereira». Até aqui, toda a

gente me tratava por «Ricardo» ou, no caso do meu pai, por «o estúpido». Passar a ser tratado pelos apelidos, por muito que os meus soem a nome de advogado de segunda categoria, já não é mau. ■



E é aqui que começamos a perceber a diferença qualitativa que me separa dos meus companheiros de primeira página: a intenção de Marques Mendes é anunciada por uma «fonte próxima do ex-ministro»,

Choques e pavores

NÃO SEI se estão a par disto, mas o PS propôs um choque tecnológico, o PSD anunciou que vai levar a cabo um choque de gestão e o PP defende um choque de valores. Eu, como é natural, estou chocado. Em primeiro lugar, porque Jerónimo e Louçã ainda não propuseram um choque seja no que for, o que é grave. Depois admirem-se por os seus partidos serem os menos votados. Em segundo lugar, porque clamar por choques numa campanha que já de si tem sido amiudadas vezes chocante, é particularmente pleonástico.

Esta semana, e antes de concretizar o choque de gestão, Santana Lopes

Mas, depois de uma rápida consulta à obra dos mais inteligentes politólogos – e também à de João Carlos Espada, constato que é a primeira vez que um político tenta atingir o seu adversário com o raciocínio «Eu sou mais machão do que tu». Os jornais não revelam se, nesse histórico comício de Braga, depois de proferir a tirada dos colos, Santana desceu do palanque e, alçando a perna, fez chichi em todas as árvores da redondeza, para demarcar o seu território.

SUPONHO QUE SIM, até porque seria essa a atitude lógica a tomar, depois de semelhante discurso. E tenho a

Tenho a certeza de que, em Portugal, só há um homem com capacidade para derrotar Santana nesta campanha. Esse homem não é José Sócrates, não é António Vitorino, não é Manuel Alegre. Esse homem é Zezé Camarinha

aplicou ao País um choque de virilidade.

A fazer fé na comunicação social, terá dito, num comício com mil mulheres: «O outro candidato tem outros colos. Estes colos sabem bem.» Não é raro que, no debate político, um candidato deprecie os outros, enquanto faz alarde das suas próprias qualidades.

certeza de que, em Portugal, só há um homem com capacidade para derrotar Santana nesta campanha. Esse homem não é José Sócrates, não é António Vitorino, não é Manuel Alegre. Esse homem é Zezé Camarinha. O debate pelo qual as televisões deviam bater-se é este: de um lado, Santana; do outro, Zezé. Os dois grandes vultos

do marialvismo, frente a frente. E, nomeio, Judite de Sousa, a moderar, adoptando o tom apropriado para a gestão da contenda, e atirando logo, como primeira pergunta: «Afinal, qual dos senhores comeu mais gajas?» Enquanto esse momento da ver-

não querem brincar com os outros meninos. Agora, a imagem do colinho. Suponho que os discursos de Santana para o dia 20 de Fevereiro já estarão a ser escritos. Em caso de vitória, aposto em: «Ganhei! Nhã-nhã-nhã-nhã-nhã-nhã.» E, em caso de derrota: «Sim, eu perdi.

Mas vocês cheiram a chulé.» Felizmente para José Sócrates, para ganhar as eleições a Santana, não é preciso ser um grande político. Basta estar caladinho.

E Sócrates, não sendo mudo, imita muito bem.

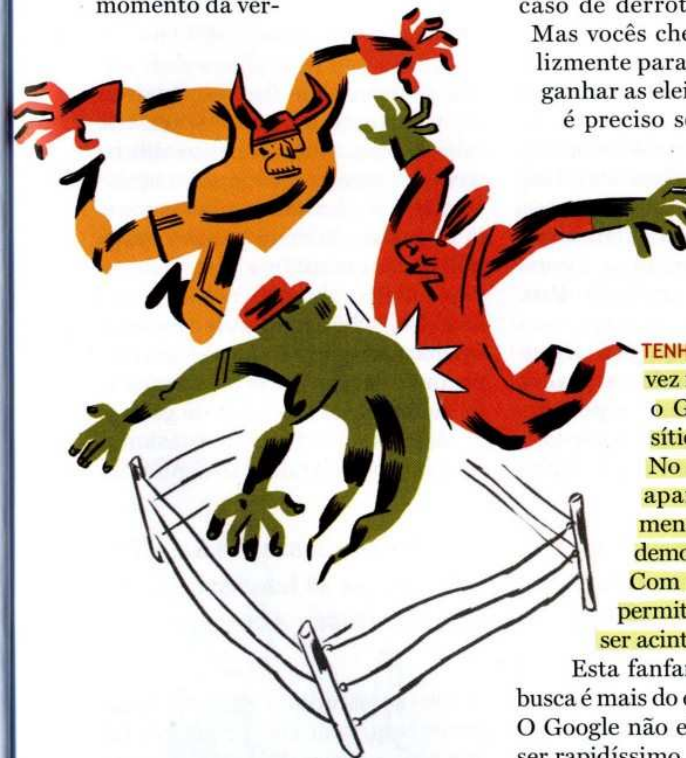
TENHO VINDO a ficar cada vez mais indignado com o Google, o conhecido sítio da Internet.

No fim de cada busca, aparece sempre uma mensagem: «A pesquisa demorou 0,43 segundos.»

Com franqueza, e se me permitem, o Google que vá ser acintoso com a mãe dele.

Esta fanfarronice do motor de busca é mais do que simples prosápia. O Google não está só a gabar-se de ser rapidíssimo.

O que está a dizer-nos é o seguinte: «Eu precisei de menos de meio segundo para efectuar a pesquisa que me pediste. Se o teu trabalho ainda não está feito, adivinha de quem é a culpa, pá.» Até quando vamos admitir esta desfaçatez? ■



dade não chega, registre-se a queda de Santana para as referências ao universo infantil. Primeiro, a metáfora da incubadora. Depois, perante a recusa de Sócrates em debater, a ameaça de revelar como é que, no recreio, se chama aos meninos que

o homem de que o País (e o mundo) precisa

O GRANDE VENCEDOR do frente-a-frente entre Santana Lopes e José Sócrates foi, sem dúvida nenhuma, Rodrigo Guedes de Carvalho. Dito isto, que o vencedor do debate seja o único que não se candidata a primeiro-ministro é, para mim, incompreensível. E quem perde é o País. Vejamos porquê:

Rodrigo Guedes de Carvalho tem todas as características de um grande estadista: é rigoroso, competente, persuasivo, sério, firme e honesto. É honesto porque, dos três principais

um que consegue fazê-lo. Quantos de nós não gostaríamos de ter este talento para calar primeiros-ministros – e, já agora, governos inteiros? Rodrigo Guedes de Carvalho tem-no. E Deus sabe como é preciso que o utilize mais vezes.

É SÉRIO PORQUE, ao longo de uma hora e meia, conseguiu conter o riso sempre que Santana Lopes falou como se de facto tivesse hipóteses de ganhar as eleições. O leitor e eu estávamos em casa a rebolar de riso. O Rodrigo

Dos três principais intervenientes no frente-a-frente, Guedes de Carvalho foi, até agora, o único que cumpriu as promessas que ali fez: disse que o debate iria estar disponível na SIC online e no *Expresso* – e cumpriu

intervenientes no frente-a-frente, Guedes de Carvalho foi, até agora, o único que cumpriu as promessas que ali fez: disse que o debate iria estar disponível na SIC online e no *Expresso* – e cumpriu.

É firme porque, ao longo da emissão, calou, uma e outra vez, não só o actual mas também o futuro primeiro-ministro de Portugal. Não é qualquer

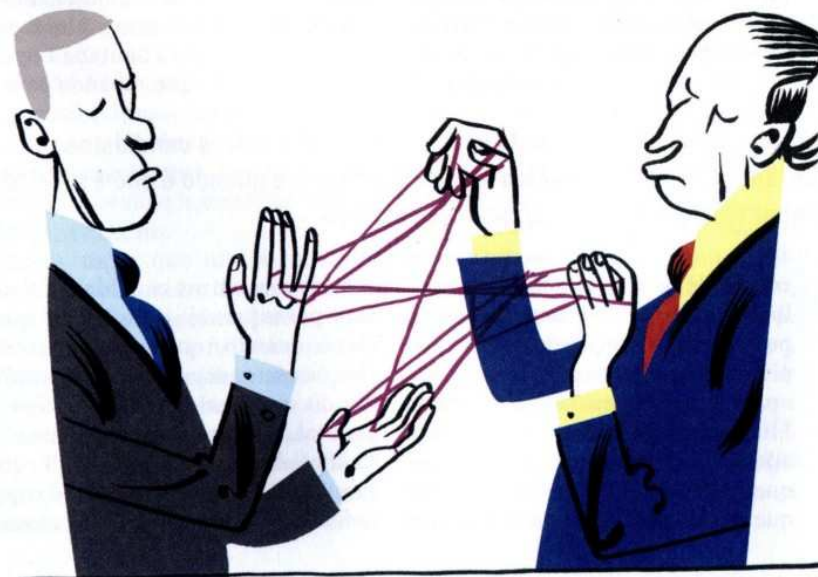
estava no estúdio a mandar calar gente com uma circunspecção tal que faria o general Ramalho Eanes parecer o Batatinha.

É persuasivo porque percebe que a política moderna vive de frases curtas, e demonstrou saber o que é o *sound-byte*, o slogan, o estribilho que fica no ouvido. No final do debate, a única coisa que o espectador conseguiu reter foram as fra-

ses acertadas de Guedes de Carvalho, tais como «30 segundos, sotôr», ou «dez segundos, sr. engenheiro», ou ainda «dez segundos, sotôr». O facto de serem também essas as frases com mais conteúdo que foram proferidas no frente-a-frente é simplesmente notável.

É COMPETENTE porque nunca confundiu dois candidatos que são iguáizinhos nas propostas e na pose. **Qualquer outra pessoa, para facilitar as coisas, teria cedido à tentação de adoptar uma forma de tratamento mais simples, referindo-se aos candidatos como «o Santana Lopes da esquerda» e «o Santana Lopes da direita».** Por exemplo: «Tem agora a palavra o dr. Santana Lopes da esquerda», ou «O seu tempo terminou, dr. Santana Lopes da direita.»

E é rigoroso porque fez uma espantosa gestão do tempo ao segundo. Tivesse o País um primeiro-ministro que pusesse o mesmo rigor na gestão das contas públicas e não estaríamos neste estado. Claro que não foi difícil estar atento ao tempo, naquele debate. Se Sócrates e Santana estivessem a falar à minha frente, eu também não faria outra coisa senão olhar para o relógio, para tentar perceber se faltava muito para que o suplício terminasse. Aliás, para Guedes de Carvalho, o frente-a-frente foi, na realidade, um frete-a-frete. Depois do frete de ouvir um seguia-se o frete de ouvir outro, e assim por diante. Mas mantenho a convicção de que estamos na presença de um político de grande estatura. ■



Dia de genuflexão

UMA DAS CARACTERÍSTICAS mais intrigantes do nosso processo eleitoral é o dia de reflexão que se concede aos eleitores. Quem é que, depois de uma campanha como esta, tem a lata de sugerir que quem precisa de tirar um dia para reflectir somos nós? Como eleitor, só aceito o dia de reflexão que me oferecem se atribuírem dois anos de reflexão forçada aos palermas responsáveis por esta algazarra de cartazes, boatos e desmentidos. Vão estudar para Oxford, seus miseráveis! Ops! Peço desculpa pelo parágrafo anterior. De vez em quando, sou possuído pelo espírito de Maria Filomena Mónica, embora raras ve-

Acredito mesmo que, olhando para o esforço dos outros candidatos, Santana pense para si: «Mas o que é isto? Desde quando é que é preciso ganhar eleições para ser primeiro-ministro?»

zes me dê para usar a palavra «piolheira». A propósito, uma questão: é possível ser queirosiano e não usar, pelo menos uma vez por dia, a palavra «piolheira»? Outra: **Maria Filomena Mónica precisa urgentemente de um apelido. Isto, para mim, é claro.** Porque é que nunca ninguém lhe fez ver que as pessoas têm mais dificuldade

em respeitar um académico que assina com três nomes próprios? Uma senhora chamada Maria Filomena Mónica é o equivalente a um homem chamado Carlos António Fernando. Quem respeitaria o Professor Doutor Carlos António Fernando? São perguntas que deixo no ar.

PELA SEGUNDA VEZ num curto espaço de tempo, Santana Lopes resolveu interromper as suas actividades de campanha eleitoral: primeiro, por respeito ao Carnaval, agora, por respeito à Irmã Lúcia. Suponho, aliás, que este alvoroço da campanha cause alguma estranheza a Santana Lopes. Acredito mesmo que, olhando para o

esforço dos outros candidatos, Santana pense para si: «Mas o que é isto? Desde quando é que é preciso ganhar eleições para ser primeiro-ministro?» Tendo em conta a sua experiência pessoal, a pergunta é pertinente. O já célebre padre Lorenzo pediu aos fiéis que não votassem nos partidos que defendem o casamento entre homosse-



17 DE FEVEREIRO DE 2005

xuais, uma vez que a Igreja é contra o casamento entre homossexuais. Mas o padre Lorenzo não pediu aos fiéis que não votassem nos partidos que defenderam a guerra, embora a Igreja tenha sido, também, contra a guerra. O padre Lorenzo teve, pois, de optar.

E, ENTRE A GUERRA e o casamento entre homossexuais, optou por condenar o mais pernicioso. **Isto significa, evidentemente, que o padre Lorenzo prefere que dois homens se matem do que se casem.**

Vamos supor que um paroquiano se abeira do padre Lorenzo com a seguinte inquietação: Paroquiano: Ó padre Lorenzo, eu sinto qualquer coisa aqui pelo Amílcar mas ainda não consegui perceber o que é. Um as vezes, apetece-me casar com ele; outras vezes, dá-me vontade de o abater a tiro com esta G3. O que hei-de fazer? Padre Lorenzo: É melhor

optares pela segunda, meu filho, que é mais conforme à lei de Cristo.

Paroquiano: Pois, era a ideia que eu tinha. Porque eu, casando-me com ele, era bem capaz de o amar pela vida fora, e tal.

Padre Lorenzo: Ui. Que horror, meu filho. Não queremos cá nada disso.

E fica o problema resolvido.

Confesso que sou dos que acham que, se os homossexuais quiserem casar, devem poder fazê-lo. E acredito que, um dia, isso vai ser possível.

Nessa altura, quando o casamento entre homossexuais for já uma instituição contra a qual nada há a fazer, o padre Lorenzo estará metido em sarilhos. Filosoficamente falando, claro. Que dirá ele, então? Condenará o divórcio entre homossexuais, uma vez que a Igreja é contra o divórcio, ou apoiá-lo-á, porque se desfaz um lar homossexual – e a Igreja condena a homossexualidade? Dilemas. ■

César das Neves, o 'sex symbol'

QUÃO DOENTE TEM de estar uma sociedade para que se gaste tanto tempo a esmiuçar um assunto menor como são as eleições legislativas e tão pouco ou nenhum a discutir a magnífica entrevista que João César das Neves deu ao jornal *O Independente* da passada sexta-feira? E quão doente tenho eu de estar para começar uma crónica com a palavra «quão»? A resposta às duas questões é: muito, evidentemente. Em duas páginas de entrevista, César das Neves usa cinco vezes a palavra deboche e condena o aborto, o preservativo, a homossexualidade,

qual é a marca de fósforos que usa nos seus autos-de-fé. Continuamos sem saber, e é pena.

A TESE FUNDAMENTAL de César das Neves é esta: «o acto sexual não é só uma questão de prazer». E, se for excluída a intenção de procriar, o sexo transforma-se «numa coisa mecânica, animal». A ideia de que o sexo para pro-criar é humano e o sexo pelo prazer é «uma coisa animal» é interessante e a Natureza confirma-a: quais são os animais para quem o sexo serve o propósito da procriação? Raríssimos, se é que há algum. Mas

Quantas vezes não vimos já, no programa *National Geographic*, um urso a chegar à toca, cansado de um dia de trabalho, apenas para encontrar a ursa mergulhada numa banheira de espuma enfeitada com pétalas de rosa e velas a toda a volta, convidando o macho para uma noite de simples prazer animal? Tantas

a masturbação e tudo o que, de um modo geral, ele calcula que possa dar prazer a alguém. **Só há uma coisa que não se desculpa ao entrevistador, José Eduardo Fialho Gouveia: o facto de não ter perguntado a César das Neves**

quantas vezes não vimos já, no programa *National Geographic*, um urso a chegar à toca, cansado de um dia de trabalho, apenas para encontrar a ursa mergulhada numa banheira de espuma enfeitada com pétalas de

rosa e velas a toda a volta, convidando o macho para uma noite de simples prazer animal? Tantas.

NO FUNDO, é por causa de pessoas como César das Neves que o sexo é tão bom. Sem aquela noção de pecado, de transgressão, de malandrice perversa, o sexo teria muito menos graça. Por isso, peço desculpa por dizê-lo tão cruamente, mas a verdade é esta: João César das Neves dá-me tesão. Não vale a pena fugir à realidade. Este homem faz mais pela minha sexualidade numa das suas crónicas do *Diário de Notícias* do que duas camionetas cheias de coelhinhos da *Playboy*. Ainda hoje não compreendo porque é que o *DN* não imprime a crónica de César das Neves na página central e com folha desdobrável, para que milhares de mecânicos a possam pendurar em paredes de oficinas de todo o Portugal. Só pode ser má vontade de algum puritano. Mas também é preciso dizer, com a mesma honestidade, que, em certos aspectos, César das Neves não tem razão. A condenação da homossexualidade não me incomoda por aí além. Simpatizo com a causa da defesa dos direitos dos homossexuais, mas não estou particularmente empenhado nessa luta. Agora, não admito que César das Neves toque na masturbação. **A masturbação é um direito inalienável do ser humano que só por esquecimento imperdoável ou pérfida**

maldade foi omitido da Declaração Universal das Nações Unidas. Em defesa da masturbação, estarei disposto a ir até ao fim do mundo e não estou sozinho. Milhares de adolescentes com óculos e a cara cheia de borbulhas estão comigo. Prepare-se para nós, César das Neves. ■



Portugal, hoje: a vontade de ler

José Gil

A REVISTA *Le Nouvel Observateur* apontou José Gil como um dos 25 pensadores mais importantes do mundo. A lista (apesar de, inexplicavelmente, omitir o meu nome) era particularmente credível, uma vez que Luís Delgado aparecia classificado na 694.243.923.ª posição, logo atrás do sr. Aurélio, que é proprietário de uma mercearia em Marvila e que no ano passado terá produzido um raciocínio bastante profundo sobre o cultivo da beringela.

E é só pelo facto de ter sido distinguido por uma prestigiada revista francesa que hoje falo aqui de José Gil. É a contragosto, como calculam, que trago para uma coluna séria o nome de um autor tão comercial, cujo livro substituiu, no primeiro lugar da lista de *best-sellers*, *O Código*

Da Vinci. Prevejo, aliás, que aconteça com o livro de José Gil o mesmo que sucedeu ao de Dan Brown. Dentro de um mês, estará nas bancas uma obra chamada *Portugal, Hoje: O Medo de Existir Descodificado*. E o filme de Hollywood também me parece inevitável. Basta encontrar um actor para fazer o papel de Portugal. Como fazem sempre em Hollywood quando precisam de um actor com ar de vilão hispânico, é provável que telefonem ao Joaquim de Almeida.

ATÉ NOS HIPERMERCADOS o livro tem vendido. Eu próprio fui, há dias, testemunha desta cena: um casal passeava, vestido de fato de treino, pela secção dos legumes. Nisto, o homem que, pela minha saúde, trocava os vês pelos bês disse: «Ó Maria, vai lá bus-

Eu próprio fui, há dias, testemunha desta cena: um casal passeava, vestido de fato de treino, pela secção dos legumes. Nisto, o homem – que, pela minha saúde, trocava os vês pelos bês – disse: «Ó Maria, vai lá buscar mais uma saca de batatas. E traz também o *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*, que eu quero ver de que modo é que um deleuziano como José Gil olha para a actualidade do nosso país»



a pensar enquanto escarrava num lenço.) Pela minha parte, observo com muito receio este súbito interesse dos portugueses pela filosofia.

TEMO QUE O NOSSO povo se descaracterize se passarem a ser estas as suas leituras. As mais pequenas situações da vida podem ser afectadas. Quem me garante que, neste país de leitores de José Gil, as alterações no trânsito não passam a ser resolvidas com observações do tipo: «Repare, ao fazer sinal para a direita quando na verdade pretendia virar à esquerda, o meu amigo produziu aquilo a que podemos chamar uma não-inscrição no real da sua intenção»? E eu tenho

demasiado amor ao «Ó palhaço, não se faz o pisca?» para permitir que isto aconteça. É por isso que quero desaconselhar aqui a leitura de *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*. Embora não me custe reconhecer um grande mérito de José Gil, que é este: escrever sobre os grandes temas como a morte, a liberdade ou a possibilidade de conhecer é fácil; difícil, mesmo para um pensador desta craveira, é debruçar-se sobre um tema tão desinteressante e rasteiro como é Portugal. ■

car mais uma saca de batatas. E traz também o *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*, que eu quero ver de que modo é que um deleuziano como José Gil olha para a actualidade do nosso país.» (Na verdade, o homem disse apenas: «Ó Maria, vai lá buscar mais uma saca de batatas.» Mas quem tem uma crónica na imprensa pode inventar alguns pormenores desde que não corrompam a essência daquilo que viu. E eu vi nos olhos do homem que era em Gil e Deleuze que ele estava

É preciso preparar o futuro.

Principalmente, o meu

ANTES DE MAIS, gostaria de apelar ao voto no PS, nas próximas eleições legislativas. Todos sabemos que quem apela ao voto no PS, aqui na VISÃO, é convidado para o Governo, na legislatura seguinte, e eu gostava muito de ser ministro dos Negócios Estrangeiros, em 2010.

Agora que o cargo está garantido, fico com cinco anos para mostrar que tenho sentido de Estado e sou fiel ao Partido Socialista, sem, no

Bloco de Esquerda, oferecendo um ministério a Francisco Louçã; ou ganhava com maioria absoluta e formava Governo em coligação com o CDS de 1975, oferecendo um ministério a Freitas do Amaral. Acabou por se verificar a segunda. Sócrates bem tinha garantido, durante toda a campanha, que o PS era o partido da «esquerda moderna», mas nunca explicou ao certo o que é que «esquerda moderna» queria dizer. Com

Aprovo a ida do prof. Freitas para o Governo, por duas razões fundamentais: primeira, porque tudo o que contribua para deixar Freitas sem tempo para escrever peças de teatro parece-me boa ideia; segunda, porque irrita o CDS

entanto, perder a independência e o sentido crítico. Este Governo é o melhor de todos os tempos (aqui têm a fidelidade). Embora pudesse ser ainda um bocadinho melhor (cá está a crítica). José Sócrates tinha, essencialmente, duas hipóteses: ou ganhava com maioria relativa e formava Governo em coligação com o

o convite a Freitas do Amaral, percebemos, finalmente, que «esquerda moderna» quer dizer mais ou menos o mesmo que «direita antiga».

Falando a sério, devo dizer que aprovo a ida do prof. Freitas para o Governo, por duas razões fundamentais: primeira, porque tudo o que contribua para deixar Freitas sem tempo para



A IRRITAÇÃO DO CDS tem alguma razão de ser. É inadmissível que Freitas, pela sua história pessoal, aceite fazer parte de um Governo de esquerda. Porém, este é um Governo do PS, pelo que não havia razão nenhuma para que ele recusasse o convite. Mas o CDS tocou num ponto importante: o prof. Freitas escreveu um longo texto de apoio ao PS, com o qual parece ter comprado o seu lugar no Executivo. Isto é bem observado pelos populares, mas, admita-se, há alguma inveja neste argumento. Freitas precisou apenas de publicar um artigo num semanário

para chegar ao Governo, enquanto portas teve de fundar o seu próprio semanário e escrever nele durante anos para conseguir o mesmo. O despeito é feio. Além de que o episódio do envio da foto para o Largo do Rato pode ainda vir a prejudicar o próprio Paulo Portas. É um exercício de lógica simples: se, por Freitas fazer parte do Governo de José Sócrates, o CDS envia a sua fotografia para o PS, então, por ter feito parte daquele Governo de Santana Lopes, Portas merecia que o partido enviasse o seu retrato para o circo Chen. ■

escrever peças de teatro parece-me boa ideia; segunda, porque irrita o CDS. E há poucas coisas que me toquem cá dentro como a irritação do CDS. Que querem?, emocionono-me sempre que vejo gente rica angustiada. E, desta vez, com a rábula da devolução da fotografia de Freitas – como fazem as namoradas ressentidas, no final de um namoro –, o CDS mostrou que também há sentimentos na política. Que importa que sejam sentimentos adolescentes e pirosos? São sentimentos, e isso é que interessa.

Toda a gente é estúpida menos o Vasco Pulido Valente

VASCO PULIDO VALENTE inventou uma extraordinária técnica para escrever crónicas. Primeiro, põe-se a imaginar: «O que é que qualquer pessoa com um mínimo de bom senso pensaria sobre este assunto?» Depois, senta-se e escreve exactamente o contrário. Como escreve sem erros e sabe coisas sobre o século XIX, as pessoas vão fingindo que não percebem que o truque é banal e antigo. Esta semana, o assunto era o episódio da fotografia de Freitas, que o CDS enviou para a sede dos socialistas.

Vasco Pulido Valente inventou uma extraordinária técnica para escrever crónicas. Primeiro, põe-se a imaginar: «O que é que qualquer pessoa com um mínimo de bom senso pensaria sobre este assunto?» Depois, senta-se e escreve exactamente o contrário

Ainda não há muito tempo, Pulido Valente tinha escrito que Portas havia reduzido o CDS à sua «inaceitável pessoa», e que tinha passado o «prazo de validade: o menino-prodígio não cresceu (ou cresceu mal) e os meninos velhos não têm graça.» É o mesmo Pulido Valente que, agora,

acha um piadão à divertida gracinha de Paulo Portas e censura a «pomposa estupidez nativa» que a apodou de criancice. Mas afinal que estupidez é esta que, além de pomposa e nativa, é ainda tão carrancuda que precisa do Vasco, conhecido pela sua jovialidade (fontes bem colocadas garantem-me que o Vasco se riu uma vez, em 1977), para lhe fazer ver a diferença entre uma palermice adolescente e uma boa e espirituosa partida? Tenho convívio com vários tipos de estupidez, ao longo da vida, e, a avaliar

pelo *curriculum*, esta é, sem dúvida, a mais canhestra de que já tive conhecimento. O problema desta pomposa e carrancuda estupidez nativa é que o Vasco dispõe de um número limitado de caracteres por semana para a educar. Por isso, e num acto inédito de serviço

público na imprensa, disponho-me a revelar, a seguir, as crónicas que Vasco Pulido Valente escreveu esta semana mas não teve espaço para publicar.

«NOS ESTADOS UNIDOS, uma criança de quatro anos baleou o irmão de dois por causa de um brinquedo. A pomposa estupidez nativa levou as mãos à cabeça. Que as armas são perigosas e os tiros aleijam. Que as criancinhas, coitadas, não deviam ter acesso a revólveres e o melhor, para evitar o tão pernicioso convívio entre a malévola arma de fogo e o petiz inocente, era os papás não as terem em casa. Ninguém foi capaz de ter uma palavra de apreço para a pontaria do rapaz de quatro anos, suficientemente precisa para não deixar fugir uma criança de dois e se elas são pequenas e fugidias. Felizmente, eu estive durante uns tempos em Oxford, e tenho opiniões que fogem à vulgaridade. Alguém que

ponha uma estrela de xerife no peito daquele rapaz.»

«SANTANA LOPES TEM DIANTE DE SI um futuro brilhante. A pomposa estupidez nativa já o condenou à morte política e tem a autópsia pronta. Só porque não tem credibilidade nenhuma, falhou estrondosamente como primeiro-ministro e agora tem de estar a acotovelar-se com Carmona Rodrigues para recuperar a sua cadeira na Câmara de Lisboa, ninguém dá nada por ele. Tivesse a pomposa estupidez nativa estado em Oxford, como eu estive (não sei se já tinha dito), e o simples respirar do ar da civilização ter-lhe-ia arrancado, à vez, como fez a mim, a pompa, a estupidez e a nacionalidadezinha. (Usei aqui um diminutivo porque periodicamente gosto de lembrar às pessoas que sou o mais parecido que nós hoje temos com o Eça.)» ■



o canibalismo e as minhas filhas

PETER BRYAN, um inglês de 34 anos que foi apanhado pela polícia na altura em que se preparava para fritar e comer o cérebro de um amigo de 43, foi condenado a prisão perpétua. Até quando durará este preconceito contra o canibalismo? Quem nunca olhou para um colega de trabalho e pensou para si: «A coxa do Gonçalves, no forno com batatinhas a murro, dava um petisco bem gos-

carne assada.) Quero, em todo o caso, mandar um abraço para Peter Bryan. Escolher o canibalismo é optar por um caminho de dificuldades, de críticas e de solidão. Além de que não deve haver bons restaurantes. E os vegetarianos ainda têm a lata de se queixar!... Qual de nós se atreve a criticar Bryan? Cruel, o canibalismo? Eu diria enternecedor: Bryan preparava-se

No dia 23 de Agosto de 2003 tive uma filha. No mesmo dia, o Benfica ganhou ao Guimarães. No dia 6 de Março de 2005 tive outra filha. No mesmo dia, o Benfica ganhou ao Nacional da Madeira. A esta luz, parece-me evidente que a culpa das derrotas do Benfica não é dos dirigentes, nem do treinador, nem da arbitragem. Se o Benfica não ganha mais vezes, a culpa é do meu método anticoncepcional

toso»? (Atenção: isto era um teste. O canibalismo é doentio. Se, de facto, é dado a este tipo de pensamentos, consulte um médico. Se, por outro lado, é dado a este tipo de pensamentos e já tem a perna do Gonçalves numa travessa pronta a ir ao forno, nesse caso consulte o Pantagruel. Veja como um raminho de alecrim pode dar um toque de requinte aos seus pratos de

para comer um amigo. Haverá maior declaração de amizade do que dizer a um companheiro: «Tu, para mim, és um amigo, és um confidente e és uma refeição completa»? Quando Bryan diz aos amigos que precisa deles para viver não está a florear o discurso com sentidos figurados: lanchas está a dizer a verdade. Repugnante, o canibalismo? Eu di-

ria saudável: Bryan estava a cozinhar o cérebro do amigo. Sempre ouvi dizer que a mioleira faz bem. Quem se alimenta melhor? Nós, comedores de frangos que, à força de hormonas, três horas depois de saírem do ovo têm o tamanho de um pastor alemão, ou Peter Bryan, que está em condições de garantir que o cérebro que se preparava para comer estava bom, uma vez que o viu a funcionar? Não há cérebro mais fresco do que aquele que, escassos minutos antes de ser cozinhado, manda o seu dono perguntar: «Porque é que estás a olhar para mim com esse serrote na mão, Peter?» Animalesco, o canibalismo? Eu diria requintado. Segundo os jornais, Bryan ia cozinhar o cérebro do amigo em manteiga, opção que qualquer gastrónomo reconhece como correctíssima. Eu ingiro umasandes de coirato sempre que vou à bola. Entre mim e Bryan há um animal, mas não é ele de certeza.

NO DIA 23 DE AGOSTO DE 2003 tive uma filha. No mesmo dia, o Benfica ganhou ao Guimarães. No dia 6 de Março de 2005 tive outra filha. No mesmo dia, o Benfica ganhou ao Nacional da Madeira. A esta luz, parece-me evidente que a culpa das derrotas do Benfica não é dos dirigentes, nem do treinador, nem da arbitragem. Se o Benfica não ganha mais vezes, a culpa é do meu método anticoncepcional.



24 DE MARÇO DE 2005

Tivesse eu filhas todos os domingos e o Glorioso, nesta altura, seria pentacampeão da Europa. Foi por isso que decidi ingressar na Opus Dei e, simultaneamente, converter-me ao islamismo: se eu estiver proibido de usar métodos anticoncepcionais e, ao mesmo tempo, puder ter várias mulheres, creio que serei capaz de ter filhas todas as semanas.

ENQUANTO ISSO NÃO ACONTECE, porém, devo confessar que sou, neste momento, um pai angustiado. Já tenho duas filhas e nenhuma me perguntou ainda o que são fundos de investimento do BPI. E eu tenho vindo a reparar que os bebés dos dias de hoje têm muitas inquietações económico-financeiras. Estou atento à publicidade e, ao que me é dado ver, o mundo é constituído por mulheres que querem ser mais magras e ter a pele mais macia, e que são casadas com homens que gostam de beber cerveja fresquinha e de ter a barba mesmo muito bem feita. Os filhos, ainda não saíram do ventre da mãe e já estão interessados em saber qual é a melhor maneira de poupar e investir. As minhas filhas nada. Os dias vão passando e as miúdas continuam mais interessadas em bolsar do que em investir na bolsa. Será normal? ■

Um roupão para José Sócrates

HOJE EM DIA, todos os grandes nomes da Ciência Política mundial concordam que os programas de Governo são como os programas da TVI: mesmo antes de os vermos já desconfiamos que não vão ser grande coisa. No entanto, o programa deste Governo foi muito menos criticado do que é costume. Isto deve-se a um facto político importantíssimo, que é o seguinte: o Benfica está no primeiro lugar do campeonato com seis pontos de avanço. Boa parte do povo português, comigo incluído, não quer saber de mais nada. Enquanto o Glorioso tiver hipóteses de ser campeão,

verno ou pela oposição, pelos patrões ou pelos sindicatos, pelos intelectuais ou pelos militares. **No meu entender, quem pode salvar Portugal são – adivinharam – as pessoas que vão à padaria em roupão.** Em cada bairro, há três ou quatro pessoas que, todas as manhãs, vão à padaria em roupão. É tempo de essas pessoas virem para a política.

SEI BEM QUE ESTA é uma opinião polémica (algumas pessoas diriam «parva». Eu não aprecio essas pessoas). Conheço as reservas que é costume colocar a este tipo de com-

As pessoas que vão à padaria em roupão estão a dar um claro sinal ao País. Dois, se contarmos com o sinal da falta de sentido estético. Estas pessoas estão a dizer-nos «Eu quero um pão da Mafra, e quero-o agora»

o programa de Governo até pode determinar que eu tenho de andar descalço sobre vidros partidos três vezes por semana, que por mim está aprovado.

Mas a solução para os nossos problemas não se encontra, evidentemente, no programa de Governo. Não creio que este país possa ser salvo pelo Go-

portamento. De facto, à partida, ir à padaria em roupão faz tanto sentido como, digamos, ir à oficina em cuecas. (Agora que penso nisso, ir à oficina em cuecas faz ainda menos sentido. É muito perigoso contemplar os calendários das oficinas quando se está em cuecas.) Mais: deve haver poucas coisas mais desrespeitosas do

que aparecer à frente de um padeiro em roupão. Não é bonito ir para junto de uma pessoa que passou a noite em claro e esfregar-lhe na cara que se esteve a dormir até há trinta segundos.

e esse cheiro a cama que nós precisamos de ter no Governo. No dia em que Sócrates se apresentar em S. Bento em roupão, este será um país melhor. «Desculpem, mas achei por bem vir elaborar este projecto de lei

MAS AS PESSOAS que vão à padaria em roupão estão a dar um claro sinal ao País. Dois, se contarmos com o sinal da falta de sentido estético. Estas pessoas estão a dizer-nos: «Eu quero um pão de Mafra, e quero-o agora.» São pessoas que sabem o que querem, estabeleceram as suas prioridades e não vão permitir que as convenções sociais, o politicamente correcto ou a ramela os desviem do seu objectivo. Isto é, gente capaz de, em nome de quatro carcaças e de um pão saloio, deixar a higiene íntima para depois. E Deus sabe como, em algumas dessas pessoas, há tanta higiene íntima para levar a cabo.

Quem quer as coisas com urgência, luta por elas em roupão é essa a lição que aprendemos com estes cidadãos admiráveis que frequentam as nossas padarias. **E é esse empenho obstinado, essa determinação firme**

sem perder tempo a vestir-me», dirá ele, provavelmente com um péssimo hálito. E, nesse dia, este país começará a caminhar para o futuro com passos firmes mas suaves uma vez que serão dados por gente que está em pantufas. ■



Exijo salários de miséria!

ANTES DE MAIS, quero estabelecer um ponto prévio. Tenho estado com atenção aos nossos melhores colunistas e quase todos eles estabelecem pontos prévios com frequência. O Pacheco Pereira estabelece uma média de nove pontos prévios por semana. O José António Saraiva estabelece apenas dois ou três, mas compensa lançando questões. Numa próxima oportunidade, também lançarei questões. Por ora, não possuo capacidade técnica para estabelecer pontos prévios e lançar questões no mesmo parágrafo.

O PONTO PRÉVIO É ESTE: na minha opinião, o Governo ainda não cometeu nenhuma asneira grave. E é exactamente por isso que este Executivo tem em mim um fiel opositor. O estado de graça do Governo não tem graça nenhuma. Toda a gente gosta do Governo. Nesta altura, o Governo não toma medidas: dá sinais muito

positivos; não prejudica a economia afastando os empresários: enfrenta monopólios com firmeza; não obriga o povo a apertar o cinto: toma, corajosamente, decisões impopulares. Tanta virtude, num Governo, até chateia. Se um Governo merece elogio, será que pode continuar a considerar-se um Governo? (Para quem está distraído: acabei de lançar uma questão. E é das profundas.) Não é para isto que servem os governos. Um Governo que não faz asneiras não pode ser vilipendiado. E a possibilidade de vilipendiar é um dos direitos fundamentais da democracia. Eu, sempre que posso, vilipendio. Mas, se o Governo governa bem, quem se sentirá no direito de ir para a porta da Assembleia da República gritar, democraticamente, «Chulos!», «São todos iguais, pá», «Só pensam em ir para o poleiro», e «Vão trabalhar, malandros»? Ninguém dotado de bom senso, certa-

mente. Eu sei porque tenho estado lá a gritar sozinho.

O PROBLEMA É QUE estas primeiras semanas de Governo são muito atribuladas para os membros do Executivo. Há todo um trabalho de adaptação para fazer, e ninguém tem ainda tempo nem paciência para se envolver em escândalos de corrupção, por exemplo. Quem se lixa, como sempre, é o povo. **Se o Governo é bom e o País continua na mesma, isso significa que quem está mal somos nós. Somos um mau povo.** A culpa disto tudo é nossa. E esta é uma insinuação que nós não merecíamos, eng.º José Sócrates. Ou começa a tomar decisões claramente nocivas para o País, ou o povo português não lhe perdoa.

ATENÇÃO: eu tenho muita confiança no PS, que já demonstrou, em governos anteriores, saber fazer asneiras tão bem ou melhor do que qualquer outro partido. Mas temo que, agora que até o Luís Delgado o elogia, o Governo se eternize neste estado de graça. A acontecer, é desagradável porque, se se confirma que os culpados pelo atraso do País somos nós, os membros do Governo terão toda a legitimidade para se dirigirem aos nossos locais de trabalho com o propósito de nos vilipendiar. E eu não consigo trabalhar com o Freitas do Amaral a gritar-me ao ouvido: «Chulos! São todos iguais, pá. Só pensam em não vir para o poleiro. Vão aprovar decretos-lei, malandros!» ■

Estas primeiras semanas de Governo são muito atribuladas para os membros do Executivo. Há todo um trabalho de adaptação para fazer, e ninguém tem ainda tempo nem paciência para se envolver em escândalos de corrupção, por exemplo. Quem se lixa, como sempre, é o povo



Luís Filipe Menezes é como o Bobó

A FRASE QUE SERVE de título, infelizmente, não é minha. Foi proferida, numa noite histórica de 1995, pelo admirável estilista da língua portuguesa que é o major Valentim Loureiro. Dias antes, Luís Filipe Menezes tinha dito, num congresso do PSD, que a candidatura de Durão Barroso era «sulista, elitista e liberal». Seguiu-se uma pateada de tal modo violenta que surpreendeu Menezes e o País. Surpreendeu Menezes porque, como político, já estava habituado a ser vaiado mas não no seu

a primeira garrafa de champanhe e já o major Valentim Loureiro estava a organizar um jantar de desagravo a Luís Filipe Menezes. Não sei porquê, os desagravos fazem-se, normalmente, à refeição. Pessoalmente, nunca tive necessidade de desagravar nada, mas não me custa acreditar que se desagrave muito melhor com a barriga cheia. E foi nesse jantar que Valentim Loureiro cunhou aquela frase extraordinária: «Meus amigos», disse ele aos gritos, «o Luís Filipe Menezes é como o Bobó!» (Juro

Foi nesse jantar que Valentim Loureiro cunhou aquela frase extraordinária: «Meus amigos», disse ele aos gritos, «o Luís Filipe Menezes é como o Bobó!» (Juro pela minha saúde)

próprio partido; surpreendeu o País porque nenhum de nós contava que os congressistas do PSD conhecessem o significado das palavras «sulista», «elitista» e «liberal». O caso não parecia grave a ponto de justificar uma manobra de vitimação, mas Menezes resolveu jogar pelo seguro e, pelo sim, pelo não, anunciou que abandonava a vida política. Ainda a vida política não tinha aberto

pela minha saúde). O major referia-se a um jogador do Boavista a quem o destino cruel ou um padrinho maldoso tinham posto o nome de **Mamadou Bobó**. Mas, quando o major articulou estas palavras, a plateia não foi capaz de distinguir o «b» maiúsculo do minúsculo, e, durante uns segundos, toda a gente sentiu que, se aquela comparação fosse verdadeira, Menezes teria o voto assegurado de

todos os eleitores do sexo masculino em quaisquer eleições a que concorresse.

PARA BEM DA DECÊNCIA – mas para mal da carreira política de Luís Filipe Menezes –, Valentim esclareceu que Menezes estava para o PSD como o jogador Bobó estava para o Boavista. Cito de memória as palavras do major: «Um dia, no treino do Boavista, o Bobó não queria jogar a peladinha. E o Manuel José disse-lhe: 'Bobó, tu vais jogar a peladinha, Bobó.' E o Bobó disse: 'Não, mister. Eu não quero jogar a peladinha.' E o Manuel José disse: 'Bobó, tu vais jogar a peladinha, Bobó.' E o Bobó jogou a peladinha. E, no dia seguinte, o Boavista ganhou o jogo. E o Luís Filipe Menezes é como o Bobó, e o PSD precisa dele», concluiu então, debaixo de uma salva de palmas dirigida não apenas a Luís Filipe Menezes mas sobretudo – sentia-se – ao Bobó.

Jesus Cristo foi autor de belas parábolas. Mas quantas têm a força moral e literária desta? Para mim (que, apesar da repugnância que me causam

os *best-sellers*, li a Bíblia), nenhuma. **Aprendemos muito com a conduta do bom samaritano? De acordo. Mas não mais, certamente, do que com a meiga relutância de Bobó em jogar a peladinha.** Devemos tirar lição do comportamento do pai do filho pródigo? Talvez. Mas não mais do que da atitude de Bobó que, depois de ter dito que não jogava a peladinha, foi mesmo jogar a peladinha. Além de que nem o samaritano nem o pai tinham sequer metade da visão de jogo do Bobó.

Por tudo isto, não compreendo os insucessos da carreira política de Luís Filipe Menezes. Um homem que segue o exemplo do Bobó não merecia, decerto, a humilhação de perder o Congresso do PSD. A humilhação de o perder contra Marques Mendes, então, não a merecia ele nem ninguém. ■



A questão essencial

HÁ, ACTUALMENTE, uma maneira simples mas fascinante de ganhar uma discussão, em entrevistas ou debates, que envolve a utilização da frase: «Sim, mas essa não é a questão essencial.» Funciona assim: Jornalista: Sr. ministro, o sr. tomou decisões que beneficiaram empresas de que é proprietário, arranhou emprego, no ministério, para todos os seus familiares e amigos, e além disso foi apanhado no seu gabinete a assinar despachos envergando um lindo vestido de noite do José António Tenente.

Ministro: Sim, mas essa não é a questão essencial.

Jornalista: Ah.

Trata-se de um estratagema infalível. E, neste caso específico, o nosso putativo ministro teria, inclusivamente, razão. A questão essencial, aqui, seria saber o que leva um ministro a envergar roupa de José António Tenente, quando todos sabemos que os vestidos de noite do Miguel Vieira

seriam muito mais apropriados para um membro do Governo.

Em todas as discussões, há sempre alguém que sabe qual é a questão essencial – e que sabe, sobretudo, que a questão essencial não é a que está a ser debatida naquele momento particular. O problema é que, em princípio, quem sabe qual é a questão essencial não a revela. Talvez, depois de muito pressionado, seja capaz de levantar um pouco o véu. A questão essencial, normalmente, tem a ver com «certos factores». Embora, muitas vezes, se relacione também com «determinados aspectos». Mas, mais do que isto, não sabemos.

Por paradoxal que pareça, a preocupação com o que é essencial atinge até as pessoas mais superficiais, como são os jornalistas de televisão. Muitas vezes, o apresentador de um telejornal está em contacto com um correspondente no estrangeiro quando, de repente, a emissão cai. Nessa altura, diz o apresentador: «Perdemos o con-

tacto com o nosso correspondente Fulano de Tal (os correspondentes chamam-se, quase sempre, Fulano de Tal), no Iraque, mas ficou o essencial.» Na verdade, é impossível saber se ficou o essencial. Ninguém nos garante que, depois do corte da emissão, Fulano de Tal não ia dizer: «Ah, é verdade. José Rodrigues dos Santos, só mais uma coisa: Saddam Hussein apareceu hoje aqui em Bagdade envergando um lindo vestido de noite do José António Tenente.» Uma rápida pesquisa no Google para tentar descobrir qual é, afinal de contas, a questão essencial, obtém 234 respostas. Eis algumas delas: «A questão essencial é conseguir trabalhar o estímulo da apetência.»

«A questão essencial é que não existe uma reflexão política sobre o que deve ser a norma ortográfica do Portu-

guês.» «A questão essencial é perceber que o teletrabalho é uma solução empresarial para um problema empresarial.» «A questão essencial é a da tempestividade da impugnação.» «A questão essencial é: se conseguimos despoletar este tipo de resposta em macacos, isso terá importância nos humanos?» (Pessoalmente, ficaria muito surpreendido se fosse esta a questão essencial.) Não se pode dizer, portanto, que haja grande consenso sobre a questão essencial. Felizmente, eu sei exactamente qual é a questão essencial. Seria, aliás, ridículo se estivesse a falar sobre isto e não soubesse. No entanto, acho que não vo-la devo revelar. Até porque, para falar com franqueza, o facto de eu não vos dizer qual é a questão essencial não é, parece-me, a questão essencial. ■



O problema é que, em princípio, quem sabe qual é a questão essencial não a revela. Talvez, depois de muito pressionado, seja capaz de levantar um pouco o véu. A questão essencial, normalmente, tem a ver com «certos factores». Embora, muitas vezes, se relacione também com «determinados aspectos»

Perigo: condutores portugueses a 500 metros

OS PORTUGUESES gostam imenso de assistir a desastres. Isto é confirmado por dois factores: os governos que o povo português tem vindo a eleger e os magotes de gente que se juntam sempre que há acidentes na estrada. Se gostamos de alguma coisa, é de ver chapa batida. Às vezes, a minha mãe deixava cair uma panela, na cozinha, e o meu pai precipitava-se imediatamente para lá, a perguntar: «O que é que se passa? Há amolgadelas? Qual dos tachos é que teve a culpa?» (Notem que, em casa dos meus pais, a minha mãe ficava na cozinha, a lavar a loiça, e o meu pai ia

gerações, a evolução atinja o ponto culminante e as mulheres fiquem na cozinha, a lavar a loiça, enquanto os homens vão para a sala ver um programa cultural qualquer.)

DECIDIR QUEM TEVE A CULPA de determinado acidente é a principal responsabilidade dos mirones. Conjectura-se muito, por essas estradas. Quem vinha da direita? Qual dos condutores estava embriagado? Onde é que podemos ir a esta hora para ficarmos tão embriagados como ele? E, à medida a que os bombeiros vão levando as vítimas para a ambulância, o povo

Decidir quem teve a culpa de determinado acidente é a principal responsabilidade dos mirones. Conjectura-se muito, por essas estradas. Quem vinha da direita? Qual dos condutores estava embriagado? Onde é que podemos ir a esta hora para ficarmos tão embriagados como ele?

para a sala ver o futebol, refastelado. Na minha casa, que é moderna, as coisas passam-se mais de acordo com o século XXI: a minha mulher fica na cozinha, a lavar a loiça, e eu vou para a sala ver o futebol, mas não estou refastelado. Estou apenas bem sentado. Confio que, daqui por três ou quatro

vitoria os seus heróis aos brados de «Deixem passar o homem, pá!» e «Este devia vir bonito, devia.» Não é por acaso que o povo usa a palavra «bonito». Ou se calhar até é, porque é bastante frequente o povo não dizer coisa com coisa, mas dava-me imenso jeito que não fosse. O povo

sente-se irreprimivelmente atraído pelos acidentes. No fundo, para o sacana do povo, aquilo é um espectáculo bonito. Suspeito que é justamente por isso que os portugueses têm tantos acidentes: para os poderem ver mais de perto. Envolvem-se em aparatosos desastres e saem do carro já a pensar: «Que rico acidente. Tenho de ver isto de fora, pá. Ena, como o carro ficou! Olha que esquisito que está o carburador, parece a minha perna esquerda. Espera lá, aquilo é a minha perna esquerda. Extraordinário.»



É POR ISSO QUE O POVO PORTUGUÊS não gosta das pessoas que conduzem bem. Só há, aliás, duas pessoas que conduzem bem em Portugal: o amigo leitor e eu. Este fim-de-semana fui ao Interior do País e respeitei escrupulosamente o limite de velocidade permitido não só porque sou um automobilista consciencioso mas também porque tenho a carta apreendida com pena suspensa e, se me apanham outra vez em excesso de velocidade, tiram-ma. Pois bem, fui ultrapassado por toda a gente. Fui

ultrapassado por carros e por motos. Fui ultrapassado por tractores. Fui ultrapassado por velhos em bicicletas. E constatei que a generalidade das pessoas leva a mal que se respeite o Código da Estrada. Passam por nós com o sobrolho franzido e a pensar (nós, os colunistas da imprensa, sabemos o que as pessoas pensam): «Olha o bem comportadinho, hem? Apesar

de muito bem parecido, este tipo é um idiota. Se fossem todos como ele, a malta não via desastres nenhuns.» E, para quem vive na província, admito que isto seja desagradável. O raciocínio é: «Não temos cinema, não temos teatro, os jornais, às vezes, chegam com um dia de atraso. Vamos ultrapassar veículos longos em curvas.» Se a Lusomundo vendesse bilhetes na berma da estrada, fazia mais dinheiro do que com os filmes de Hollywood. ■

Ser do **Benfica**: manual de instruções

O BENFICA TEM boas hipóteses de ser campeão, este ano, e eu confesso que não consigo pensar noutra coisa. Devo acrescentar que, mesmo quando o Benfica não tem hipóteses nenhuma de ser campeão, eu não consigo pensar noutra coisa. Mas estou longe de ser um fanático, atenção. Detesto fanáticos do Benfica. São insuportáveis. Os fanáticos acham que o Benfica é o melhor clube do mundo. Um benfiquista a sério pensa de outro modo: não é uma questão de achar; nós temos a certeza de que o Benfica é o melhor clube do mundo. Os fanáticos são uns maricas.

ainda assim, literariamente possível. O que impede uma equipa que esteja a liderar o campeonato, num determinado momento, de abdicar do título a favor do Benfica, por ser a equipa que pratica o melhor futebol e veste o equipamento mais bonito? Nada.

UM BENFIQUISTA A SÉRIO tem aspirações irrealizáveis. Um sportinguista a sério quer que a equipa do Sporting jogue bem. Um portista a sério quer que a equipa do Porto seja aguerrida. Um benfiquista a sério quer que a equipa do Benfica seja «o Benfica». E ser «o

Um sportinguista a sério quer que a equipa do Sporting jogue bem. Um portista a sério quer que a equipa do Porto seja aguerrida. Um benfiquista a sério quer que a equipa do Benfica seja «o Benfica». E ser «o Benfica» é quase impossível especialmente para o Benfica

Um benfiquista a sério continua a acreditar na conquista do campeonato, mesmo quando isso já é matematicamente impossível. Porque é que há-de ser a matemática a ditar a possibilidade de se ser campeão? Porque não a literatura? O título pode ser matematicamente impossível mas,

Benfica» é quase impossível especialmente para o Benfica. Isto porque um benfiquista a sério é seriamente doente. O Benfica bem pode ganhar um jogo por quatro ou cinco, que nós saímos da Luz a dizer: «Não jogámos nada, pá.» Isto é, evidentemente, um elogio. É por isto que nós somos o



Benfica. Não nos contentamos com sermos os maiores. Sabemos que podemos ser ainda melhores do que aquilo. Podemos ser «o Benfica». E temos todas as condições para sê-lo, uma vez que, curiosamente, já somos o Benfica. Não sei se me faço entender. É provável que não. Eu próprio estou um bocado à nora.

Um benfiquista a sério exige aos jogadores que sejam mais do que são. Exige ao Simão que seja o Simão e que, além disso, tenha a imaginação do Chalana e a garra do Simões; exige ao Manuel Fernandes que seja o Manuel Fernandes e que tenha ainda a força do Coluna e a visão de jogo do Shéu; e exige ao Paulo Almeida que vá para casa e não saia de lá. Um benfiquista a sério é bastante cruel. A menos que o Paulo Almeida marque três golos ao Porto. Nessa altura, o Paulo Almeida fará o que quiser de um benfiquista a sério.

E um benfiquista a sério é um benfiquista a sério. Não é simpatizante do Benfica. O Benfica não desperta sentimentos menores, como a simpatia. Só gera de amor para cima. E é um amor exclusivo. Lembro-me de, um dia, ter tido esta conversa com o meu pai: Ele: Más notícias, filho. Quando vínhamos para casa, a seguir ao empate do Benfica, a tua mãe caiu e partiu os dois braços e as duas pernas.

EU: EH PÁ, NÃO ACREDITO. O Benfica empatou? Claro que isto nunca aconteceu. É um exagero que eu uso aqui, com fins estilísticos. A minha mãe não tinha partido os dois braços mas só uma das pernas. Estava ótima. Apesar disso, este tipo de atitude tem-me causado dissabores, ao longo da vida. **Eu sei perfeitamente que nunca serei o filho preferido da minha mãe. E eu sou filho único, portanto, vejam bem o que isto faz a uma pessoa.** ■

Nobel da Paz para Manuel Acácio

E STOU CONVENCIDO de que Manuel Acácio, o moderador do programa radiofónico Fórum TSF, é o Gandhi português. Os intervenientes do Fórum TSF dividem-se em três categorias fundamentais: os que têm opiniões banais, os que têm opiniões bizarras e os que não têm opiniões nenhuma. Estes últimos são, obviamente, os mais interessantes. Telefonar para um programa de opiniões não tendo opinião nenhuma é um acto de coragem que merece o nosso respeito e admiração. Há várias maneiras clássicas de não exprimir opinião nenhuma no Fórum TSF. Por exemplo, por motivos técnicos: Manuel Acácio: Vou pedir-lhe que baixe o seu rádio, por favor.

Ouvinte: O quê?

Manuel Acácio: Peço-lhe que baixe o volume do rádio.

Ouvinte: Não percebo.

Manuel Acácio: Diga? Ouvinte: Hã?

Manuel Acácio: Não oiço.

Ouvinte: Como diz?

Manuel Acácio: Se não baixar o seu rádio, não o conseguimos ouvir, por causa do eco.

Ouvinte: Ó Manuel Acácio, está a fazer muito eco. A TSF devia ver isto, porque assim não se ouve nada. Outro género de pessoa que acaba por não exprimir pensamento nenhum é o chamado ouvinte-legislador, que telefona para sugerir normas de conduta aos outros intervenientes: Ouvinte: Ó sr. Manuel Acácio, eu vou ser muito rápido, muito conciso e muito breve. E, pelo sim pelo não, vou ser um bocadinho sintético, também. Porque há ouvintes que ligam para cá e perdem-se em pro-legómenos e contextualizações que não servem para nada, em vez de irem ao cerne da questão e deixarem falar os outros, que também têm direito. Fica uma pessoa às vezes horas e horas à espera que um palerma qualquer esteja para aqui a desbobinar um grande relambório sem interesse nenhum. Isto é como diz o outro: eles falam, falam, e não dizem nada, não é? Eh, eh, eh. (pausa) Estou?

Manuel Acácio: Sim, estamos a ouvi-lo.

Ouvinte: Ah! É que por momentos fiquei sem sinal. Capaz de ser do tele-

fone, ou assim. Já me tem acontecido o mesmo em conversa com malta amiga. Estes telefones novos. Dava um tema para o vosso programa, um dia destes. Ora bem, é a segunda vez que participo no Fórum TSF. Ou é a terceira? Não, minto, é a terceira. Assim é que é. Só que numa das vezes eu cheguei a entrar no ar mas a chamada caiu. Ficou só aquele pi, pi, pi, pi, pi. Por isso, não sei se conta.

Manuel Acácio:...

Ouvinte: É capaz de não contar. Pronto, é só a segunda vez que participo, digamos assim. Vou então explicar a minha opinião. Ora bem, antes de mais nada, muito bom dia ao auditório.



E é mais ou menos por esta altura que se acabam os dois minutos a que o ouvinte tem direito. Outro dos meus preferidos é o ouvinte-relâmpago, que fica horas à espera para dizer qualquer coisa deste género:

Ouvinte: Sr. Manuel Acácio, é para dizer que sou contra.

Manuel Acácio: Ouvinte: Qual é o tema de hoje, sr. Manuel Acácio?

Manuel Acácio: É a questão das pescas.

Ouvinte: Pois, sou contra. Obrigado e bom dia.

Outro dos mais fascinantes tipos de ouvinte é o que, embora não tenha opinião nenhuma sobre o tema do dia, tem várias sobre os temas de dias anteriores. Também a esses, Manuel Acácio responde com a sua imperturbável bonomia.

Ouvinte: Eu queria era falar sobre as reformas, que era o tema de ontem. É que eu sou reformado.

Manuel Acácio: Lamento, mas o tema de hoje é a questão das pescas. Tem opinião sobre este tema?

Ouvinte: Hum. Tenho, tenho.

Manuel Acácio: Diga, então.

Ouvinte: Hum... As nossas pescas. estão... muito mal. Quase tão mal como os reformados. Eu sou reformado e tenho uma reforma de miséria.

Manuel Acácio: As reformas eram o tema de ontem. Hoje são as pescas. Se não tem opinião sobre o tema das pescas, terei de passar a outro ouvinte.

Ouvinte: Não, não, eu falo sobre as pescas. A minha opinião sobre as pescas é esta: as pensões de reforma são tão baixas que eu nem tenho dinheiro para ir à pesca.

Não sei há quantos anos Manuel Acácio apresenta este programa. Mas qualquer pessoa que, depois de moderar o Fórum TSF durante uma semana e meia, não queira investigar a morada de dois ou três ouvintes, para ir a casa deles com uma vara de marmeleiro, merece o Nobel da Paz. ■

Ouvinte: Sr. Manuel Acácio, é para dizer que sou contra.

Manuel Acácio: Ouvinte: Qual é o tema de hoje, sr. Manuel Acácio?

Nobre Guedes a Presidente

A CONFIRMAR-SE QUE, quatro dias depois de ter perdido as eleições, Nobre Guedes assinou um despacho a permitir o abate de 2 600 sobreiros, este homem é o melhor ministro do Ambiente que Portugal já teve. Primeiro, pelo brio profissional: ao contrário do que toda a gente diz, os políticos não são – e cito toda a gente – «uns calões que só querem é poleiro para depois não fazerem nada». Não. Nobre Guedes tinha tanta vontade de trabalhar que, quatro dias depois de ter deixado de ocupar o seu cargo, ainda o exercia. Segundo, pelo modo como defende a natureza. Vem aí a época dos incêndios. Por causa de Nobre Guedes, há 2 600 árvores que,

parte das anedotas sobre alentejanos, há pessoas a descansar debaixo de chaparros.

ORA, SE DEPENDESSE de Nobre Guedes, não haveria um único chaparro em todo o Alentejo, pelo que se tornaria muito difícil descansar debaixo de um. Claro que a preguiça dos alentejanos é uma ideia falsa transmitida por pessoas de outras províncias do País que, provavelmente, se deixaram estar debaixo de chaparros a inventar anedotas enquanto os alentejanos trabalhavam. Mas o ministro pode muito bem ter sido induzido em erro.

É, então, por todas estas qualidades

Vem aí a época dos incêndios. Por causa de Nobre Guedes, há 2 600 árvores que, com certeza absoluta, não vão arder neste Verão. Este homem é o melhor ministro do Ambiente que Portugal já teve

com certeza absoluta, não vão arder neste Verão. Se isto não é ter visão de grande estadista, então não sei o que é.

A iniciativa de Nobre Guedes também pode ser entendida como um incentivo à produtividade. Na maior

políticas que estarei na primeira linha de uma campanha para eleger Nobre Guedes como Presidente da República, embora haja quem pense que o antigo ministro do Ambiente revele mais vocação para Papa. Porque, dizem as más-línguas, Nobre

Guedes tem muito em comum com Ratzinger: ambos foram eleitos para servir o Espírito Santo.

FAÇO NOTAR aos advogados de Luís Nobre Guedes que não sou eu o autor desta última frase. São, como penso ter deixado claro, as más-línguas que – eu aproveito para condenar com muita veemência. Aliás, não me passaria pela cabeça fazer um jogo de palavras tão estafado. Se é para recorrer ao trocadilho, eu talvez preferisse uma reflexão sobre o modo como, em Portugal, as divindades se relacionam com a nossa flora, uma vez que Nossa Senhora de Fátima apareceu em cima de uma azinheira e o Espírito Santo fez desaparecer 2 600 sobreiros. Vêem? Continua a ser uma divertida brincadeira com o duplo sentido da expressão «Espírito Santo», mas inclui o contraste entre uma divindade que aparece e outra que faz desaparecer, mais uma interessante referência à diversidade botânica do País. Dito isto, fica claro, tanto para os advogados de Nobre Guedes como para o leitor, que a diferença entre mim e as más-línguas é que eu, através de pequenas subtilezas de linguagem, designadas no jargão extremamente técnico da escrita humorística por «aldrabices», consigo livrar-me de processos judiciais. Pelo menos, assim o espero. ■



Le Portugal, zero points

QUE O PAÍS VIVE tempos difíceis não é segredo para ninguém. Não quero estar a referir nomes, mas a culpa é de José Cid. Um país precisa de tradições, de referências, de segurança. E um dos mais belos rituais que nós tínhamos, enquanto povo, era assistir às nossas fulgurantes derrotas no Festival Eurovisão da Canção. É raro, neste mundo imprevisível, haver algum momento, por breve que seja, em que podemos ter o conforto de saber, com certeza absoluta, como acaba.

Quando Portugal não acabava com zero pontos, a culpa era dos espanhóis. No festival, os países votavam nas nações amigas: Portugal votava em Espanha, e Espanha votava em Portugal; os países nórdicos votavam uns nos outros; e os franceses, mais que uma vez, tentaram não votar em ninguém

Mas sentarmo-nos à frente da televisão sabendo, de ciência certa, que a canção portuguesa ia ficar em último com zero pontos, era um desses momentos – que eu acarinhava. A frase que mais se ouvia, no Festival da Eurovisão, era *Portugal, zero points*, em inglês, exaquo com a frase *Le Portugal, zero points*, em francês. A tranquilidade que tudo isto transmitia ao espectador era

enorme. E a musicalidade destas frases era, por vezes, mais bela que a melodia da canção vencedora. Este suplício português na Eurovisão teve, aliás, um sibilino prenúncio quando, em 1964, nos estreámos no festival com um cantor chamado Calvário que ficou em último lugar com (adivinharam) zero pontos.

Quando Portugal não acabava com zero pontos, a culpa era dos espanhóis. No festival, os países votavam nas nações amigas: Portugal votava

em Espanha, e Espanha votava em Portugal; os países nórdicos votavam uns nos outros; e os franceses, mais que uma vez, tentaram não votar em ninguém.

Nos últimos tempos, porém, a música portuguesa não nos tem dado as alegrias de anos anteriores. Não me interpretem mal: no festival da Eurovisão deste ano, Portugal teve, de facto,

uma má prestação – e eu sou o primeiro a louvá-lo. Mas isto de não se poder afirmar, com propriedade, que ficámos em último lugar, deixa um sabor amargo na boca. Ficar pela pré-eliminatória deixá-nos metidos no mesmo saco que meia dúzia

de Lituânias sem que nos consigamos distinguir por sermos «os últimos». E, como é óbvio, só há um artista com condições para compor uma canção suficientemente boa para passar das eliminatórias, e suficientemente má para ficar em último no festival propriamente dito. Esse artista, apesar da nódoa no curriculum de ter ficado uma vez em sétimo – coisa que nunca lhe perdoei – é José Cid.

OS MAIS PRESTIGIADOS economistas do País fizeram mestrados, doutoramentos e MBAs, sendo que alguns deles estudaram num sítio que confere particular prestígio e que se chama «lá fora». Quanto a mim, não percebo rigorosamente nada de finanças. Pois no momento em que escrevo, nem eu nem os mais prestigiados economistas do País sabemos qual é, ao certo, o valor do défice. Eu não sei, sequer, o que é o défice. Isto é ótimo para o País. **Parece-me muito democrático que todos nós, desde os especialistas até aos mais ignorantes leigos, pos-**



26 DE MAIO DE 2005

samos pra-
guejar contra
o défice (ou
a favor, ainda
não compre-
endi bem; como
vos disse, não
percebo nada do
assunto) em pé
de igualdade.

Nada me impede de ter uma conversa destas com Ví-

tor Constâncio:

Eu: Então, Vítor? Estás bom? Afinal, como é que está o défice, ou o que é?

Constâncio: Parece-me que está na ordem dos sete por cento. Mas ainda só estou há oito meses a trabalhar nisto. É cedo para dizer.

Eu: Olha que eu acho que é menos.

Constâncio: Mas baseado em quê?

Eu: Cala-te, pá.

Cá está. Qual de nós é o economista respeitado e qual é o tipo que, embora possuidor de grande beleza física, não sabe nada de contas públicas? Quase impossível dizer. Nenhum de nós faz ideia do valor do défice. Por isso, e tendo em conta que a minha opinião vale tanto como a do governador do Banco de Portugal, gostava de lançar aqui algumas directivas para o futuro. Vivemos anos e anos a fazer contenção de despesas e a apertar o cinto – e deu nisto: o défice aumentou. Proponho mudar de tática. Vamos viver à tripa-forra. Vamos alargar o cinto. O défice fica alto na mesma, mas a gente diverte-se. ■

o intrigante caso dos coletes de segurança

UM ESPECTRO paira sobre o País. O espectro dos coletes de segurança. A pouco e pouco, foram aparecendo cada vez mais automóveis com os bancos da frente forrados com os novos coletes de segurança. O fenómeno merece análise cuidada. Vejamos: há vantagem em ter os coletes de segurança enfiados no banco da frente? Há. Suponhamos que temos um furo. Suponhamos ainda que um dos bancos da frente quer ir lá fora avaliar os estragos e mandar um palpite sobre a melhor maneira de manusear o macaco. Uma vez que tem o colete vestido, está devidamente equipado

Vestir os bancos da frente com os coletes de segurança faz tanto sentido como, digamos, pendurar o pneu sobresselente no espelho retrovisor

para o fazer. Poder-se-á argumentar que não é assim tão frequente os bancos quererem sair do carro para ajudar a mudar um pneu. De acordo. Mas não seria a coisa mais estranha que já se viu nas estradas portuguesas, e a prevenção nunca fez mal a ninguém. Por outro lado, a colocação dos coletes nos bancos levanta questões de

segurança. O colete, que no momento da compra é fluorescente, terá tendência a acumular suor e sujidade avulsa (estudos recentes mostram que o condutor português médio é rico em suor e sujidade avulsa), até perder completamente a fluorescência.

ALÉM DE QUE VESTIR os bancos da frente com os coletes de segurança faz tanto sentido como, digamos, pendurar o pneu sobresselente no espelho retrovisor o que nos leva ao problema da estética. E, aqui, impõe-se a pergunta: quem é o génio

que, periodicamente, lança modas no âmbito do embelezamento automóvel? Quem lançou, por exemplo, a moda Primavera/Verão, em 1987, das almofadas de renda no banco de trás? Quem esteve na origem da tendência Outono/Inverno, em 2002, do CD pendurado no retrovisor? E quem foi o ideólogo do cãozinho de porcelana de cabecinha bamba, que

abana o focinho a cada solavanco? Notem: o inventor deste bibelô automóvel sabia que boa parte do povo português gostaria de andar com um cãozinho de cabeça bamba na chapeleira. Ele não inventou um

cavalo de perna bamba, nem um pato de bico bambo, nem um



gato de cauda bamba. Foi um cãozinho de cabeça bamba. É preciso saber muito sobre o povo português para adivinhar qual é o animal que nós queremos pôr na chapeleira e que parte do seu corpo queremos que esteja bamba.

CONFESSO A MINHA predilecção por este adorno, uma vez que, além de inegáveis vantagens estéticas, faz mais pela segurança do que muitas campanhas da Prevenção Rodoviária Portuguesa. Quantas vezes não fui surpreendido, enquanto conduzia, por um destes cachorrinhos que, na chapeleira do carro da frente, parecia dizer-me, ao mesmo tempo que fazia que sim com a cabeça: «Estás a conduzir bem, estás.

Vê lá se tens cuidadinho, pá»? A moda dos coletes, contudo, é, para já, uma das mais bem sucedidas de sempre. Sem contar com os retardatários do costume, ainda presos à moda da bandeira nacional atada aos encostos de cabeça (Primavera/Verão, 2004), a generalidade das pessoas está a aderir em força. Suspeito que boa parte desta gente se não fosse para o ter em exposição no banco da frente.

Agora, basta evitar que, por inversão do raciocínio, as mesmas pessoas que usam o colete de segurança como forro do banco, usem o forro do banco como colete de segurança. Detestaria ver um automobilista a mudar um pneu envergando uma cobertura de pele de carneiro. Ou um taxista a colocar um triângulo vestido com uma daquelas esteiras de bolinhas de madeira. A não ser que lhes que mesmo bem. ■

Isto precisa é de um Saldanha Sanchez em cada esquina

CONSIDERO UM escândalo que Campos e Cunha acumule o salário de ministro das Finanças com uma pensão de reforma. Acho que é pouco. Como é possível que, neste país, um ministro não acumule também, além da reforma e do salário, uma carteira de tickets-refeição e dez ou vinte senhas de gasolina, pelo menos? É esta a mensagem que queremos transmitir ao País? Se um ministro – ainda para

as únicas pessoas que pagam impostos em Portugal são o meu interlocutor e eu. O resto do povo português (ou, como nós o designamos, «essa malta») foge aos impostos e vive de «esquemas». Creio não estar longe da verdade se disser que a língua portuguesa é a única em que a palavra «esquema» também designa «vigarice» – mas o que é certo é que, na verdade, eu só conheço a língua portuguesa,

Só ficarei satisfeito quando José Sócrates disser: «Sobre aquilo de arranjar 150 000 empregos, devo confessar que me enganei. Eu vou arranjar é 150 000 reformas – 10 000 para cada ministro. Foi um lapso, desculpem lá

mais o das Finanças, – que devia perceber do assunto, só consegue safar-se com um salário e uma reforma, a que é que o resto do povo pode aspirar? O motivo da minha preocupação é este: sempre que falo com alguém sobre assuntos fiscais (não é assim tão frequente, admito) descubro que

e mal. Seja como for, uma vez que, neste momento, é consigo que estou a falar, amigo leitor, somos nós os dois os únicos que pagamos impostos em Portugal. Já viu isto? Quando se fala de contribuintes, na televisão, é a nós que se estão a referir. Mais valia tratarem-nos pelo nome, não

acha? Somos só dois, que diabo. Nós temos os impostos todos em dia. Sabe porque é que este país não avança? Claro, é por causa dessa malta. Essa malta arranja esquemas para não pagar impostos, e quem se lixa é o contribuinte. Nós os dois, portanto. O problema é que essa malta são 9 999 998 pessoas. E essa malta, por muito que nos custe, tem de viver. Ora, se o ministro das Finanças, que está numa posição privilegiada para – através, evidentemente, de esque-

mula duas reformas com o seu vencimento, mas mesmo assim não chega. Só ficarei satisfeito quando José Sócrates disser: «Sobre aquilo de arranjar 150 000 empregos, devo confessar que me enganei. Eu vou arranjar é 150 000 reformas – 10 000 para cada ministro. Foi um lapso, desculpem lá.»

É IMPRESSÃO MINHA OU, desde que Durão Barroso foi para a Comissão Europeia, isto da Europa passou a correr pior? Os franceses votam «não» ao



mas – viver à grande, só consegue acumular um salário com uma pensão de reforma, essa malta não poderá ter ambições muito elevadas. É suposto sermos um país de espertos, e os ministros devem ser, como é óbvio, os mais espertos de todos. É certo que, entretanto, ficámos a saber que o ministro das Obras Públicas acu-

Tratado Constitucional, os holandeses também, os ingleses acham que já nem vale a pena fazer o referendo, a Itália quer abandonar o euro para voltar à lira. Enfim, nós bem avisámos. Despachar o Durão Barroso: eis o único parâmetro em que Portugal é superior aos outros países da Europa. Convenhamos que já não é mau. ■

Carta aberta aos bandidos

ESTIMADOS BANDIDOS, de acordo com relatórios do Ministério da Administração Interna, a criminalidade dos gangs aumentou 460% em sete anos. Creio ser seguro afirmar que nenhuma outra actividade teve, em Portugal, um sucesso que sequer se assemelhe a este. Se alguma classe profissional tem levado a sério o apelo patriótico do Presidente da República para fazer um esforço no sentido de dar o melhor de si ao País, é a vossa.

Não posso, no entanto, deixar de colocar fortes reservas à vossa última iniciativa. É certo que a notícia correu

vocês podiam ter assaltado a agência sede da Caixa Geral de Depósitos e trazido o cofre-forte ao colo. Duzentos e cinquenta de cada lado e levavam aquilo em peso para casa.

A ASSALTAR UMA PRAIA, parece-me óbvio que deveriam ter escolhido praias de gente rica, como a dos Tomates, a do Ancão ou as de Vilamoura. Num dia bom, talvez conseguissem palmar o helicóptero do Manuel Damásio. Já a praia de Carcavelos, meus amigos, o que é que tem para roubar? Por mais que me esforce, não consigo deixar de imaginar a vossa reunião

Vamos lá dividir o produto do roubo desta tarde. Este bronzeador solar de factor 30 fica para mim. *Mãozinhas*, ficas com este par de raquetes. Aqui o *tupperware* de pataniscas de bacalhau é para o *Zé Naifas*. E os outros 497 dividem este tacho de arroz de tomate embrulhado em papel de jornal

mundo, e é inegável que isso, juntamente com os êxitos de José Mourinho, contribui para prestigiar o nome de Portugal lá fora. Mas mobilizar 500 marmelos para assaltar uma praia é simplesmente estúpido. Com meio milhar de meliantes bem organizados,

após o arrastão como uma cena patética do tipo: Bandido: Muito bem, vamos lá dividir o produto do roubo desta tarde. Este bronzeador solar de factor 30 fica para mim. *Mãozinhas*, ficas com este par de raquetes. Aqui o *tupperware* de pataniscas de

bacalhau é para o *Zé Naifas*. E os outros 497 dividem este tacho de arroz de tomate embrulhado em papel de jornal.

RIDÍCULO, NÃO VOS PARECE? Sei que a minha opinião de leigo, provavelmente, conta pouco, mas não faria mais sentido dividirem-se em grupos de 50 (que já assustam) e assaltarem dez praias em vez de uma? É uma questão de aritmética simples. Se me permitem a observação, estou convencido de que **vocês, bandidos nacionais,**



são como os empresários portugueses e digo isto sem pretender ofender-vos de modo algum. Têm iniciativa, sim senhor, mas falta-vos visão estratégica e, sobretudo, formação. Pois não é evidente que os vossos negócios se desenvolvem menos bem na praia do que, diga-mos, no campo? Refiro-me, especialmente, a campos de golfe. Mantém-se o contacto com a natureza e o trabalho ao ar livre – que, pelos vistos, vocês tanto prezam – e tem duas vantagens que entendo como fundamentais: primeira, há

muito mais coisas valiosas para roubar; segunda, eu vou à praia de vez em quando, mas não jogo golfe. Pensem lá bem nisso e continuação de bom trabalho.

Um abraço para todos do Ricardo

P.S.: Não sei qual de vocês ficou, aqui há tempos, com o meu auto-rádio. Se ainda não foi vendido, uma dica: lá dentro ia um CD do Sérgio Godinho, o *Rivolitz*. Tenham isso em atenção na altura de fazer o preço, porque é um belo álbum ao vivo. ■

Orgulho 'beige'

DEVO CONFESSAR que a manifestação de extrema-direita do passado sábado me fez ter orgulho de ser português. Estavam ali 200 pessoas a gritar palavras de ordem contra os estrangeiros e a fazer a saudação romana, de modo que eu só podia ficar muito orgulhoso dos 9.999.800 portugueses que se recusaram a pôr os pés em semelhante fantochada. Não me interpretem mal: alguns argumentos daquela gente – passe a expressão – até fazem sentido. Dizem eles que não querem cá os «criminosos estrangeiros». Sendo uma parte dos manifestantes criminosos portugueses (alguns deles, condenados por homicídio) compreende-se que receiem a concorrência de criminosos vindos lá de fora, que lhes podem tirar o lugar no sempre competitivo

É gente que não gosta de trabalhar. E ninguém me tira da cabeça que são ladrões. Digamos que sou, com orgulho, um supremacista oleoso. Este país não há-de avançar enquanto o poder não for detido pelas pessoas que têm a pele oleosa.

POR OUTRO LADO, alguns argumentos destes nazis são apenas ridículos. Por exemplo, um português a dizer que tem orgulho de ser branco é o mesmo que o Bob Marley a dizer que tem muito gosto de ser sueco. Nós não somos brancos, meus amigos. Brancos são os ingleses. Nós, se formos um bocadinho à praia, ficamos logo mais escuros. Mas um inglês está cinco minutos ao sol e parece uma lagosta com escarlatina. Isso é que é ser branco. Outro exemplo: nos Jo-

Nós somos pretos. Há muitos anos que estou convencido disto: a única razão pela qual os skinheads portugueses rapam a cabeça é para que não se perceba que eles têm carapinha

mundo da criminalidade. Além disso, eu até sou sensível à discriminação de pessoas por causa da pele. Como não ligo muito à cor, discrimino com base no tipo de pele. Não confio em pessoas que têm a pele seca, por exemplo.

gos Olímpicos, nós só ganhamos nas provas de fundo e meio-fundo, juntamente com os quenianos e os etíopes. Os brancos ganham é na natação e no hipismo. Portanto, nós somos pretos. Há mui-



tos anos que estou convencido disto: a única razão pela qual os skinheads portugueses rapam a cabeça é para que não se perceba que eles têm carapinha. Não sei se estão a par disto, mas nos congressos internacionais de nazis, ter carapinha não é característica que se encoraje ou aprecie.

PELA MINHA PARTE, devo dizer que estou encantado com o facto de ser preto. Reparem na transformação por que passou o Michael Jackson: enquanto foi preto, era um grande artista e sabia cantar e dançar. De repente, à medida a que foi embranquecendo, começou a cantar cada vez pior e a dormir com

rapazinhos. Será preciso dizer mais? Não, definitivamente nós não somos brancos. Nós somos, quando muito, beiges. E o beige, devo lembrar, é das cores mais maricas que há. Não respeito uma cor que, sem palavra portuguesa original que a designe, tem um nome francês. Nesse aspecto, ainda bem que nós não somos, por exemplo, *bordeaux*. Isso sim, seria verdadeiramente trágico. ■

P.S.: Lembrei-me agora do seguinte: o meu tio Vítor, que tem uma cirrose, é *bordeaux*, sobretudo na zona do nariz. Coitado do homem.

Estou **optimista**
quanto ao pessimismo

VÁRIAS PESSOAS andaram a fazer sondagens e apuraram que os portugueses estão pessimistas. Se me tivessem perguntado, teriam poupado muito trabalho. É claro que os portugueses estão pessimistas. Os portugueses andam pessimistas desde 1143 e o Vasco Pulido Valente desde muito antes. Cinco minutos depois de Afonso Henriques assinar o Tratado de Zamora, já havia um português a dizer: «Hum, este país nunca há-de ir a lado nenhum, pá», em galaico-português. Isto é, e sempre foi, uma choldra, uma piolheira, um sítio mal frequentado e, como tudo o que é mau, dura muito. Estamos nisto há mais de 850 anos.

É justamente por isso que eu não estou pessimista. Era preciso muito azar para que, depois de 850 anos de agonia, Portugal acabasse agora. Durante oito séculos e meio já fomos governados por loucos, por patifes, por

vigaristas, por incompetentes, por adolescentes imaturos (e isto só durante o consulado de Santana Lopes) e safámo-nos. Não há-de ser agora que vamos deitar tudo a perder.

AO LONGO DESTES QUASE 900 ANOS, sobrevivemos até aos nossos heróis que, sejamos sérios, deixam um tanto a desejar. Com todo o respeito, Martim Moniz – foi é inútil negá-lo – a primeira testemunha de Jeová da História. Foi a primeira pessoa a bater à porta de gente que não partilhava a sua religião e, quando os desgraçados tentaram fechar a porta, meteu-lhes o pé na ombreira, para não os deixar ir para dentro em paz. Foi ele que inaugurou essa prática irritante. Aposto que as últimas palavras do bom Martim, antes de levar com a porta no peito, foram: «Ó muçulmanos, já têm o último número do Sentinela?» O José Mattoso bem podia investigar isto.

Era preciso muito azar para que, depois de 850 anos de agonia, Portugal acabasse agora. Durante oito séculos e meio já fomos governados por loucos, por patifes, por vigaristas, por incompetentes, por adolescentes imaturos (e isto só durante o consulado de Santana Lopes) e safámo-nos. Não há-de ser agora que vamos deitar tudo a perder.

Já Camões era um brincalhão. A razão pela qual os miúdos rejeitam *Os Lusíadas*, na escola, não tem a ver com o facto de os decassílabos heróicos serem difíceis de dividir em orações. O problema é que as pessoas sentem que está a fazer pouco delas. Há muito «peito ilustre lusitano», muito «e julgareis qual é mais excelente, se ser do mundo rei, se de tal gente», e depois nós abrimos o jornal e vemos que o Avelino Ferreira Torres foi recebido apoteoticamente em Amarante. O que é que há de excelente nisto, Luís Vaz? Portanto, não se preocupem. E preparem-se para mais 850 anos de pessimismo.

VEJAM BEM COMO ESTÁ o jornalismo português. Uma das notícias de primeira página do *Expresso* de sábado passado dava conta de que a imperial da Sagres vai passar a ser servida três graus mais fria. Até aqui tudo bem. No estado em que está o país, bem precisamos de boas notícias e saber que a imperial pode ser ainda mais fresquinha é uma alegria que agradeço, penhoradíssimo, ao *Expresso*. O que já não se perdoa é que a notícia seja preguiçosa. Dá a novidade, mede a nova temperatura à imperial, e despede-se sem mais. Não há investigação, não há contextualização, não há nada. Por exemplo, o que vai acontecer aos tremoços? Salgam um

mata melhor a sede, ou ficam na mesma, parados no tempo, alheios ao progresso e à modernidade? Sobre isto, nem uma palavra. O tremço é mais negligenciado pela comunicação social portuguesa do que o Partido da Nova Democracia. Mas, no caso da pobre leguminosa, isso é uma injustiça. ■



Live 8 ou 80

ESTOU DISPOSTO a fazer um esforço para acabar com a fome no mundo, desde que possa continuar sentado a ver televisão enquanto o faço. Ainda assim, sou contra o *Live 8*. Acho um mau princípio que os músicos se metam na política, porque isso legitima que os políticos se metam na música e quem se lembra do Mendes Bota a cantar e do Duarte Lima a tocar piano compreende bem as razões do meu receio. Além disso, parece-me que esta iniciativa é ofensiva para todos nós. Que seja

mente severo na fiscalização desta regra, e são frequentes os diálogos deste género:

– Fiscal do sindicato: Ó Bono, há mais de dez minutos que não bebes um *whisky*. Que brincadeira é essa?

– Bono: Desculpa, estava distraído.

– Fiscal do sindicato: E, pelas minhas contas, devias ter tido uma overdose há 15 anos. O que é que ainda estás a fazer vivo? Estes últimos álbuns já são fraquinhos, pá.

– Bono: Tens razão. Passa-me aí a seringa.

Acho um mau princípio que os músicos se metam na política, porque isso legitima que os políticos se metam na música e quem se lembra do Mendes Bota a cantar e do Duarte Lima a tocar piano compreende bem as razões do meu receio

um grupo de músicos a preocupar-se com as questões mais importantes da nossa vida é bem revelador do estado a que o mundo chegou. Notem: aquilo é gente que faz música *rock*.

TRATA-SE DE UMA PROFISSÃO em que é obrigatório abusar do álcool e das substâncias alucinogêneas. O sindicato dos músicos *rock* é particular-

Portanto, quem teve a ideia de organizar gratuitamente uma produção gigantesca para tentar acabar com a pobreza no mundo foi um grupo de toxicodependentes embriagados. Isto envergonha-nos a todos. E a mim, que sempre fui adepto de julgar as pessoas pelas aparências, deixa-me desconcertado. **Se um tipo com o aspecto do Bob Geldof é uma pessoa**

decente, e alguém impecavelmente vestido, como o George Bush, é um canalha, então, tenho andado a escolher mal o sítio do metro em que me sento. Tendo tudo isto em consideração, fico com medo de que o *Live 8* resulte.

DEFENDO QUE TODOS devíamos apelar aos membros do G8 no sentido de que não se deixassem pressionar pelos concertos do passado dia 2 de Julho. Porque, se os homens mais

poderosos do mundo aceitarem a sugestão dos músicos e perdoarem a dívida aos países africanos, já alguém imaginou como serão os livros de História do futuro? Eu dou uma ajuda: «Em 1454, a imprensa é inventada por Gutenberg. Em 1879, Edison inventa a lâmpada eléctrica. E, em 2005, a fome no mundo acaba devido à acção de Mariah Carey, dos Pet Shop Boys e da Shakira.» Deus nos livre. Os vindouros nunca nos respeitariam. ■



Psht, ó chefe

UM DOS PROBLEMAS DAS FÉRIAS não o menos grave é que o nosso contacto com empregados de café tende a aumentar. Há mais tempo de permanência em esplanadas, e o convívio com aquele tipo de profissionais pode causar danos irreversíveis na nossa auto-estima. Em primeiro lugar, faz falta um estudo sério que distinga os empregados de café quanto à sua ideologia. Basicamente, há quatro grandes tipos de empregado de café. Há o autoritário-platónico, que grita para dentro da cozinha ordens como

mesmo empenho que teria se fosse ele a desejá-la. Trata-se, porém, de um desejo platónico, porque o empregado sabe que, embora deseje a tosta mista com a mesma intensidade do cliente, quem acaba por comê-la somos nós. Vejam como há mais drama nisto do que parece à primeira vista. Estou convencido de que, se Shakespeare fosse vivo hoje, todas as suas tragédias se passariam em snack-bares. Há, também, o empregado pueril. É o que exclama «Dá uma bifana!», ou «Dá molotov!». A doçura inocente

Há, também, o empregado pueril. É o que exclama «Dá uma bifana!», ou «Dá molotov!». A doçura inocente da ordem é tal que não podemos deixar de pensar que se trata de uma versão abreviada de «Dá uma bifana ao bebé!» ou «Dá molotov ao menino!». E isso também entenece, evidentemente

«Quero uma imperial!» ou «Quero uma tosta mista!». Aquele «quero» assusta pelo que tem de exigência ríspida, mas entenece pelo modo como toma para si os desejos do cliente. Na realidade, somos nós que desejamos a tosta mista, mas este empregado é o nosso ponta-de-lança na cozinha. E está a dizer-nos que vai disputar a nossa tosta ao cozinheiro com o

da ordem é tal que não podemos deixar de pensar que se trata de uma versão abreviada de «Dá uma bifana ao bebé!» ou «Dá molotov ao menino!». E isso também entenece, evidentemente.

HÁ, AINDA, O EMPREGADO VOYEUR. Este, dirige-se ao pessoal da cozinha bradando «Olha o bitoque!» ou «Olha a

meia de leite!». É, no fundo, um homem que contempla. Pousa o olhar sobre um prato de tremoços como Alberto Caeiro o pousava sobre os rios e sobre as flores só que com mais poesia.

E há, finalmente, o empregado escapista. É aquele que transforma os nossos pedidos em ordens do tipo «Sai uma sandes de carne assada!». Este empregado está interessado apenas na saída do nosso pedido, para que ele se presentifique o mais rapidamente possível à nossa frente. Escuso de dizer como esta urgência é enternecedora.

PERANTE ISTO, é inevitável que o cliente sinta que não merece ser servido por empregados que denotam este nível de

abnegação. Mas não é só na dedicação à causa que nos sentimos inferiorizados perante estes profissionais. Há toda uma superioridade linguística, que também achincalha. Na maior parte dos casos, os empregados de café corrigem subtilmente o fraseado dos nossos pedidos. Quem me dera ter um euro por cada vez que mantive este diálogo com um empregado:

Eu: Queria um café.

Ele: Deseja uma bica?

Repare-se que, na minha frase, nem uma palavra se aproveita. É impossível não sentir embaraço por termos dito que queríamos um café quando, na verdade, o que se passa é que desejamos uma bica. Ou o Verão acaba depressa ou vou precisar de terapia. ■



Extremamente 'Silly Season'

COMO SABEMOS, todo o Mundo está a entrar agora na chamada Silly Season. Já Portugal, está a sair. Para nós, Silly Season é o resto do ano. O período em que estamos a entrar agora é qualquer coisa que está para além disso, em termos de patetice. Não há mesmo nenhuma notícia que seja digna de nota, pelo que os jornalistas se vêem forçados a lançar mão de assuntos extraordinariamente desinteressantes. Só para ter uma ideia

pontes sobre o Tejo, como forma de protesto. Quando os camionistas bloquearam a ponte 25 de Abril, foram os polícias que lhes bateram. Quem é que vai bater aos polícias, se eles bloquearem a ponte? Serão os camionistas? Se sim, vou comprar um Scania. Tenho umas contas para ajustar com um tipo da PSP que me multou, na semana passada. O Padre Feytor Pinto foi agredido por um mendigo e, a fazer fé na imprensa,

Ao que parece, os terroristas de Londres eram cidadãos ingleses, facto que causou grande perplexidade em toda a gente. Mas qual é a surpresa de haver pessoas que atentam contra o seu próprio país? Recordo que todos os membros do nosso governo nasceram em solo português

do ponto a que isto chegou, amigo leitor, digo-lhe que a VISÃO da semana passada incluía uma reportagem sobre um grupo de amigos meus e eu. Significativo.

O que lhe proponho hoje é uma visita guiada pelas notícias mais, digamos, parvas dos últimos tempos. Foram estas:

Segundo o presidente do Sindicato dos Profissionais de Polícia, os agentes de autoridade poderão vir a bloquear as

está disposto a apresentar queixa contra o agressor. Eis aqui um verdadeiro discípulo de Cristo: mesmo depois de agredido, quer mandar o mendigo para um sítio em que lhe possam dar um tecto, roupa lavada e se não tiver cuidado no duche amor.

AO QUE PARECE, os terroristas de Londres eram cidadãos ingleses, facto que causou grande perplexidade em toda a gente. Mas qual é a surpresa

de haver pessoas que atentam contra o seu próprio país? Recordo que todos os membros do nosso governo nasceram em solo português.

Santana Lopes anunciou que quer preservar o Ballet Gulbenkian. A companhia de bailado da Fundação não merecia esta atitude do presidente da Câmara. Se a tarefa de evitar a extinção já era difícil, neste momento tornou-se praticamente impossível: é um facto científico que, sempre que Santana Lopes se empenha num projecto, ele não se concretiza.

A média do exame de Matemática do 12º ano foi de 6,9 valores. O principal problema disto é que um miúdo que tem 6,9 em Matemática nem sequer chega a perceber a nota que obteve:

«Mas que é aquilo? Uma vírgula metida no meio do número? Isto é mais ou menos do que 10?»

ALBERTO JOÃO JARDIM diz que não quer chineses na Madeira. Não percebo a preo-cupação: há assim tanta gente a abandonar a China, rumo à Madeira? Pessoalmente, não estou a ver os chineses a trocarem uma ditadura por outra. Se forem suficientemente burros para o fazerem, então acho bem que os impeçam de entrar no arquipélago.

Gosto muito do Su Doku, o puzzle da última página do Público. Aliás, já era altura de a última página do Público ter alguma coisa que nos fizesse pensar. ■



A idade é um posto. E é um posto de Presidente

AO QUE TUDO INDICA, os principais candidatos à Presidência da República vão ser Cavaco Silva (66 anos) e Mário Soares (81 anos). De todos os nossos ex-primeiros-ministros com mais de 65 anos, o único que ainda não manifestou intenção de se

discutir. Segundo, porque a velhice sempre me fascinou. Sobretudo, fico surpreendido com o seguinte: os velhotes sabem que, a partir de certa altura, têm de se comportar como velhotes. Estou convencido de que há um organismo governamental qual-

Ao que tudo indica, os principais candidatos à Presidência da República vão ser Cavaco Silva (66 anos) e Mário Soares (81 anos). De todos os nossos ex-primeiros-ministros com mais de 65 anos, o único que ainda não manifestou intenção de se candidatar foi, creio, o Marquês de Pombal (fez 306 em Maio)

candidatar foi, creio, o Marquês de Pombal (fez 306 em Maio). Mas eu, se fosse jornalista da Lusa, não arredava pé do telex à espera do comunicado de candidatura do Sebastião José. Quanto a candidaturas de gente mais nova, não há notícia. Não haverá por aí um jovem, na força dos seus, vamos lá, 60 anos, que queira ser Presidente da República? Atenção: não quero, de modo algum, fazer da idade uma questão central nesta campanha. Não quero, mas vai ter de ser. Primeiro, porque não há mais nada para

quer que convoca os cidadãos, no dia em que completam 65 anos, para lhes dizer: «Sr. Antunes, a partir de hoje, o sr. é, oficialmente, um velhote. Terá de passar a dizer 'lâpes' e 'ténés', em vez de 'lâpis' e 'ténis', e não se esqueça que vai ter de se enganar sistematicamente no nome dos filmes. Estamos entendidos?»

APESAR DA IDADE DOS CANDIDATOS, tenho de confessar que estas podem ser as eleições presidenciais mais estimulantes de sempre, na medida em que

misturam dois temas fascinantes: a arqueologia e a política.

Proponho que os debates sejam moderados pelo professor Galopim de Carvalho, que é, entre nós, quem mais sabe de dinossáurios. Imaginem: ao mesmo tempo que pergunta a Cavaco qual deve ser a posição de Portugal face à ameaça islâmica, o prof. Galopim faz o teste do Carbono 14 a Mário Soares. É um grande momento de televisão e ficamos todos mais ricos, tanto política como paleontologicamente.

É PRECISO ADMITIR que a velhice é, de facto, a melhor altura da vida para um político fazer carreira. Se, como é hábito, deixarem promessas por cumprir, tanto Cavaco como Soa-

res podem avançar com a desculpa da proverbial falta de memória que ataca os anciãos. Julgo mesmo que o povo não levará a mal que o futuro Presidente faça a sua habitual comunicação ao País, no dia 10 de Junho, nos seguintes termos: «Portugueses, estamos hoje aqui reunidos para celebrar o... ai, a minha cabeça. Então ainda agora sabia. Onde é que eu tenho isso apontado? Que dia é hoje? Eu sei que é qualquer coisa importante, mas assim de repente não estou.. Eu já tomei os comprimidos? Bom, seja como for, tenho aqui várias ideias para o País, que gostava de vos propor. O melhor é apontarem vocês, porque eu vou esquecer-me de alguma. Vão buscar papel e lâpes.» ■



Urano, Neptuno, Plutão e Zé Carlos

ACOMPANHO com muito interesse o trabalho dos cientistas. As descobertas científicas de hoje são fundamentais, porque são elas que vão ser desmentidas pelos cientistas de amanhã. **As descobertas científicas são como as manchetes do *Expresso*: mais cedo ou mais tarde, sabemos que vão ser desmentidas.** Mas o fascínio que tenho pela ciência não me impede de criticar projectos científicos que me parecem menos

eles pegavam numa ovelha e lá com os métodos deles faziam outra ovelha. Ou seja, os cientistas andavam a tirar cursos superiores complicadíssimos para conseguirem fazer o mesmo que carneiros que nem sequer tinham a quarta classe (conheço meia dúzia de carneiros, e a maior parte deles não tem, de facto, a instrução primária concluída).

Outro campo que não me convence: a astronomia. Neste momento, creio

Que nome dar ao novo planeta? Normalmente, os planetas são baptizados com nomes da mitologia romana, mas não me parece que o astro agora descoberto mereça essa honra. Não respeito um planeta que andou séculos a fugir aos telescópios dos mais prestigiados astrónomos. Por isso, proponho que o novo planeta não tenha um nome pomposo de deus romano, mas sim um nome corriqueiro como, por exemplo, Zé Carlos

interessantes. Por exemplo, a clonagem. Durante uns tempos, os cientistas celebraram com estardalhaço uma nova capacidade: conseguiam pegar numa ovelha e fazer outra ovelha. Não fiquei particularmente impressionado. Era da minha vista ou os carneiros já faziam exactamente a mesma coisa há séculos? Também

que sei meia dúzia de coisas sobre astronomia das quais Copérnico não fazia a mínima ideia. Reparem: Copérnico desconhecia por completo o décimo planeta do sistema solar, cuja descoberta foi confirmada na semana passada. Já eu, estou completamente a par do assunto. Ainda assim, astrónomos de todo o mundo teimam

em considerar Copérnico um grande sábio e em considerar-me a mim um palerma. Enfim, já se percebeu que isto, no mundo científico, funciona tudo à base de cunhas.

APESAR DE TUDO, continuo disposto a colaborar com a ciência naquilo que me for possível. E sinto que é meu dever participar na resolução do problema que agora se coloca: que nome dar ao novo planeta? Normalmente, os planetas são baptizados com nomes da mitologia romana, mas não me parece que o astro agora descoberto mereça essa honra. Não respeito um planeta que andou séculos a fugir aos telescópios dos mais prestigiados astrónomos. Por isso, proponho que o novo planeta não tenha um nome pomposo de deus romano, mas sim um nome corriqueiro como, por exemplo, Zé Carlos.

O sistema solar passaria então a ser constituído por: Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno, Plutão e Zé Carlos. E isto ensinaria uma lição importante, tanto a Zé Carlos, como a todos os outros corpos celestes que andem a fugir com o rabo à seringa. A nossa mensagem seria: «É melhor que se apresentem, meus meninos, senão não há nomes prestigiantes para ninguém.» Imaginem

a vergonha que, daqui a uns anos, seriam notícias do tipo: «Sonda espacial da NASA acaba de aterrar na superfície de Zé Carlos», «Descobertas duas luas em Zé Carlos.

CIENTISTAS ponderam chamar-lhes Fanã e Quim», etc. Creio que todos os outros planetas que nos andam a fugir desde Galileu até mudariam de órbita para passarem à frente do *Hubble*. ■



Isto são **quatro** palavras

COMO É POSSÍVEL que a festa do PSD no Pontal tenha passado quase despercebida? É verdade que a maior parte dos jornalistas está no terreno, a atrapalhar o trabalho dos bombeiros, mas a festa do Pontal merecia ter sido transmitida em directo pela televisão. Que se passou na festa do PSD de tão importante? Isto: o púlpito em que Marques Mendes falou tinha inscrito o *slogan* «O Algarve é uma região». Isso faz com que, no meu entender, este comício entre para a

3) depois de ler a frase não ficamos com a sensação de que os impostos vão aumentar.

ALÉM DO SIGNIFICADO político que encerra, o *slogan* vale também pelo seu carácter informativo. Declarar que o Algarve é, na verdade, uma região, apanha de surpresa todos os cidadãos que estavam convencidos de que o Algarve era, vamos supor, um microondas. Era o meu caso, aliás. Percebo agora os olhares

O púlpito em que Marques Mendes falou tinha inscrito o *slogan* «O Algarve é uma região». Isso faz com que, no meu entender, este comício entre para a História da política em Portugal. O magnífico *slogan* «O Algarve é uma região» contém três características que não é frequente encontrar no discurso político. São elas: 1) a frase corresponde à verdade; 2) a frase não contém a palavra «efectivamente»; 3) depois de ler a frase não ficamos com a sensação de que os impostos vão aumentar

História da política em Portugal. O magnífico *slogan* «O Algarve é uma região» contém três características que não é frequente encontrar no discurso político. São elas: 1) a frase corresponde à verdade; 2) a frase não contém a palavra «efectivamente»;

de surpresa das pessoas com quem fui contactando, ao longo da vida, sempre que eu dizia: «A tua comida está fria? Põe o prato durante um minuto no Algarve, pá.» Sendo o Algarve uma região, nada disto faz particular sentido. Como é óbvio, não

volto a cair nesta asneira. Vou passar a dizer «Põe o prato durante um minuto na Beira Interior, pá.» Mas há mais ilações que podemos tirar deste *slogan* dos sociais-democratas. A primeira é que, claramente, o PSD dá emprego a pessoas que não concluíram com aproveitamento os seus cursos de *marketing*, e isso é bonito. Quem magicou esta frase foi a tantas aulas de *marketing* como eu (cerca de zero). Posto isto e como, ao que parece, tenho as habilitações necessárias, gostaria de oferecer ao PSD os meus serviços como inventor de *slogans*. Para Carmona Rodrigues, nas próximas autárquicas, proponho o *slogan*: «Ou muito me engano ou Lisboa é uma cidade.» Quanto ao próprio Marques Mendes, gostava que, nas legislativas, experimentasse a frase «Portugal: trata-se de um país.» Cheira-me a sucesso.

A MENOS QUE a ideia do *slogan* não seja explicar às pessoas a natureza de cada localidade, mas sim fornecer apenas uma indicação útil. Nesse caso, proponho que o púlpito em que Marques Mendes fala tenha a frase: «Já é quase meia-noite.» Ou: «À saída de Idanha-a-Nova, o melhor é seguir pela estrada nacional 802 e apanhar a A23 em Lardosa.» Outra hipótese é o *slogan* reflectir apenas uma mensagem pessoal que o líder gostaria de transmitir ao povo. No Pontal, Marques Mendes, polémico

como sempre, quis dizer-nos que, na sua perspectiva, o Algarve é uma região. Sendo assim, sugiro que, no futuro, Marques Mendes use uma frase como «Eu gosto de filetes de pescada», ou, se pretender um pouco menos de formalidade, qualquer coisa do tipo «PSD: E este calor, hem?» Entretanto, estão a dizer-me que a Beira Interior também é uma região. Ah, ah, ah! Quem é que julgam que enganam. Agora é tudo regiões, queres ver?... ■



Fátima Felgueiras, autarca modelo

S E VENCER as próximas eleições autárquicas, Fátima Felgueiras poderá ser forçada a tomar posse como presidente da câmara na prisão. Acho uma ideia extraordinária e, para bem da nossa democracia, proponho que todos os autarcas sejam obrigados a fazer o mesmo. **Mais cedo ou mais tarde, boa parte dos presidentes de câmara tem problemas com a justiça. Se começarem o mandato já na cadeia, todos poupamos muito tempo e dinheiro.** Além disso, haverá poucos sítios melhores do que a prisão para

Outro aborrecimento que acaba são as inaugurações. As placas dos edifícios públicos terão, a partir de agora, inscrições do género: «Inaugurado no dia tantos do tal sem a presença da presidente da câmara por Sua Excelência se encontrar no xelindró», o que é, evidentemente, refrescante. O perigo de fuga é quase inexistente, mesmo em reclusos com vocação para construir túneis, como seria o caso de Santana Lopes ou Rui Rio. Creio que ficou provado que nenhum deles é capaz de concluir um túnel no espaço

A corrupção pode não acabar, mas pelo menos fica democratizada.

Toda a gente passa a ter capacidade financeira para comprar um autarca. Por dois ou três maços de tabaco, qualquer presidente da câmara nos autoriza a fechar a marquise

desenvolver trabalho autárquico. Por exemplo, não há distrações que se interponham entre o presidente da câmara e o trabalho. Tirando os passeios no pátio às dez e meia da manhã e às quatro da tarde, Fátima Felgueiras poderá concentrar-se exclusivamente na sua cidade.

de um mandato, pelo que a pena de prisão expiraria antes que eles estivessem em condições de fugir.

A CORRUPÇÃO pode não acabar, mas pelo menos fica democratizada. Toda a gente passa a ter capacidade financeira para comprar um autarca. Por



dois ou três maços de tabaco, qualquer presidente da câmara nos autoriza a fechar a marquise.

OUTRA VANTAGEM: acabam as audiências com o presidente da câmara em almoços intermináveis. O Presidente só pode contactar com os cidadãos durante o horário de visitas e através de uma grade. Torna-se bastante mais fácil despachar serviço.

Os próprios autarcas têm todo o interesse na reclusão. Na câmara, convivem com assessores e adjuntos, enquanto na cadeia estão rodeados de assassinos e ladrões. A companhia melhora bastante. É muito mais difícil serem apunhalados pelas costas por esta gente.

Mais: na prisão os autarcas terão

mais facilidade em não se deixar inebriar pelo poder. A guarda pretoriana do imperador César dizia-lhe muitas vezes: «Lembra-te, César, de que és mortal.» Se constantemente nos disserem coisas como «Sr^a presidente da câmara, vá fazer a cama», ou «Passe a esfregona na ala C do Bloco 1, sr^a presidente da câmara», é muito difícil esquecermo-nos de que somos humanos.

Sobretudo, esta iniciativa de encarcerar todos os nossos presidentes de câmara representaria um esforço importante do ponto de vista da reinserção social: estes reclusos começam a trabalhar como autarcas mas, quando saírem da prisão, podem perfeitamente conseguir um emprego digno. ■

Parabéns, caro leitor

SE ESTÁ A LER ESTAS LINHAS, isso significa que conseguiu sobreviver às férias, o que é cada vez mais difícil. Não ser apanhado por um acidente de viação, um incêndio, ou um acidente de viação provocado por um incêndio costuma ser tarefa quase impossível, e este Verão não foi diferente. Mas mesmo no meio da mais funesta desgraça é possível achar uma pérola de esperança, se se for perspicaz e, sobretudo, se a desgraça não nos acontece a nós.

são, ou com indignação e soltando brados de «Bandidos, era metê-los no meio do fogo!» se dão pela presença das câmaras.

A AFLUÊNCIA DE POVO CURIOSO de ver eucalipto a crepitar tem sido tal que as corporações de bombeiros foram obrigadas a rogar publicamente à população o especial favor de não comparecer nas florestas em chamas, para que não prejudiquem o trabalho dos desgraçados que muitas vezes

Munidos de máquina fotográfica, e com o afã de japoneses ante a *Mona Lisa*, os populares disparavam na direcção do fogo de modo que não era possível indicar de onde vinha o clarão maior: se do fogo em si, se dos flashes dos fotógrafos amadores

A verdade é que os incêndios mobilizaram o povo português. Assim como Robert Duvall, em *Apocalypse Now*, adora o cheiro de napalm pela manhã, alguns portugueses parecem apreciar o aroma de caruma ardida a qualquer hora do dia. É impressionante ver as imagens dos fogos: centenas de pessoas assistem tranquilamente e em silêncio se não se apercebem dos repórteres de televi-

têm de optar entre repelir o fogo ou a população qual deles o inimigo mais cruel e mais difícil de controlar. Munidos de máquina fotográfica, e com o afã de japoneses ante a *Mona Lisa*, os populares disparavam na direcção do fogo de modo que não era possível indicar de onde vinha o clarão maior: se do fogo em si, se dos flashes dos fotógrafos amadores. Mas, e não querendo ofender estes,

como dizer?, palermas, nem pôr em causa a elevada fotogenia das labaredas, que interesse tem fotografar uma fogueira? Que conversas se têm entre amigos com estas fotografias na mão? «Olha, vê? Aqui está a Alzira no incêndio de Carrazeda de Ansiães, em 98. Já viste aquele pinheiro em chamas, quase a chegar-lhe fogo ao cabelo? Há coisas giras. Nesta estou eu no rescaldo do incêndio de Castelo Branco, em 2001. Tivemos que tirar a fotografia assim de lado porque os bombeiros queriam passar com o autotanque. A teimosia das pessoas, pá. Só estão bem a estragar as férias dos outros.» Parece-me claro que este

apetite pela contemplação de fogos florestais é demasiado forte para que não o utilizemos a nosso favor. Atear uma fogueira à porta de cada museu e biblioteca de Portugal pode, evidentemente, fazer muito pelo nível cultural do nosso povo. **Se em cada guichet de repartição de finanças houver um galho de eucalipto a arder, suponho que a regularização das dívidas fiscais poderá ser mais rápida.**

ESTÁ NA ALTURA de fazermos de Portugal um grande país. Já se percebeu qual é o caminho. Vão buscar os vossos isqueiros que eu vou buscar o meu. ■



Jornalismo do bom

PUS A MÃO NA CONSCIÊNCIA o que, além de ser pouco higiênico costuma ser, ainda por cima, doloroso e constatei que não tenho dado ao leitor aquilo que, ao que supponho, ele esperaria. É que a *Visão* é uma revista e, em revistas e jornais, normalmente faz-se jornalismo. Pelo menos, lá fora. Cá em Portugal, não é obrigatório. Mas, seja como for, parece-me prudente que os meus textos passem a

Hoje, optei por fazer uma entrevista, por ser um género em que o jornalista, fingindo ter interesse nas opiniões do entrevistado, se entretém a explanar as suas. Queria um entrevistado que conhecesse a fundo a realidade portuguesa e fosse mais informado que o Nuno Rogeiro, mais perspicaz que o Pacheco Pereira e mais eloquente que o professor Marcelo. Mas onde é que eu ia encontrar um taxista?

ser mais jornalísticos. Hoje, optei por fazer uma entrevista, por ser um género em que o jornalista, fingindo ter interesse nas opiniões do entrevistado, se entretém a explanar as suas. Queria um entrevistado que conhecesse a fundo a realidade portuguesa e fosse mais informado que o Nuno Rogeiro, mais perspicaz que o Pacheco Pereira e mais eloquente que o professor Marcelo. Mas onde é que

eu ia encontrar um taxista? Optei por chamar um táxi porque, de acordo com a minha experiência, há sempre um taxista lá dentro. Este não era excepção. As coisas estavam a correr-me bem. Resolvi começar a entrevista perguntando quais eram as expectativas do homem para a rentrée. Disse ele: «Rantrê? Meu amigo, na minha ideia, rantrê é uma palavra que quer dizer 'olha, passou o Verão

e está tudo na mesma', só que em estrangeiro. Ou então é aquela peça que engata na panela do tubo de escape, não sei. Por acaso tenho de ir à oficina, porque ando desconfiado que estou com problemas na rantrê.» Aproveitei o facto de se estar a falar de mecânica para o confrontar com – adivinharam – a questão do défice. A resposta dele foi esclarecedora: «Eh pá, eu conheço bem o défice, porque

tenho um primo que trabalha lá. E o défice resolve-se da seguinte maneira: o Sócrates chegava lá e dizia 'Psht, meus amigos, a malta este ano não tem dinheiro para vos pagar. Dividam-me isso em duas ou três vezes, que eu pago para o ano.' É assim que eu faço na mercearia e é assim que os gajos fazem em Espanha. Em Espanha não há défice porque? Porque os gajos pagam o défice aos bochechos.

GOVERNAR NÃO É DIFÍCIL. É preciso é um gajo ter visão....» Senti que estava na altura de falar de um tema mais polémico e, em tom reprovador, levantei a questão dos ministros que acumulam reformas com salários. O taxista não me deixou pôr o pé no ramo verde da demagogia e atalhou: «Isso é invejas da malta, pá. Vamos supor que um gajo é ministro e, aos fins-de-semana, faz uns biscates como canalizador. Alguém tem alguma coisa com os trocados que o homem vai buscar na canalização? Se um gajo ganhar o seu a trabalhar, ninguém tem nada com isso. Ainda por cima hoje em dia, que é tão difícil arranjar artistas. Um gajo que saiba arranjar canos, hoje, ganha mais que muitos doutores.» A propósito de doutores, e tendo percebido que o meu interlocutor era um espírito aberto às ideias pouco



1 DE SETEMBRO DE 2005

convencionais, resolvi dar-lhe conta de um projecto que acarinho. Tenho um sonho antigo, que é a criação de um curso de literatura para porteiras. Com todo o respeito que tenho por Eduardo Prado Coelho, não há ninguém mais competente do que as porteiras para fazer a divulgação da literatura. Não conheço melhor introdução aos estudos

literários do que uma pessoa sair de casa, de manhã, e, ainda à porta do prédio, ouvir «Então diz que a Madame Bovary anda amantizada com um tal Rodolfo? Eu tenho pena é do sr. Carlos, que não merecia.

É QUE ELE DÁ-LHE TUDO, coitado. É um bocado chocho mas é bom homem. Ela é que... sabe Deus. Aquilo foram os livros que ela andou a ler, que lhe deram a volta ao miolo. Foi a ela e ao D. Quixote. A propósito, sabe a última do Sancho Pança? Então não é que...» O taxista interrompeu-me e fez «Humm», como quem diz: «Meditei no que acabei de ouvir e concluí que se trata de uma excelente ideia.» Mas não, estava só a puxar uma escarreta. E depois disse: «A minha esposa é porteira. Isso dos livros não sei, mas ela faz rissóis para fora. Tudo o que seja fritos, vá.» ■

A sorte das borboletas australianas

DIZEM OS CIENTISTAS adeptos da teoria do caos que o bater de asas de uma borboleta na Austrália pode desencadear um furacão nos Estados Unidos. A sorte das borboletas australianas é que há menos hipóteses de Bush saber o que é a teoria do caos do que do Arrifanense ganhar a Liga dos Campeões. (E quem diz o Arrifanense, diz o Sporting.) De outro modo, o Presidente dos EUA não havia de descansar enquanto cada borboleta australiana não tivesse

americano entretém-se a terraplenar-lhes o país. Aliás, enquanto a ajuda militar não aparecia, milhares de habitantes de Nova Orleães requisitaram a cidadania iraquiana, por saberem que, se houver iraquianos metidos no assunto, a tropa americana chega lá mais depressa.

O QUE SE PASSOU nos Estados Unidos foi muito simples: Nova Orleães ficou arrasada e submersa, e a ajuda militar só chegou passados vários dias. Penso

Se em lugar de um furacão no Luisiana tivesse ocorrido o entupimento de um bidé em Beverly Hills, cinco minutos depois estariam lá duas corporações de fuzileiros armados com as mais modernas embalagens de soda cáustica e desentupidores da última geração

levado com um Tomahawk nas antenas. Segundo informações de que disponho, até porque acabei de as inventar, os iraquianos, pelo sim pelo não, não saem de casa desde que o *Katrina* atingiu Nova Orleães, porque já sabem que, sempre que acontece alguma desgraça aos Estados Unidos, o Presidente

que é importante não negligenciar o pormenor de Nova Orleães ser uma cidade habitada sobretudo por negros e negros pobres. Mas, atenção: não quero com isto dizer que acredito que, se em lugar de um furacão no Luisiana tivesse ocorrido o entupimento de um bidé em Beverly Hills, cinco minutos



depois estariam lá duas corporações de fuzileiros armados com as mais modernas embalagens de soda cáustica e desentupidores da última geração. Ou quero? Quero, quero.

OS SINISTROS DIRIGENTES da Al Qaeda, apesar de claramente irritados por um furacão com nome de mulher fazer mais estragos do que eles, exprimiram regozijo pelo sucedido e vieram a público dizer que gostaram muito de ver o *Katrina* a trabalhar. Essa atitude levou-me a fazer uma observação que reputo de fundamental, do ponto de vista geoestratégico, e para a qual chamo a atenção do general Loureiro dos Santos: antes de tentarmos capturar Bin Laden e os restantes membros da Al Qaeda, nós, no mundo ocidental, temos de chegar a um acordo sobre o nome destes patifes. Afinal, como é que aquela gente se chama? Diz-se alcaêda ou alcaida? E é Bin Laden

ou Ben Laden? Parece-me inevitável que, no Médio Oriente, todos os dias haja diálogos deste tipo:

– Espião 1: Pá, viste por aí o Bin Laden?

– Espião 2: Não. Eu vi foi o Ben Laden.

– Espião 1: Mas é aquele tipo de turbante e barbas que é chefe da alcaêda?

– Espião 2: Não, pá. É aquele tipo de turbante e barbas que é chefe da alcaida.

Espião 1: Ah. Que maçada.

NO ENTANTO, o mais chocante em Nova Orleães foi o facto de os criminosos estarem mais bem organizados que a polícia. Diz-se que metade da força policial não se apresentou no trabalho, no dia seguinte à passagem do furacão. Mas os bandidos picaram todos o ponto. E ainda há quem diga que aquilo é gente que não quer trabalhar. ■

Vamos fazer implodir Portugal inteiro

CALMA. Peço ao leitor que não rejeite já uma ideia só porque lhe parece a mais absurda de sempre. Quando o professor Marcelo se lembrou de ir nadar no Tejo também disseram que era uma estupidez e, hoje, é um comentador respeitado. Ou seja, há bogas com mais discernimento do que o comentador que Portugal pára para ouvir. É justamente quando faço este tipo de constatação que tenho ideias como a que dá o título a esta página. Sei que não fui o único a ter visto

este equívoco de nove séculos chamado Portugal não pode levar mais que um minuto e meio. Que lhe parece? Deitamos o País todo abaixo e depois começamos tudo de novo, do zero, fresquinhos, sem vícios, nem mamarrachos, nem empreiteiros. Mais: fazendo implodir Portugal, aborrecemos e de que maneira os nossos inimigos. Seremos o único país ocidental que não teme a Al Qaeda. Caramba, é prestígio. Há inconvenientes? Há. Mas é importante ter em conta que, por cada

Em Tróia, no espaço de quatro segundos, corrigiu-se um erro urbanístico que tinha anos. Emendar este equívoco de nove séculos chamado Portugal não pode levar mais que um minuto e meio

na implosão das torres de Tróia um espectáculo muito bonito. Os cerca de 300 convidados que estiveram presentes na demolição dos edifícios acharam, de certeza, o mesmo. Agora, imaginem aquilo aplicado a um país. Em Tróia, no espaço de quatro segundos, corrigiu-se um erro urbanístico que tinha anos. Emendar

Mosteiro dos Jerónimos que desaparece, há 70 obras edificadas por Avelino Ferreira Torres que vão abaixo, a maior parte das quais chamadas Qualquer Coisa Avelino Ferreira Torres. Em Marco de Canaveses há um Estádio Avelino Ferreira Torres, uma Rua Avelino Ferreira Torres e, garantem-me, dois Pequenos Canteiros

15 DE SETEMBRO DE 2005



Para Flores Mas Que, Às Vezes, Há Quem Use Como Cinzeiros, O Que Não Está Bem Feito Avelino Ferreira Torres. Aliás, caso a implosão de Portugal vá por diante, um dos cuidados a ter é impedir que Avelino Ferreira Torres espalhe por todo o lado placas com a inscrição «Monte de Entulho Avelino Ferreira Torres».

POR FALAR NISSO, dizem-me que se aproximam as eleições autárquicas.

Deixem ver se eu percebo: vamos eleger autarcas, é isso? Mesmo sabendo nós o que é um autarca, vamos ter de votar num. Pela minha parte, tenho um plano de acção montado. Vou votar no candidato que declarar: «Votem em mim, porque eu vou falhar rotundamente.» **Terá o meu voto o autarca cujo cartaz disser: «Vou conluir-me com os empresários da construção civil e com a malta do futebol.»** Apoio a lista do político que garantir: «Vou ter um saco azul, e depois fujo para o Brasil.» Toda a gente sabe que esta gente nunca cumpre nada do que promete. ■

Partir a cara por Lisboa

O debate entre Manuel Maria Carrilho e Carmona Rodrigues fez muito pela democracia portuguesa: numa altura em que as pessoas se dizem cansadas da política, acho muito refrescante que haja um debate político em que se fala de tudo menos de política. Creio que estamos no trilho certo. Posto isto, e dada a importância do confronto, optei por fazer uma transcrição do debate que Carmona e Carrilho mantiveram na SIC Notícias, para que quem não teve oportunidade de ver possa ficar

– Sotôr nº 2: O sotôr é que não sabe nada.
– Sotôr nº 1: Quem?
– Sotôr nº 2: O sotôr.
– Sotôr nº 1: Eu? O sotôr é que não sabe nada.
– Sotôr nº 2: Quem, eu? Eu sei, o sotôr é que não sabe.
– Sotôr nº 1: Não sabe nada. Quer ver? Lisboa começa por que letra, sotôr?
– Sotôr nº 2: Não lhe vou responder a isso. A questão essencial não é por que letra começa, é em que letra acaba.

Quando Carrilho recusa cumprimentar Carmona não está só a ser descortês. Está a ser mau. Impedir outro homem de apertar uma mão que tem convívio com tantas e tão doces delícias não é só falta de educação é tortura

a saber o que se passou e decidir, em consciência, em qual dos outros três candidatos vai votar. Para facilitar mas também porque, a partir de certa altura, se torna difícil distingui-los designei os candidatos por Sotôr nº 1 e Sotôr nº 2.
– Sotôr nº 1: A primeira ideia que eu gostava que ficasse clara é esta: o meu adversário não sabe nada sobre Lisboa.

– Sotôr nº 1: Viu? Não sabe. Não sabe nada. Quantos metros quadrados é que tem o Largo da Graça? Aposto que não sabe.
– Sotôr nº 2: Desculpe, não vamos escamotear o problema. O problema é que o sotôr é um cretino, e eu tenho aqui um gráfico que comprova isto que estou a dizer.
– Sotôr nº 1: É mentira. Isso não é um gráfico, é um pictograma.

Sotôr nº 2: Não diga disparates, sotôr. Veja esta barra vermelha.

– Sotôr nº 1: Essa barra não é vermelha, sotôr, é azul.

– Sotôr nº 2: Isto é um escândalo.

– Sotôr nº 1: Não é nada.

– Sotôr nº 2: Vamos às questões concretas: como é que se chama a afilhada do motorista da noite da carreira 55?

– Sotôr nº 1: Fernanda.

– Sotôr nº 2: Errado. Era uma rasteira: não há turno da noite na carreira 55. Ah, ah, ah! Está a ver? Não sabe nada.

– Sotôr nº 1: A propósito, sotôr, quanto é que o sotôr gastou naquela casa de banho?

– Sotôr nº 2: É curioso que fale em casas de banho porque eu, normalmente, vou à casa de banho fazer aquilo que o sotôr tem feito um pouco por toda a cidade de Lisboa.

– Sotôr nº 1: Não seja mentiroso.

– Sotôr nº 2: O sotôr é que é mentiroso.

– Sotôr nº 1: Isso é falso.

– Sotôr nº 2: O quê?

– Sotôr nº 1: Não sei bem, mas é falso.

– Sotôr nº 2: Tenha vergonha, sotôr.

– Sotôr nº 1: Bom, o que lá vai lá vai. Dê cá um bacalhau.

– Sotôr nº 2: Não.

– Sotôr nº 1: Não me aperta a mão? Então dê cá um beijinho, sotôr.

– Sotôr nº 2: Não dou.

– Sotôr nº 1: Mau, o sotôr também não me dá um beijinho? Que grande ordinário, pá. Estou triste com o sotôr.

– Sotôr nº 2: Não, eu é que estou triste com o sotôr.

– Sotôr nº 1: Eu é que estou.

– Sotôr nº 2: O sotôr é um palerma.

– Sotôr nº 1: Quem diz é quem é.

E, EM TRAÇOS GERAIS, foi isto que aconteceu.

Uma nota final para a atitude polémica do candidato do PS. Quando Carrilho recusa cumprimentar Carmona não está só a ser descortês. Está a ser mau. Impedir outro homem de apertar uma mão que tem convívio com tantas e tão doces delícias não é só falta de educação é tortura. ■



o Presidente de todos os bandidos

ESTOU MUITO PREOCUPADO com as eleições presidenciais: já há vários candidatos à Presidência da República e, até agora, nenhum deles é arguido num processo-crime qualquer. Receio bem que isto possa descaracterizar a nossa democracia. Não admira que haja quem diga que o regime está em perigo.

Além do mais, tendo em conta a tendência de voto do povo português, um candidato-arguido teria a eleição praticamente garantida. É inaceitável

comportar como um arguido: primeiro foi para o Brasil, claramente na esteira de Fátima Felgueiras, e é possível que, quando regressar, abra uma conta suspeita na Suíça e vá fazer negócios duvidosos para o Marco de Canaveses.

OS CANDIDATOS ANUNCIADOS também não entusiasmam. Dia sim, dia não, Cavaco Silva faz uma declaração pública, dizendo que não quer fazer declarações públicas. A razão deste ad-

Estou muito preocupado com as eleições presidenciais: já há vários candidatos à Presidência da República e, até agora, nenhum deles é arguido num processo-crime qualquer. Receio bem que isto possa descaracterizar a nossa democracia. Não admira que haja quem diga que o regime está em perigo

que tantos consultores e especialistas de *marketing* não tenham ainda descoberto que a melhor maneira de ganhar eleições, em Portugal, é fazer a campanha com uma meia enfiada na cabeça e, em vez de debitar promessas, ir gritando «Isto é um asalto!».

Julgo que Mário Soares pode já ter percebido o potencial político de se

mirável recato é a seguinte: o professor não gostaria de desviar as atenções das eleições autárquicas. É isto um homem com sentido de Estado? Pois não é óbvio que aquilo de que o País precisa é, justamente, que lhe desviem as atenções das autárquicas? Tudo o que nos distraia destas eleições é, obviamente, positivo. Se, com as suas declarações públicas, o professor Cavaco conse-

guisse, de facto, desviar as atenções das autárquicas, julgo que deveria anunciar que se candidata a Presidente três vezes por dia.

JOÃO CARLOS ESPADA (que conheceu Karl Popper) tem, no *Expresso*, um espaço semelhante ao que eu tenho aqui: depois das notícias sérias, Espada (que foi amigo de Karl Popper) diz umas palermices para tentar fazer rir as pessoas. Escuso de vos dizer que Espada (que foi mesmo muito amigo de Karl Popper) é bastante mais bem sucedido que eu. Normalmente, a crónica de Espada (com quem Karl Popper manteve conversas muito importantes) é aquilo que a revista *Caras* seria se a chamada alta sociedade fosse a Universidade de Oxford e a Cinha Jardim fosse o Timothy Garton Ash. É através de Espada

(com quem Karl Popper aprendeu tudo o que sabia) que ficamos a conhecer as melhores festas de Oxford, o que se comeu nos mais requintados almoços, o que vestiam os mais prestigiados filósofos, o funcionamento dos mais exclusivos clubes para pessoas extremamente interessadas no liberalismo (certa vez, apanharam um membro que confessou estar apenas moderadamente interessado no liberalismo e expulsaram-no) e as conversas que Espada (que foi mais que um pai para Karl Popper) mantém com filósofos importantes. O mais das vezes, são diálogos deste género: Espada: O liberalismo é mesmo bom, não é?

Filósofo importante 1: Vai-te lá embora, pá. Estamos a conversar.

Espada: Interessante, interessante. De quem eu fui muito amigo foi do Karl Popper.

Filósofo importante 2: Mas quem é que deixou entrar este gajo? Um petisco semanal a não perder. ■



Portugal a ver estrelas

CONFESSO QUE o eclipse do Sol me apanhou de surpresa. Cheguei a acreditar que o Sol se escondera por ter, também ele, aderido a uma greve qualquer e se recusava a brilhar em Portugal. Já estivemos mais longe. Mas, enfim, admito que sou um leigo em astronomia. E em sindicalismo, já agora. Se bem que, se por absurdo o Sol fizesse greve, seria muito interessante assistir à habitual discrepância

puderam ir trabalhar por doença. Quanto ao fenómeno natural do último dia 3, tenho conhecimentos suficientes sobre astronomia para perceber que isto do eclipse do Sol é autêntica mariquice interplanetária. O que se passa aqui é muito simples: um grupo de corpos celestes resolveu fazer mudanças na decoração da nossa galáxia, na manhã de segunda-feira passada. «Ai, vamos

Isto do eclipse do Sol é autêntica mariquice interplanetária. O que se passa aqui é muito simples: um grupo de corpos celestes resolveu fazer mudanças na decoração da nossa galáxia, na manhã de segunda-feira passada. «Ai, vamos fazer uma filinha», parecem ter dito uns aos outros. «Eu fico aqui, e depois tu passas à frente, e tapas-me, e isto faz um efeito giríssimo, tipo anel de luz»

de números apresentados pelo Governo e pelos sindicatos. Normalmente, os sindicatos apresentam provas irrefutáveis da adesão à greve de dois ou três milhões de trabalhadores. O Governo costuma contrapor-lhes dados incontestáveis, segundo os quais os grevistas não eram mais de sete, sendo que dois não quiseram aderir à greve mas não

fazer uma filinha», parecem ter dito uns aos outros. «Eu fico aqui, e depois tu passas à frente, e tapas-me, e isto faz um efeito giríssimo, tipo anel de luz.» São brincadeiras que não se admitem em astros que têm idade e tamanho para ter juízo. O Sol tem 109 vezes a dimensão da Terra, e a Lua tem metade do tamanho da Valentina Torres. Portanto, vejam a

envergadura dos astros de que estamos a falar.

JULGO QUE DEVO uma explicação ao leitor por causa da referência que acabo de fazer a Valentina Torres. Na verdade, e se exceptuarmos as vezes em que, nesta coluna, falei sobre as autárquicas, os nazis, o Luís Delgado ou Portugal, não tenho por hábito debruçar-me sobre temas menores. Mas, de facto, Woody Allen tem razão quando diz que «A vida não imita a arte; imita a má televisão.» A má televisão é, ou devia ser, uma referência maior para nós. A alusão ao programa *1ª Companhia*, da TVI, insere-se neste espírito. Se o leitor nunca viu o programa *1ª Companhia*, duas notas: primeira, permita-me que lhe dê os parabéns; segunda, deixe-me explicar-lhe do que se trata. É uma espécie de concurso, inspirado

no serviço militar e tem dez concorrentes, três dos quais são a Valentina Torres. Em traços gerais, é isto. Voltemos ao eclipse.

O eclipse mostra que os portugueses se interessam muito mais do que pensávamos pela ciência, sobretudo pela ciência que lhes permite abandonar o local de trabalho durante uns minutos.

EM TEMPOS, os eclipses eram considerados prenúncios de tempos terríveis e calamitosos. Hoje, sabemos bem que isso não passa de superstição. E sabemos-lo, não porque nos tenhamos tornado pessoas de grande racionalidade e cultura, impermeáveis à credence bacoca, mas sim porque temos a certeza de que não pode haver tempos mais terríveis e calamitosos do que estes. O eclipse que vá agourar para a terra dele, porque aqui não assusta ninguém. ■



Onde é que eu me inscrevo para ser amarantino?

NA NOITE DE DOMINGO, depois de contados os votos, a notícia surpreendeu o País: o povo de Amarante tinha acabado de eleger um autarca que não tinha cadastro. Como era possível um escândalo destes em Portugal? Que razões obscuras poderiam estar por detrás da eleição bizarra de um homem que nunca tinha sido acusado de crimes graves? Era necessário investigar este mistério, e foi por isso que, na segunda-feira de manhã, me pus a caminho de Amarante. **Amarante é um município que faz**

Solar dos Magalhães (Solar dos Ferreira Torres, caso o povo tivesse votado com juízo) e a Casa da Cerca (Casa do Avelino, havendo justiça), exigiriam mais respeito.

QUANDO ESTE REPÓRTER entrou em Amarante, encontrou uma cidade envergonhada. Os amarantinos sabiam que tinham procedido mal. Com alguma relutância, alguns cidadãos acederam a falar à minha reportagem. «Você não parece jornalista», disse o primeiro. Fiz-lhe saber que

Na noite de domingo, depois de contados os votos, a notícia surpreendeu o País: o povo de Amarante tinha acabado de eleger um autarca que não tinha cadastro. Como era possível um escândalo destes em Portugal?

fronteira com Felgueiras e Marco de Canaveses. Ou seja, não é por falta de bons exemplos que aquela gente não sabe votar. A cidade, ela própria, não merecia a desfeita que lhe fizeram os seus habitantes: o belo mosteiro de S. Gonçalo (que, se tudo tivesse corrido bem, hoje poderia chamar-se mosteiro Avelino Ferreira Torres), o

não me compraria com elogios. Ramiro Antunes, de 64 anos, mantinha alguma esperança no futuro: «Pode ser que este presidente que foi eleito agora tenha feito alguma falcatura de que a gente não tenha conhecimento. Apelo à comunicação social para que investigue. Talvez haja uma multa de estacionamento por pagar,

ou coisa parecida. E, se não encontrarem nada, que inventem qualquer coisa. É preciso é salvar o bom-nome de Amarante.» O caso não era para menos. Joaquina Fernandes, 57 anos, relatou um episódio: «Hoje de manhã estiveram aí uns turistas de Oeiras. Passavam por nós, apontavam e

riam-se. É muito triste.» Na verdade, não é fácil ser amarantino. Para o resto do País, os cidadãos de Amarante serão sempre «aqueles tipos lá do Norte com gostos esquisitos em política autárquica».

FERNANDO MARQUES, 48 ANOS, recusa ser ostracizado: «O povo de Amarante gosta tanto de ser vigarizado como os outros portugueses. Apreciamos um bom burlão tanto ou mais do que vocês. Simplesmente, na altura de votar, escolhemos eleger um indivíduo de cuja honestidade ninguém desconfia. Isto foi coisa que nos deitaram na água. Estivemos mal, sim senhor, mas quem é que nunca se enganou?» E é neste ponto da entrevista que os amarantinos me fazem uma proposta invulgar. Pedem que lhes roube a carteira a todos. Eu, que não gosto de contrariar as pessoas, aceito. Vejo felicidade nos olhos daquela gente. «Eu tenho mais de cem euros na minha», diz um. «Leve tudo», dizem outros, com entusiasmo. «E vá dizer lá para Lisboa que nós gostamos muito de si.

Mesmo muito. Queremos ver agora quem é que nos acusa de não sermos portugueses a sério.» Um arrependimento assim, mais que causar

espanto, comove. Os amarantinos não merecem ser segregados. E tenho aqui 1679 euros, 16 relógios e 9 telemóveis que o comprovam. ■



A gripe das aves explicada a todos

A SITUÇÃO EM QUE nos encontramos é tão grave que até eu percebo que a ameaça da gripe das aves demonstra que é urgente tomar medidas. A primeira é mudar o nome da doença. **Apelo aos senhores que inventam os nomes das maleitas para que deixem de envergonhar a humanidade.** «Doença das vacas loucas» e «Gripe das aves» são designações que não prestigiam ninguém. Não faz sentido que a nossa civilização (que, entre outros pontos altos, foi responsável pela invenção dos descascadores de fruta) se deixe intimidar agora por bovinos mentecaptos ou

Aqui temos um diálogo que eu não me importaria que ocorresse no meu funeral, entre duas das várias centenas de milhares de pessoas que estariam presentes na cerimónia. Agora reparem nesta conversa:

– Então o Ricardo morreu de quê?
– Dizem que foi gripe das aves.
– Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! Realmente, que parvoíce. Como é que um tipo tão esperto e com tanto sucesso entre as mulheres se deixa apanhar por uma doença que dá à passarada?
– Ah, ah, ah! Que palerma. Mas jogava muito bem à bola, ele.

Os sintomas da gripe das aves são bastante fáceis de detectar. Por exemplo, se um agricultor abrir a capoeira e vir um ou mais frangos metidos na cama, de termómetro enfiado no bico, e a comerem canjinha, é altura de ir buscar a caçadeira

por galinhas constipadas. Não, meus amigos. Rejeito a «Gripe das aves» e a «Doença das vacas loucas». «Peste negra», aí está um belo nome para uma doença perigosa.

Então de que é que morreu o Ricardo, que era tão másculo e forte?

– Foi a peste negra que o matou, pá.

É uma troca de opiniões que, como é óbvio, não me enobrece enquanto defunto.

POR OUTRO LADO, há razões para estarmos optimistas. Os sintomas da gripe das aves são bastante fáceis de detectar. Por exemplo, se um agricultor abrir



a capoeira e vir um ou mais frangos metidos na cama, de termómetro enfiado no bico, e a comerem canjinha, é altura de ir buscar a caçadeira.

NA MINHA OPINIÃO, a opção certa a tomar é apanhar o mais depressa possível a gripe antiga. Sei que não se nota, mas eu não tenho formação em medicina. Em todo o caso, acompanhem este raciocínio: segundo a minha experiência, só é possível ter uma gripe de cada vez. Todos já ouvimos amigos e colegas de trabalho dizerem-nos (especialmente em vésperas de feriado): «Eh pá, estou com uma gripe tramada.» Mas nunca ouvi ninguém dizer: «Catano, apanhei duas gripes.» Primeiro, porque já quase

ninguém diz «catano» e é pena. Segundo, porque o bicho da gripe parece farejar as pessoas e, se constata que já estão engripadas, deixa-as estar. Quando há um bicho da gripe a trabalhar num ser humano, os outros bichos da gripe procuram nova vítima. Os bichos da gripe, ao contrário do que sucede, por exemplo, com os autarcas, têm uma ética. (Espero sinceramente que o leitor continue a acompanhar-me. Às vezes, receio que o vocabulário demasiado técnico que fui introduzindo aqui, como, por exemplo, «bicho da gripe», afaste as pessoas.) Portanto, vamos constipar-nos. Se me vir na rua, caro leitor, peço-lhe que me espirre para cima. Obrigado. ■

Seios grandes aqui!!!

A MINHA SECÇÃO FAVORITA dos jornais é a dos classificados, especialmente o capítulo das mensagens eróticas. É a mais interessante, a mais informativa e a mais fiável. Ao contrário do que sucede com as outras secções do jornal, não me lembro de alguma vez ter visto uma única destas informações a ser desmentida. Nunca, em toda a história dos anún-

A minha secção favorita dos jornais é a dos classificados, especialmente o capítulo das mensagens eróticas. É a mais interessante, a mais informativa e a mais fiável. Ao contrário do que sucede com as outras secções do jornal, não me lembro de alguma vez ter visto uma única destas informações a ser desmentida. Nunca, em toda a história dos anúncios de mensagens, li um desmentido do género: «O Público errou. Afinal, ao contrário do que foi afirmado na edição anterior, Ivette, a gatinha brasileira, sensual, muito safada e corpo gostoso, não tem um busto 44, mas sim 42. E também não é muito safada, mas apenas moderadamente safada

cios de mensagens, li um desmentido do género: «O Público errou. Afinal, ao contrário do que foi afirmado na edição anterior, Ivette, a gatinha brasileira, sensual, muito safada e corpo gostoso, não tem um busto 44, mas sim 42. E também não é muito safada, mas apenas moderadamente

safada. As nossas desculpas.» Basicamente, há dois tipos de anúncios: os que têm muitas reticências e os que têm muitos pontos de exclamação. Ao que parece, este tipo de profissional só conhece duas disposições: a do sussurro maroto, cheio de subentendidos (exemplo: «Mulata. Quentinha. Desinibida. Ligue e veja por si.») e a da excitação gritada (exemplo: «Mu-

lata!!! Quentinha!!! Desinibida!!! Ligue e veja por si!!!»).

PERCORRENDO OS ANÚNCIOS, verificamos que, no meio das ofertas do costume, há promessas que parecem claramente difíceis de cumprir. Como, por exemplo, o anúncio que

garante «senhoras sofisticadas» em Fernão Ferro. Fernão Ferro não é, porém, a única localidade periférica que conta com muita e boa oferta deste tipo de profissionais. É com incontida surpresa que vos comunico que, em Figueiró dos Vinhos, há duas jovens muito talentosas, a julgar pela propaganda. Em Castelo Branco, há uma senhora que, além de «lindíssima...», «escultural.» e «meiguinha.», reclama ser «absoluta» o que parece ser interessante, quer do ponto de vista erótico quer do ponto de vista filosófico. Uma outra senhora, que desenvolve actividade nos arredores de Ourém, divulga que «proporciona prazer». Sem desprimor para Ourém que é, de certeza, uma cidade respeitável, creio que os seus arredores não merecem uma profissional de tamanho gabarito. Esta senhora, que, em lugar de simplesmente dar prazer, o proporciona, tem categoria mais do que suficiente para trabalhar numa grande metrópole.

Nos anúncios, há duas partes do corpo que merecem descrição e qualificativos especiais: os seios e as nádegas. Os primeiros podem ser (e, normalmente, são mesmo), «grandes!!!», «muito grandes!!!», «enormes!!!», «fartos.», «tesinhos.» ou «firmes.», embora não em simultâneo. São raros os seios «enormes e tesinhos!!!», ou «muito grandes e firmes.» Os anunciantes sabem evitar a publicidade enganosa, atitude de uma honestidade que se louva. Os segundos, quase sempre designados através de termi-

nologia de sabor brasileiro, vão desde o «bumbum escaldante.», como o da Elsa, em Leiria, até ao «bum-bum espectacular.», de uma outra leiriense, passando pelo «bumbunzinho fofoso!!!», de uma profissional de Torres Vedras, pelo «bumbum maroto!!!» da Carina, da Avenida de Roma, ou pelo «bumbum empinadinho» de uma senhora que assina, com alguma imodéstia, «a gostosa do Saldanha».

ACREDITEM: estes anúncios são tão bons e tão honestos, que não foram feitos, de certeza absoluta, por publicitários. ■



Precisamos urgentemente de um **desastre**

Ao que parece, antes do terramoto de 1755, Lisboa era uma cidade suja, com ruas congestionadas e habitada por gente que, por causa do trânsito caótico, não hesitava em atropelar quem lhe passasse à frente da carroça. Pouco mais ou menos o que é hoje, portanto. Mas, depois do sismo, a cidade foi reconstruída e, durante um período que os historiadores estimam ter durado cerca de duas semanas, chegou a estar habitável. Ou seja, o terramoto acabou por

rado obra de Deus. O célebre padre Maladriga (um padre da época que o Papa Bento XVI considera «um bocado prà frentex») afirmou que o terramoto era um castigo do Todo-Poderoso aplicado a essa capital do pecado que era a Lisboa do século XVIII que, a fazer fé nas palavras do padre, era bem mais divertida do que é hoje. Estas declarações valeram ao padre Maladriga um convite para um churrasco organizado pela Santa Inquisição, uma vez que os pa-

Depois do sismo, a cidade foi reconstruída e, durante um período que os historiadores estimam ter durado cerca de duas semanas, chegou a estar habitável. Ou seja, o terramoto acabou por fazer mais por Lisboa do que a maior parte dos presidentes da Câmara que tivemos até hoje

fazer mais por Lisboa do que a maior parte dos presidentes da Câmara que tivemos até hoje. **Sugiro que, de ora em diante, os candidatos a autarcas troquem a campanha eleitoral por um teste de sismógrafo. O candidato que acusar, na escala de Richter, terá o meu voto.**

Tendo o terramoto tantas e tão louváveis qualidades, não espanta, por isso, que haja quem o tenha conside-

res do Santo Ofício levavam a mal que houvesse alguém que parecesse mais reaccionário do que eles. Succede que, segundo relatos da época, o sismo arrasou meia dúzia de igrejas e deixou intacta a rua dos bordéis facto que teria levado a Inquisição a lançar o próprio Deus na fogueira, não fosse o problema de não o conseguirem apanhar. Mas o certo é que Deus optou por não fazer sentir o seu

braço castigador nos antros da luxúria. Portanto, de duas uma: ou Deus se enganou (hipótese em que até eu, que sou ateu, não acredito); ou era mesmo isto que Ele queria fazer e, nesse caso, eu gostaria de sair à noite com o Altíssimo.

NA PASSADA SEGUNDA-FEIRA, o *Público* entrevistou Belmiro de Azevedo. Não me perguntem como é que o conseguiram apanhar (eu nem sabia que eles tinham o contacto do homem). Mas os jornalistas, quando querem, sabem ser muito persuasivos e sacam furos destes. O meu maior sonho é, um dia, ser entrevistado por um assalariado meu. Infelizmente, só tenho uma funcionária a meu cargo. É a Paloma, uma simpática brasileira sem a qual a minha casa teria pior aspecto que Lisboa em 1754.

Infelizmente, as únicas questões que a Paloma tem para me colocar são «Importa-se de se levantar, que já é quase meio-dia e eu quero fazer a cama?», ou «Isto é sítio para deixar as cuecas, seu badalhoco?» E, regra geral, a verdade é que eu não tenho uma boa resposta para dar. ■



Vandalismo

em França: prós e contras

PERANTE AS CENAS DE VIOLÊNCIA a que assistimos em França, muitos portugueses preocupados começaram já a fazer a pergunta óbvia: «Será que isto vai contribuir para baixar o preço das viagens para Paris? É que o Benfica joga lá no próximo dia 22 e eu gostava de ir ver.» Minto. Isto é a pergunta que eu tenho feito. A pergunta que alguns portugueses preocupados têm feito é: «Será que isto pode acontecer cá?» Trata-se de uma pergunta pertinente, a que vários especialistas têm tentado responder. Pessoalmente, e depois de algum estudo, a minha resposta a esta questão é: «Sei lá, pá.» Mas, francamente,

vemos na televisão, depois de vandalizados continuam a ter melhor aspecto do que um veículo que tenha andado durante 20 minutos numa estrada portuguesa. Tenho, aliás, sérias dúvidas de que um português a quem tivessem incendiado o automóvel durante a noite desse por isso na manhã seguinte, na altura de sair para o trabalho. Creio que entraria no carro e, no máximo, comentaria consigo: «Tenho mesmo que deixar de fumar aqui dentro. Cheira um bocadinho a queimado.» Segundo, porque ao preço a que a gasolina está, ninguém tem dinheiro para andar a fazer *cocktails-molotov*, especial-

É com alegria que registo que a maior parte dos vândalos que estão a causar distúrbios em França são, ao que se diz, de origem árabe. Talvez isso contribua para melhorar a imagem dos imigrantes portugueses em França, que não era famosa. E a verdade é que estes imigrantes árabes fazem com que os imigrantes portugueses pareçam imigrantes suecos

parece-me que não. Duvido que o que está a acontecer em França possa vir a passar-se cá. Por várias razões. Primeiro, porque não faz sentido vandalizar automóveis em Portugal. Muitos dos carros franceses que

mente nos subúrbios. Enquanto o petróleo estiver a este preço, ninguém desperdiçará nem uma colher de sopa que seja de gasolina. Terceiro, porque os imigrantes que vivem em Portugal, ao contrário dos

que habitam em França, quase não têm razão de queixa.

O nosso Governo trata-os tão mal como trata o resto dos portugueses. Um pouco pior, vá. Mas não o suficiente para andar a causar distúrbios.

Quarto, porque a nossa especialidade sempre foi atear incêndios na mata, e não possuímos a mais pequena ex-

periência e *know-how* para os atear em viaturas.

DE RESTO, é com alegria que registo que a maior parte dos vândalos que estão a causar distúrbios em França são, ao que se diz, de origem árabe. Talvez isso contribua para melhorar a imagem dos imigrantes portugueses em França, que não era famosa. E a verdade é que estes imigrantes árabes fazem com que os imigrantes portugueses pareçam imigrantes suecos. No entanto, não pretendo com isto insinuar que os imigrantes de origem árabe são maus e os imigrantes portugueses são bons. Pelo contrário,

não me esqueço de que os emigrantes portugueses já fizeram bem pior, em danos e traumatismo social, do que os actuais incêndios em viaturas e as desordens nocturnas generalizadas. Não, não me esqueço do pânico que os imigrantes portugueses lançaram na sociedade francesa, com uma operação bem pior do que esta. Três palavras: Linda de Suza. Possam os franceses perdoar-nos alguma vez. ■



A Al Qaeda que não se meta connosco

ESTA SEMANA, o nosso país foi ameaçado por grupos terroristas. Ou seja, depois do Euro 2004 e dos MTV Europe Music Awards, Portugal continua na rota dos grandes acontecimentos internacionais. Quando se tem prestígio, nunca se sai da ribalta.

Pela minha parte, confesso que já estava a ficar magoado com a Al Qaeda, pela indiferença com que nos tratava. Nós não somos menos que os espa-

der Geografia, já enumeram os países da Europa dizendo: Alemanha, Itália, França, Espanha e Catástrofe. Basta-nos uma chuva mais intensa ou um calor mais forte para termos cheias, pontes a cair e incêndios de três em pipa. (Sim, eu uso a expressão «de três em pipa».) Não precisamos cá de terroristas. Nós somos os nossos próprios terroristas. Se eu vir um árabe de túnica e turbante no meio da rua, não faço nada. Mas, sempre que

Se o objectivo é aborrecer-nos, não é com bombas que vão consegui-lo. De bombas estamos nós cheios. Todos os meses rebenta uma fábrica de pirotecnia no Norte do País e ninguém se rala. Não, as vossas bombas não nos impressionam. Se querem irritar-nos a sério, venham melhorar os nossos níveis de produtividade. Em vez de terroristas, mandem para cá gestores árabes que nos obriguem a trabalhar. Isso é que era desagradável

nhóis, os americanos e os ingleses. Por outro lado, ameaçar Portugal com atentados é muito estúpido. Bin Laden, se me estás a ler, pensa bem: vir provocar catástrofes em Portugal é chover no molhado. Todo o País é uma espécie de catástrofe. Os miúdos estrangeiros, quando estão a apren-

vejo um português, sinto-me muito tentado a alertar as autoridades. Esta gente não é de confiança.

É POR ISSO QUE, na minha opinião, a Al Qaeda não está a ver bem as coisas. Primeiro, porque as explosões já estão muito vistas. Sim senhor, ao

princípio aquilo impressiona e faz um efeito espampanante. Mas agora já cansa. Que é feito do vosso brio profissional de terroristas? Vá, toca a inovar. Segundo, porque se o objectivo é aborrecer-nos, não é com bombas que vão consegui-lo. De bombas estamos nós cheios. Todos os meses rebenta uma fábrica de pirotecnia no Norte do País e ninguém se rala. Não, as vossas bombas não nos impressionam. Se querem irritar-nos a sério, venham melhorar os nossos níveis de produtividade. Em vez de terroristas, mandem para cá gestores árabes que nos obriguem a trabalhar. Isso é que era desagradável.

SE PERSISTIREM em vir para cá organizar atentados, venham por vossa conta e risco. O meu conselho, no entanto, é: não se metam connosco. **Vocês estão habituados a levar a cabo actos terroristas em grandes potências. Em Portugal é mais difícil trabalhar.** Por exemplo, imaginem que querem fazer como em Inglaterra e pla-

neiam rebentar um autocarro. Antes de mais nada, há uma forte hipótese de os motoristas estarem em greve. Depois, há uma hipótese mais forte ainda de o autocarro estar uma boa meia hora atrasado. Portanto, o mais provável é que a vossa bomba relógio rebente quando o autocarro ainda está sossegadinho no terminal, sem ninguém lá dentro. Tirem daí o sentido. É dinheiro deitado à rua e os explosivos estão caros. ■



A verdade sobre a França

Perante os testemunhos contraditórios que continuaram a chegar a Portugal, ao longo desta semana, sobre o vandalismo em França, decidi vir eu próprio para Paris e relatar o que se passa aqui. Os leitores merecem informação fidedigna, e eu faço tudo pelos meus leitores. Além disso, o Benfica jogava em Paris e eu queria vir ver, e a minha filha mais velha, que tem 2 anos, andava há um ano e 11 meses a pedir-me para vir à Eurodisney. Mas que estes pormenores não distraiam a atenção do leitor do facto essencial, que é este: eu encontro-me em Paris para, abnegadamente,

qualquer sinal de veículos destruídos. Num esforço jornalístico que a modéstia me impede de considerar notável, mas que na verdade o é, persigui a informação que nem um cão de fila e tenho constatado todas as manhãs que tanto o carro do Mickey como a carruagem da Cinderela estão sempre impecáveis.

Na cidade de Paris propriamente dita, a mesma calma. Tanto nas redondezas do estádio como no seu interior, não registei nenhum confronto tirando aquela entrada de um jogador francês sobre o Petit que foi, de facto, feinha.

Na cidade de Paris propriamente dita, a mesma calma. Tanto nas redondezas do estádio como no seu interior, não registei nenhum confronto tirando aquela entrada de um jogador francês sobre o Petit que foi, de facto, feinha

investigar e relatar a verdade sobre os desacatos nocturnos.

E a verdade, segundo a minha investigação permite concluir, é esta: não há desacatos nenhuns. Aqui no hotel da Eurodisney em que pernoito, não se ouve um barulho que seja, durante toda a noite e, pela manhã, não há

MAS ATENÇÃO: não quero com isto dizer-vos que os desordeiros que realmente existem me escaparam. Não, não. Eu vi os vândalos. Estive no meio deles. A diferença é que, aqui, na Eurodisney, não lhes chamam vândalos. Ao que parece, o nome que lhes dão é «crianças». Os vândalos actuam da

seguinte maneira: guincham quase ininterruptamente, fazendo breves pausas para se esfregarem no chão. Alguns, mais evoluídos, conseguem guinchar e esfregar-se no chão ao mesmo tempo.

MAS, MESMO NO MEIO DA BARBÁRIE, há gestos de ternura que nos fazem voltar a acreditar na espécie humana. Conto um episódio: a minha filha, que tinha acabado de se esfregar no chão e ia começar a guinchar, viu o Mickey. E chamou: «Mickey! Mickey!» O Mickey, que tinha dois vândalos pendurados numa perna e um a roer-lhe a cauda, fingiu ignorá-la e fez menção de se esgueirar por uma porta para uso exclusivo dos funcionários do parque, evitando, assim, tirar uma foto com a minha filha que, percebendo isto, começou a guinchar. Indiferente, o Mickey tentava fugir. Era compreensível, dado o estado de

cansaço em que, provavelmente, se encontrava. Tendemos a esquecer-nos de que, dentro daqueles bonecos, estão pessoas que sofrem como nós. Mas eu tinha isso presente, portanto não constituiu surpresa para mim que, quando eu pontapeei uma das canelas do Mickey, a pessoa que estava lá dentro tivesse sofrido como nós e se tivesse disposto, nessa altura, a deixar-se fotografar com a minha filha. «Porque é que o Mickey está a chorar, papá?», perguntou a minha filha. «Deve estar emocionado por te ver, filha.» E estava, o simpático ratinho. ■



O teu subúrbio era mais bonito que o meu

QUANDO EU ERA PEQUENO também vivia em Benfica, António, mas já não vi nada do que tu contas. Nem quintinhas, nem casas baixas, nem o cheiro dos cabedais do sapateiro (a gente já nem ia ao sapateiro: quando os sapatos se estragavam, iam para o lixo e o lixo, parecendo que não, tem muito menos graça que a loja do sapateiro, além de que cheira pior) nem senhoras beatas que transportam a Sagrada Família numa caixa, de casa em casa (aliás, **no meu tempo,**

nando (a primeira vez que vi um rato foi na mercearia do senhor Fernando, uma ratazana grande e bonita, com um rabo muito comprido e ar feliz. Os produtos do senhor Fernando eram mesmo bons) um maluco que tinha sofrido um desgosto de amor no tempo em que ainda não era maluco (maluco era o que nós lhe chamávamos. Tu, que és médico, provavelmente designá-las com um termo clínico qualquer, tipo «chalupa», ou assim) seja como for agora era maluco e dedicava-se a

E é capaz de ser por isto, António, por tu teres vivido num subúrbio muito melhor que o meu, que hoje tu és um grande escritor e eu sou só um palerma. Assim não vale, pá

nenhum desconhecido nos visitava a casa, excepto três senhores encapuzados que, uma noite, passaram por lá. Mas também deviam ser gente religiosa porque, apesar de não trazerem a Sagrada Família, levaram um terço de prata da minha mãe) nem acácias, nem cegonhas, nem pavões. Eu tinha a mercearia do senhor Fer-

recolher papelão e ficava doido (admitindo que os malucos podem ficar doidos) sempre que alguém no bairro comprava um electrodoméstico, não saía da porta do prédio, à espera que deitassem fora a caixa de cartão
Tem caixotes?
estava sempre a perguntar a quem encontrasse na rua

Tem caixotes?
repara, António, que não te estou a imitar, não repeti a frase para obter qualquer efeito estilístico, o que se passa é que o maluco, coitado, era mesmo muito repetitivo

Tem caixotes?
olha, lá está ele outra vez (**uma vez, o irmão do maluco, que não era maluco, descobriu que a mulher o enganava e deu-lhe um tiro. E o maluco contou a história e disse, com a sua voz arrastada de maluco: O meu irmão é maluco)**

e além do maluco havia também um bêbado, que dizem que era médico em S. José (uma vez parti a cabeça, fui de urgência para S. José e estive sempre à coca de ver se me aparecia o bêbado, não fosse ele amputar-me uma perna em vez de me coser a cabeça) e havia ainda a senhora da padaria, que acumulava as funções de padeira com porteira do meu prédio e chefe do centro de inteligência da rua. Reunia informações junto de todas as suas congéneres porteiras e relatava uma súmula aos clientes que levassem pão num valor superior a 50 escudos. Uma vez, o marido da porteira, que era da GNR, afixou na entrada do prédio um papel azul de 60 linhas com selos fiscais e tudo, e escreveu à mão a frase «As órdes da porteira são para serem cumpridas». Depois desse dia nunca mais andei de elevador com a porta interior aberta. E foi essa padeira que, um dia, quando fazia comigo

o rescaldo de um certo Dínamo de Kiev-Benfica, disputado na véspera (além de conhecer profundamente a vida dos meus pais e de toda a vizinhança, a padeira também sabia muito de futebol) me respondeu, na altura em que eu manifestei preocupação pelo facto de o Rui Águas ter partido um pé: Ai partiu? É que eu julguei que fosse fractura.

Foi nesse momento que eu decidi que ia escrever textos humorísticos, e que um dia haveria de inventar alguma coisa tão engraçada como «Ai partiu? É que eu julguei que fosse fractura». Ainda espero por esse dia. E é capaz de ser por isto, António, por tu teres vivido num subúrbio muito melhor que o meu, que hoje tu és um grande escritor e eu sou só um palerma. Assim não vale, pá. ■



A dor das cruzes

QUANDO O MINISTÉRIO da Educação decidiu retirar os crucifixos das salas de aula, os católicos protestaram com estardalhaço e os laicos aplaudiram com estardalhaço. Eu, que aprecio estardalhaço, gostei da medida. E devo confessar que não percebo a posição de nenhuma das partes: nem dos católicos nem dos laicos. Se o objectivo dos católicos é o proselitismo, ficavam mais bem servidos com as cruzes fora da escola. Se o intuito dos laicos é laicizar o ensino, melhor fora que as cruzes permanecessem nas aulas. Porque, como todos sabemos, os miúdos de-

ciado, comecem a distribuir preservativos nas escolas, suspeito que os nossos jovens vão desinteressar-se rapidamente pelo sexo. **E continuo a dizer que a melhor maneira de afastar as crianças da toxicodependência era pedir ao professor de Matemática que anunciasse nas aulas que gostava imenso de consumir vários tipos de drogas.** Não havia miúdo que quisesse experimentar.

PESSOALMENTE, acho bem que as salas de aula das escolas públicas tenham um crucifixo. Por mim, até podem ter um altar inteiro, todo em talha

Acho bem que as salas de aula das escolas públicas tenham um crucifixo. Por mim, até podem ter um altar inteiro, todo em talha dourada. Com uma condição: que as igrejas passem a ter um quadro negro. Parece-me que é o mínimo de reciprocidade que se pode exigir

testam a escola. As cruzes no estabelecimento de ensino suscitam nas crianças tanto amor pela religião católica como os livros de aritmética incutem gosto pelas contas de subtrair isto é, nenhum. Em princípio, os miúdos desconfiam de tudo o que vêem na escola. Se, como foi anun-

dourada. Com uma condição: que as igrejas passem a ter um quadro negro. Parece-me que é o mínimo de reciprocidade que se pode exigir. Se os alunos da escola pública têm aulas com o crucifixo na parede, não vejo por que razão o padre, na missa, deve estar isento de, antes da eucaristia,

escrever o sumário, a giz, no quadro: «Continuação do sumário da eucaristia anterior. Saudação e adoração do Senhor. Leitura dos salmos 71, 107 e 144. Deglutição da hóstia.» Além do mais, numa altura em que há tantas escolas que se queixam de ter as salas vazias, mandar também Jesus Cristo embora já parece uma perseguição. Cristo crucificado era, até agora, uma garantia e um conforto para os professores. Um conforto porque, em certas aulas, era o único dos presentes na sala que assistia à lição sossegado e em silêncio. Uma garantia porque protegia o professor de alunos impertinentes. Imaginemos o seguinte diálogo: Aluno: «Ó stôr, isto da Físico-Química não interessa nem ao menino Jesus.» Professor: «É falso. Caso contrário Ele não estaria aqui a assistir à aula.» Respostas como esta vão deixar de fazer sentido, o que é pena.

POR OUTRO LADO, expulsar Cristo das salas encoraja os alunos com problemas de comportamento:

Mãe: «Como é, Carlinhos? Voltaste a ser expulso da aula?»

Carlinhos: «Sim, mãe. Mas não fui só eu. Também expulsaram Nosso Senhor.»

Dadas as circunstâncias, torna-se difícil aplicar a esta criança o castigo que ela merece.

E mais: é preciso não esquecer que o crucifixo, mais do que um símbolo religioso, é um símbolo civilizacional. O que ali está, afixado nas paredes das nossas escolas públicas, faz parte de uma tradição cultural. É verdade. Pelo menos, se a definição de «tradição cultural» for: «prática imposta por Salazar através de uma lei de 1936 (lei essa em que também ficou definido o organismo que viria a ser conhecido por Mocidade Portuguesa) em que o Estado Novo estipulou que cada escola teria, por detrás da cadeira do professor, um crucifixo.» Se assim for, então é mesmo uma tradição cultural. E das mais bonitas. ■



O chato de todos os portugueses

O S DEBATES entre os candidatos à Presidência da República têm sido extraordinariamente aborrecidos. E esta opinião é unânime, o que se saúda: ainda nenhum deles é Presidente, mas estes candidatos demonstram que já conseguem criar consensos. Até ver, os portugueses estão unidos na convicção de que todos eles são chatos. Já não é mau. Tendo tudo isto em consideração, custa-me, sinceramente, perceber a actual discussão sobre qual deve ser a formação do Presidente da República. Uns argumentam que deve ter uma formação humanística; outros

quem, nos debates, não tem havido discussão de ideias. É preciso não esquecer que estamos a falar de eleições presidenciais.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA não precisa de ter ideias. Até é conveniente que não as tenha. Recordo que este é um cargo que já foi desempenhado com sucesso por Ramalho Eanes. Ramalho Eanes teve uma ideia uma vez, em 1979. Estava com sede e teve a ideia de ir beber um copo de água. Não se lhe conhecem outras. **Lembro ainda que o Presidente tem, no essencial, três tarefas: visitar chefes**

A melhor maneira de escolher um Presidente não é através de debates. O ideal seria organizar um concurso parecido com a saudosa *Cornélia*

defendem que deve ser um economista. Discordo de ambos os pontos de vista. Como é evidente, o Presidente da República deve ser, idealmente, um arquitecto de interiores. Essa é a formação ideal para quem vai desempenhar o cargo de figura decorativa.

Confesso que também não compreendo a indignação daqueles para

de Estado estrangeiros, receber chefes de Estado estrangeiros e apelar à serenidade (sendo que, se quiser, pode combinar tarefas, apelando à serenidade dos chefes de Estado estrangeiros). A discussão de ideias é, por isso, inútil. A melhor maneira de escolher um Presidente não é através de debates. O ideal seria organizar um concurso parecido com a

- saudosa *Cornélia*, em que os candidatos teriam de competir para ver qual deles faz melhor o *check-in* num aeroporto, ou qual deles corta uma fita no mais curto espaço de tempo, com nota artística para o modo de manusear a tesoura.

O CANDIDATO teria de executar as tarefas enquanto, simultaneamente, apelaria à serenidade. Exemplo: Candidato: Aqui tem o meu passaporte e o bilhete de avião, sr. funcionário do *check-in*.

Apelo a que processe os meus dados com serenidade. Ou: Candidato: Vou então inaugurar este troço de dois metros de auto-estrada. Notem como corto a fita com serenidade. Por falar em serenidade: apelo a ela.

No final do concurso, a prova de fogo: os candidatos teriam de ficar de pé sobre um enorme *naperon* de renda, para que um júri pudesse avaliar a sua capacidade de embelezar. É assim e não com debates que se escolhe um bibelot. ■



Conto de Natal

ERA NOITE DE NATAL. Quase sempre, nos contos de Natal, é noite de Natal. Neste, curiosamente, também. Uma chuva fria teimava em cair, como que a dizer a quem passava na rua: «Então esta pluviosidade, hem? A natureza tem fenómenos giros.»

A cidade estava já quase deserta, e era impossível que qualquer pessoa, por mais insensível que fosse, olhasse para as ruas vazias, com as iluminações a piscar e as montras enfeitadas, e não pensasse para si: «Que rica altura para fazer assaltos!» Pensando bem, não se compreende como é que os nossos meliantes não aproveitam melhor a noite de 24 de Dezembro para furtar viaturas e domicílios. É uma dica de Natal que deixo aqui. Na rua, havia apenas algumas pessoas que se apressavam, felizes, para chegar a suas casas a tempo da consoada, e outras que pareciam não ter para onde ir, pois tinham todo o aspecto de ser indivíduos desagradáveis, de quem ninguém gosta. Devia haver um sítio em que todas as pessoas que não são convidadas pelas suas famílias para a ceia de Natal pudessem passar a consoada. Um grande pavilhão com mesas corridas,

em que as pessoas desagradáveis se pudessem reunir e fazer comentários acintosos umas sobre as outras. Haveria um porteiro que perguntaria a quem chegasse: É uma pessoa desagradável? Sou, sim.

ENTÃO PODE ENTRAR. Obrigado. Mas olhe que a temperatura da sala podia estar mais quente e digo-lhe já que as postas de bacalhau me parecem muito fininhas.

Indiferente a tudo isto, Carlos dirigia-se para casa com alguns sacos de compras na mão. Foi quando dobrou a esquina que viu um vagabundo sentado num vão de escada. Carlos pensou: «Diacho, um vagabundo a pedir esmola na noite de 24 de Dezembro. Estarei metido num conto de Natal? Não me dava jeito nenhum, porque estou com pressa.» Uma esmola para um pobre velho pediu o vagabundo, quando Carlos se aproximou. Carlos levou a mão ao bolso e estendeu-lhe uma nota de 20 euros.

O dinheiro é uma oferta simpática disse o vagabundo. Mas... e o calor humano, jovem? Não vou querer, obrigado. Sabe, eu tenho namorada.

Não é isso. Podes convidar-me para



cear em tua casa? Carlos olhou para o velho e teve pena. Teve pena de não ir mais vezes ao ginásio porque, se estivesse em melhor forma física, já teria largado a correr dali para fora. Ainda assim, achou que corria mais do que o vagabundo e aceitou convidá-lo para cear em sua casa. Assim que dobrasse a esquina, desataria a correr e, se não tropeçasse nos sacos, o velho nunca mais o apanharia.

NO ENTANTO, assim que Carlos o convidou para a consoada, o vagabundo ergueu-se, retirou a túnica e, flutuando no ar, disse: Ops. Tive uma tontura. Deve ter sido de me levantar tão depressa. Alguma quebra de tensão, ou assim.

E depois disse: Já estou melhor. Sou o teu Salvador. Aquele a quem tu ajudaste é, na verdade, o Messias. Ah, está boa. Bom, então muito prazer. Boa noite.

Calma, bom homem. Não vás embora. Vou recompensar-te. Pede-me qualquer coisa. Terás tudo o que quiseres. Que desejas? Hum. Não estou a ver. Comprei, na semana, passada uns ténis e agora não há assim nada que eu queira. Adeus, boa noite.

Espera aí, bom homem. Chega de

modéstia. O que é que vai ser? Hum? Jóias? Carros de luxo? Um palácio? O novo DVD do Gato Fedorento? Vamos, pede o que quiseres. Fizeste uma boa acção na noite de Natal, e mereces tudo o que pedires ao teu Senhor.

Ah!... Bom. Sabe, é que eu sou ateu. Ou seja, não leve a mal, mas!... como é que eu hei-de dizer isto?... a verdade é que não acredito, digamos, em si. Pronto, boa noite.

Mau, mas o que é isto? Não acreditas em mim? Então apareço-te na noite de Natal, faço o truque de me fazer passar por vagabundo, flutuo no ar... o que é que queres mais, pá? Não, isso está bonito. Eu é que nunca gostei muito de magia. São feitos.

E foi então que Jesus perdeu a paciência e deu uma carga de pancada bíblica em Carlos. Primeiro, o Messias deu-lhe um chuto nos rins e, depois, assentou-lhe dois bons socos no queixo. A seguir, praguejou umas coisas em hebraico e foi-se embora. Carlos caiu e, por momentos, o fiozinho de sangue que lhe escorria da boca, a caminho da sarjeta, tomou a forma de uma estrela que, sobre a calçada, ficou a brilhar.

Era noite de Natal! ■

10, 9, 8, 7.! Espera **aí**, isto é estúpido

AINDA IMBUÍDO do espírito da quadra natalícia, quero dizer a todos que vou assassinar a próxima pessoa que me mandar um SMS a desejar bom ano novo. E sei que o leitor partilha a minha raiva. Isto da amizade é dos piores flagelos do mundo moderno. Porque o mundo moderno, estupidamente, oferece um vasto leque de opções para os amigos nos mandarem mensagens. Ou seja, o mundo moderno meteu a pata na poça mais uma vez. São mensagens de bom ano novo a chegar em cata-dupa e a provocarem um mau fim de ano velho, na medida em que temos

Obrigado. Sinceramente. Agradecemos a todos. Mas agora parem de mandar mensagens, por favor. Nós prometemos que vamos ter um bom ano. Parem de desejar. A sério. E, para o ano, organizem-se: mandem uma mensagem apenas a dizer: «Bom ano de todos os teus amigos.» Revezem-se, e cada ano manda um. O ideal talvez seja cortar relações com todos os nossos amigos na semana anterior ao Natal e reatá-las apenas em meados de Janeiro. Evitam-se as mensagens e, até, a troca de presentes uma vantagem nada negligenciável. E a verdade é que o Natal é a altura

Gostaria mesmo de pôr em causa toda a filosofia da mensagem de bom ano novo. Que sentido faz desejar bons períodos de tempo? E porquê «bom ano novo» e não «desejo-te um rico semestre», ou «espero que passes um excelente quarto de hora»?

de estar a apagá-las a todas. Posso dizer-vos que tenho o polegar em carne viva.

REPAREM: ao fim das primeiras 600 mensagens, nós já percebemos a ideia. Os nossos amigos querem que nós tenhamos um bom ano de 2006.

em que menos precisamos dos amigos porque, de qualquer maneira, as pessoas vão ser nossas amigas por dever sazonal.

Se me permitem, gostaria mesmo de pôr em causa toda a filosofia da mensagem de bom ano novo. Que sentido faz desejar bons períodos de

tempo? E porquê «bom ano novo» e não «desejo-te um rico semestre», ou «espero que passes um excelente quarto de hora»? Será que, em Março de 2006, o desejo que formulámos em Dezembro de 2005 ainda está a fazer efeito? Nesse caso, para poupar tempo, talvez não seja mal pensado começar a desejar «Bom quinquénio». Arruma-se a questão durante um bom período de tempo. Está desejado, voltamos a falar em 2011.

A única vez em que não me desejaram «Bom ano novo» foi na passagem de 1999 para 2000. Estava em Nova Iorque e havia nas ruas inúmeros fanáticos religiosos de Bíblia na mão, que, em lugar de me desejarem um bom ano novo, me informavam

que, à meia-noite, eu iria sofrer uma morte horrível e dolorosa, aliás, coincidente com o fim do mundo, morte essa que era mais do que merecida, na medida em que eu era um pecador inveterado e repugnante. Foi muito refrescante e agradável, e tão cedo não esqueço aqueles amáveis fanáticos. Curiosamente, umas horas mais tarde, quando regresssei ao hotel, já não os encontrei. Talvez o mundo tenha acabado só para eles. Ou, então, depois da meia-noite, tendo constatado que o mundo não acabara, pensaram: «Hum. Isto de ser profeta do apocalipse não é profissão para mim. É altura de aceitar o cargo de vendedor de alguidares que o meu cunhado me arranhou lá na fábrica de plásticos.» Pela minha parte, tenho pena de lhes ter perdido o rasto. Gostava de lhes mandar um SMS a desejar um péssimo ano de 2006. ■



Índice

- 8 Constituição, alínea b do artigo 39
16-12-2004
- 10 Só vejo sifões à minha frente
23-12-2004
- 12 A cotonete de Luís Figo
30-12-2004
- 14 O Oráculo de Delgado
06-01-2005
- 16 É uma assembleia portuguesa,
com certeza
13-01-2005
- 18 É um míssil! É uma ogiva
nuclear! Não. É um tijolo
20-01-2005
- 20 Eu apareci na capa do 'Expresso'
e vocês não
27-01-2005
- 22 Choques e pavores
03-02-2005
- 24 O homem de que o País
(e o mundo) precisa
10-02-2005
- 26 Dia de genuflexão
17-02-2005
- 28 César das Neves, o 'sex symbol'
24-02-2005
- 30 Portugal, hoje: a vontade de ler
José Gil
03-03-2005
- 32 É preciso preparar o futuro.
Principalmente, o meu
10-03-2005
- 34 Toda a gente é estúpida menos
o Vasco Pulido Valente
17-03-2005
- 36 O canibalismo e as minhas filhas
24-03-2005
- 38 Um roupão para José Sócrates
31-03-2005
- 40 Exijo salários de miséria!
07-04-2005
- 42 Luís Filipe Menezes é como
o Bobó
14-04-2005
- 44 A questão essencial
21-04-2005
- 46 Perigo: condutores portugueses
a 500 metros
28-04-2005
- 48 Ser do Benfica: manual
de instruções
05-05-2005
- 50 Nobel da Paz para Manuel Acácio
12-05-2005
- 52 Nobre Guedes a Presidente
19-05-2005
- 54 Le Portugal, zero points
26-05-2005
- 56 O intrigante caso dos coletes
de segurança
02-06-2005
- 58 Isto precisa é de um Saldanha
Sanches em cada esquina
09-06-2005
- 60 Carta aberta aos bandidos
16-06-2005
- 62 Orgulho 'beige'
23-06-2005
- 64 Estou optimista quanto
ao pessimismo
30-06-2005
- 66 Live 8 ou 80
07-07-2005
- 68 Psht, ó chefe
14-07-2005
- 70 Extremamente 'Silly Season'
21-07-2005
- 72 A idade é um posto.
E é um posto de Presidente
28-07-2005
- 74 Urano, Neptuno, Plutão
e Zé Carlos
04-08-2005
- 76 Isto são quatro palavras
11-08-2005
- 78 Fátima Felgueiras, autarca modelo
18-08-2005
- 80 Parabéns, caro leitor
25-08-2005
- 82 Jornalismo do bom
01-09-2005
- 84 A sorte das borboletas
australianas
08-09-2005
- 86 Vamos fazer implodir Portugal
inteiro
15-09-2005
- 88 Partir a cara por Lisboa
22-09-2005
- 90 O Presidente de todos os bandidos
29-09-2005
- 92 Portugal a ver estrelas
06-10-2005
- 94 Onde é que eu me inscrevo para
ser amarantino?
13-10-2005
- 96 A gripe das aves explicada a todos
20-10-2005
- 98 Seios grandes aqui!!!
27-10-2005
- 100 Precisamos urgentemente
de um desastre
03-11-2005
- 102 Vandalismo em França: prós
e contras
10-11-2005
- 104 A Al Qaeda que não se meta
connosco
17-11-2005
- 106 A verdade sobre a França
24-11-2005
- 108 O teu subúrbio era mais bonito
que o meu O teu subúrbio era mais
bonito que o meu
01-12-2005
- 110 A dor das cruzes
08-12-2005
- 112 O chato de todos os portugueses
15-12-2005
- 114 Conto de Natal
22-12-2005
- 116 7. 10, 9, 8, 7. Espera aí, isto é estúpido
29-12-2005



«A melhor maneira de escolher
um Presidente não é através
de debates. O ideal seria organizar
um concurso parecido
com a saudosa *Cornélia*»

15 Dezembro 2005

«Nós somos pretos. Há muitos
anos que estou convencido disto:
a única razão pela qual
os *skinheads* portugueses rapam
a cabeça é para que não se perceba
que têm carapinha»

23 Junho 2005

«Quantas vezes não vimos já,
no programa *National Geographic*,
um urso a chegar à toca, cansado
de um dia de trabalho, apenas para
encontrar a ursa mergulhada numa
banheira de espuma enfeitada
com pétalas de rosa e velas a toda
a volta, convidando o macho para
uma noite de simples prazer
animal? Tantas»

24 Fevereiro 2005

